



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TACIANE MARCELLE MARQUES

**POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
ATITUDE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA**

Londrina
2013

TACIANE MARCELLE MARQUES

**POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
ATITUDE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida
Baronas

Londrina
2013

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M357p Marques, Taciane Marcelle.

Por uma pedagogia da variação linguística: atitude linguística na sala de aula / Taciane Marcelle Marques. – Londrina, 2013. 147 f. : il.

Orientador: Joyce Elaine de Almeida Baronas.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Linguagem e cultura – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação. – Teses. I. Baronas, Joyce Elaine de Almeida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90-087

TACIANE MARCELLE MARQUES

**POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
ATITUDE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora Joyce Elaine de Almeida Baronas
UEL – Londrina - PR

Profa Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina - PR

Profa Dra. Maria Inês Pagliarini Cox
UFMT – Mato Grosso - MT

Londrina, 18 de junho de 2013.

**Aos meus pais, Marcos e Valéria, pela constante
dedicação em me formar para a vida, nunca
deixando faltar o que me foi essencial: educação,
saúde e formação moral.**

AGRADECIMENTOS

Para escrever os agradecimentos, lembrei-me de muitos momentos mais que importantes, engraçados, desesperados e, sobretudo, acompanhados. Escrever uma dissertação não foi um processo simples, não foi algo que se pode produzir em um ou três meses, como já havia descoberto sobre trabalhos de conclusão de curso, pois esse tipo de pesquisa se produz desde sempre. Cada experiência e cada aprendizado, desde o começo da graduação, estão presentes e colaboram com o todo final. Penso agora e noto que nesses momentos não estava sozinha, por isso preciso agradecer a algumas pessoas, principalmente às que me ajudaram a tornar o sonho dessa produção possível.

Agradeço, em primeiro lugar, à presença maior, que costumamos chamar de Deus, por todas as vezes que me manteve firme, mesmo quando pensava que estava difícil e que o mais fácil seria desistir. Principalmente à Nossa Senhora, minha mãezinha e protetora, por me conduzir sempre, agradeço por tudo.

Sou grata à minha orientadora e professora, Joyce Elaine de Almeida Baronas, não só pela constante orientação, que foi de extrema importância, mas também pela paciência, amizade, compreensão, conselhos e reuniões para concretizar este trabalho. Nossas atividades desenvolvidas no decorrer do mestrado ficaram gravadas em meu caminho profissional e emocional, portanto, demonstro aqui meus votos de gratidão pelos ensinamentos compartilhados.

À CAPES, pela concessão da bolsa.

Mostro-me grata, também, à comissão examinadora, em especial, por todo o conhecimento que vierem a acrescentar após uma cuidadosa e dedicada leitura: Joyce Elaine de Almeida Baronas, Maria Inês Pagliarini Cox e Vanderci de Andrade Aguilera.

Aos grandes mestres, que me ensinaram o valor de uma formação, a qual faça diferença na vida de outros alunos, sendo para eles seu grande mestre. Em particular, agradeço aos professores presentes no Mestrado, que me mostraram quão valioso pode ser um curto período juntos, quando bem aproveitado: Fabiane Altino, Alba Maria Perfeito e Loredana Limoli. Agradeço pela formação disponibilizada juntamente com afeto. Ao professor Carlos Alberto Faraco, por me honrar com sua leitura atenta, mostrando, em suas considerações, que este trabalho segue por caminhos importantes e traz um tema ainda mitificado em nosso cotidiano escolar.

Não poderia deixar de agradecer aos professores que permitiram a realização desta pesquisa, abrindo as portas de suas salas, mantendo-se sempre pacientes. Sinto-me grata também aos alunos, por permitirem a realização deste trabalho ao aceitarem a entrevista.

Agradeço, infinitamente, aos meus pais, Marcos e Valéria, que a todo momento me incentivaram a seguir meus objetivos e nunca desistir, mostrando-me que se meus sonhos

ainda não se realizaram, preciso continuar acreditando e lutando, sem jamais me abater. À minha família como um todo, por me acolher como sempre fizeram cada vez que eu regressava a Paraguaçu, aos avós Domingas, Catarina, Lourdes (Nena), Persio e Tomazinho. Aos mais próximos, Valmir, Sâmia, Kaique, Nádia, Guedão, Luiz Felipe, Maria Laura, Rogério, Maria, Terezinha (Neco), Carlito, Luciana, Bacca, Graça, Karise, Karina, Toti, Vera, João Carlos, Maria Laura, Adriana, Talita, Fernando, sem esquecer das crianças que alegam a casa da vovó e me revelam a beleza da vida: Gilsinho, Ana Beatriz e Maria Julia. À minha brincalhona, que sempre aguarda minha volta, minha cachorra Princesa.

Sou grata de todo coração à minha companheira, que me atura nos piores e melhores momentos, minha gatinha Miaka, convivendo comigo todos os dias, participou de perto e constantemente da produção deste trabalho, mesmo que, na verdade, o que ela quisesse sempre era um tempo pra passear.

Não poderia esquecer de agradecer aos amigos que sempre estão presentes, pois sei que são mais que amigos, são “pra sempre”, claro que não me esqueceria de vocês: Anderson, que me ouviu durante dois anos falando sobre este trabalho, ajudando-me a superar todo o desespero de escrever uma dissertação, mesmo que também estivesse escrevendo uma, sou grata a você do fundo do coração; Eduardo, que sempre acha um jeito de me socorrer quando mais preciso, mesmo que seja por coisas simples ou gambiarras monstruosas (Máquina de lavar ou loucuras de ir à praia em um fim de semana, talvez), diga-me ainda, o que seria de certas formatações deste trabalho se não fosse você?; Letícia, minha amiga pra tudo; Paola, minha irmã morena, que também está louca neste momento escrevendo uma dissertação; Lorrán, meu afilhado querido; Fábio e Marcelo, por me ajudarem a descontrair nos momentos de escrita e leitura; Mercia, por estar sempre presente e me ouvindo, partilhando experiências.

Não poderia esquecer da minha família de Londrina, os amigos do Mestrado, da Especialização e da Graduação, que me acolheram mesmo nas horas que ninguém me aguentava mais. Agradeço de toda a minha alma, pelas conversas, pelos artigos, pelos seminários em conjunto e pelos diversos congressos. Foram dias e noites de diversão, desespero e tudo o mais. Por esses momentos agradeço a todos vocês e, em especial, à Lia, Vanessa, Cássia, Marcelo, Giliane e Dayme.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta dissertação.

**“Mestre não é quem sempre ensina,
Mas quem de repente aprende.
Guimarães Rosa”**

MARQUES, Taciane Marcelle. **Por uma pedagogia da variação linguística**: atitude linguística na sala de aula. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

A variação linguística, tema que busca conseguir um espaço no ensino da Língua Portuguesa, é ainda um estudo complexo para os pesquisadores e professores da rede pública. Dentre os fatores extralinguísticos, as crenças e atitudes, que podem ser positivas, negativas ou neutras, também são responsáveis por manter o caráter coercitivo e normativo da língua tanto quanto são responsáveis por contribuir com a heterogeneidade linguística. Dessa forma, o preconceito linguístico é decorrente do valor atribuído à variedade padrão e, também, do estigma associado às variedades não padrão, nomeadas como erradas pela gramática normativa da língua. Cabe às escolas considerar as variedades linguísticas igualmente como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. Diante desses fatos, a presente dissertação tem como objetivo geral identificar a influência de crenças e de atitudes linguísticas na aprendizagem da Língua Portuguesa de alunos do Ensino Fundamental. Esse objetivo compreende três objetivos específicos: (i) mostrar a existência de crenças linguísticas de alunos reveladas pela atitude linguística positiva ou negativa; (ii) identificar quais fatores ligados às crenças e atitudes linguísticas interferem no ensino da Língua Portuguesa; e (iii) revelar sentimentos de valorização positiva ou negativa em relação ao uso das variedades da Língua Portuguesa por seus falantes. Com base nos pressupostos da Sociolinguística, realizou-se a análise dos dados, a fim de melhor compreender a importância das crenças e atitudes a propósito da variação linguística na escola. A partir dos resultados apresentados, esta dissertação revela valores tanto positivos quanto negativos em relação ao uso das variedades da Língua Portuguesa por seus falantes, pois, ao observar a atitude linguística dos dezoito informantes, pode-se compreender que a maioria assume uma postura positiva com relação ao uso das variedades linguísticas, produtos da língua disponíveis ao falante; por outro lado, as atitudes negativas revelam que os informantes ainda não sentem a necessidade da abordagem da variação na escola.

Palavras-chave: Sociolinguística. Crenças e atitudes linguísticas. Pedagogia da variação linguística. Ensino de língua portuguesa.

MARQUES, Taciane Marcelle. **For a pedagogy of language variation: linguistic attitude in the classroom.** 2013. 147 p. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

The linguistic variation, a theme that seeks to get a space in the Portuguese language teaching, it is still a complex study for researchers and public school teachers. Among the extralinguistic factors, beliefs and attitudes, which can be positive, negative or neutral, are also responsible for keeping the coercive and normative language as much as they are responsible for contributing to linguistic heterogeneity. Thus, the linguistic bias is due to the value assigned to the standard variety and also the stigma attached to non-standard varieties, named as wrong by the grammar rules of the language. It is up to the schools also consider the linguistic varieties also as an object teaching in Portuguese language classes. This dissertation aims at identifying the influence of beliefs and attitudes in language learning Portuguese for elementary school students. This objective is divided into three specific objectives: (i) show the existence of linguistic beliefs of students revealed by linguistic attitude positive or negative, (ii) identify what factors are related to beliefs and attitudes affect language teaching of the Portuguese language, and (iii) reveal feelings of positive or negative valuation in relation to the use of varieties of Portuguese language by its speakers. Based on the assumptions of Sociolinguistics, continued to the data analyzing in order to understand better the importance of beliefs and attitudes regarding the linguistic variation in school. From the results presented, this work reveals both positive and negative values related to the use of varieties of Portuguese language by its speakers, for, by observing the linguistic attitude of the eighteen informants, we understand that the majority takes a positive stance regarding the use of language varieties, language products available to the speaker, however, the negative attitude reveal that the participants are not yet accept the need of an approach to the language variety in school.

Keywords: Sociolinguistics. Beliefs and attitudes linguistics. Pedagogy of language variation. Teaching portuguese language.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?.....	55
Gráfico 2 – Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?.....	56
Gráfico 3 – Homens e mulheres falam igualmente?.....	61
Gráfico 4 – Qual fala é a mais bonita, a do homem ou a da mulher? Por quê?.....	61
Gráfico 5 – Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.	63
Gráfico 6 – Você acha que falar diferente é falar errado? Justifique sua resposta.	67
Gráfico 7 – Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que faz?.....	70
Gráfico 8 – A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por quê?.....	73
Gráfico 9 – Análise das frases.	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –Perfil dos informantes.....	49
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

Inf. Informante

Q Questão

L Linha

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 TRABALHOS COM CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	16
2 NORMA PADRÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	20
2.1 CONCEITO DE NORMAS LINGUÍSTICAS.....	21
2.2 CONCEITO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEUS TIPOS	25
2.2.1 Variação Geográfica	26
2.2.2 Variação Sociocultural	27
2.2.3 Variação Individual	28
2.2.4 Variação De Canal.....	29
2.2.5 Variação Temática.....	31
2.2.6 Variação Histórica	32
2.3 A VARIAÇÃO E SEUS TRÊS CONTÍNUOS	32
2.4 VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA E ERRO	34
2.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA.....	35
3 CRENÇAS E ATITUDES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM PROCESSO RELEVANTE AO ENSINO	40
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
5 ANÁLISE DOS DADOS: EM BUSCA DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS SOBRE SUA PRÓPRIA LÍNGUA E A MANEIRA COMO AS PESSOAS A UTILIZAM	51
5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS: INSTIGANDO A PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	86
REFERÊNCIAS	89

ANEXOS	92
ANEXO A – QUESTIONÁRIO: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	93
ANEXO B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	95
1 Entrevista Com Informante 01	95
2 Entrevista Com Informante 02	98
3 Entrevista Com Informante 03	101
3 Entrevista Com Informante 04	105
3 Entrevista Com Informante 05	107
3 Entrevista Com Informante 06	110
3 Entrevista Com Informante 07	113
3 Entrevista Com Informante 08	116
3 Entrevista Com Informante 09	119
3 Entrevista Com Informante 10	121
3 Entrevista Com Informante 11	124
3 Entrevista Com Informante 12	128
3 Entrevista Com Informante 13	131
3 Entrevista Com Informante 14	134
3 Entrevista Com Informante 15	136
3 Entrevista Com Informante 16	139
3 Entrevista Com Informante 17	142
3 Entrevista Com Informante 18	145

INTRODUÇÃO

*“O professor se liga à eternidade; ele nunca sabe onde
cessa a sua influência”*
Henry Adams

A escolha e o uso de determinada forma linguística depende de fatores como geográficos, socioeconômicos, etários, sexo, e referentes a crenças e atitudes linguísticas do falante. Justamente por isso, documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), defendem, apoiados em estudos científicos de autores renomados como Camara Jr. (1970), Faraco (1994), Geraldi (1996; 1993; 1984), Ilari (1989), Possenti (1996), Soares (1996), Tarallo (1997), que não se pode mais insistir na ideia de que o único modelo de língua seja a norma padrão.

Mas, como o preconceito é decorrente do valor atribuído à variedade padrão e, também, do estigma associado às variedades não-padrão, nomeadas como erradas pela gramática normativa da língua, as variedades linguísticas são esquecidas e deixadas de lado como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa da maioria das escolas do Brasil.

O papel da escola seria proporcionar um ensino da Língua Portuguesa mantendo a noção de língua como um conjunto de variedades, visto que o uso linguístico depende da adequação às circunstâncias de fala ou escrita. Tal constatação constitui, pois, a justificativa deste trabalho, visto que investigar crenças e atitudes linguísticas dos alunos em relação à língua e ao ensino da língua (essa considerada como todas as normas do Português brasileiro) ajudaria a revelar os sentimentos de valoração positiva ou negativa, ou seja, as crenças e atitudes linguísticas que interferem no uso das variedades e, principalmente, na abordagem dessas em contexto escolar.

Optamos por este estudo, sobretudo, porque as crenças e atitudes linguísticas, como já sugeriu Morales (1993), afetam não somente fenômenos particulares e específicos, mas principalmente o ensino de línguas maternas e estrangeiras. Com relação à variação linguística, portanto, destacamos que a construção e a abordagem de uma pedagogia diferenciada na escola dependem de crenças e atitudes que se constroem e fomentam a respeito das variedades da língua em uso.

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar a influência de crenças e de atitudes linguísticas na aprendizagem da Língua Portuguesa de alunos do Ensino Fundamental. O estudo tem como objetivos específicos (i) mostrar a existência de crenças linguísticas de alunos reveladas pela atitude linguística positiva ou negativa; (ii) identificar

quais fatores ligados às crenças e atitudes linguísticas interferem no ensino da Língua Portuguesa; e (iii) revelar sentimentos de valoração positiva ou negativa em relação ao uso das variedades da Língua Portuguesa por seus falantes.

A dissertação é composta de seis capítulos: no primeiro, trazemos uma síntese de alguns estudos sobre crenças e atitudes linguísticas para mostrar a relevância do assunto. Organizamos uma revisão de literatura, intitulada “Trabalhos Com Crenças E Atitudes Linguísticas”, com a apresentação de trabalhos que abordam temas relacionados à pesquisa aqui desenvolvida, a fim de mostrar as perspectivas assumidas nesses trabalhos e sua importância.

O referencial teórico é exposto nos capítulos dois e três. No capítulo dois, intitulado “Norma Padrão e Variação Linguística”, apresentamos a base de nossa pesquisa, ancorada nos estudos da Sociolinguística. Neste capítulo teórico, discutimos o conceito de normas linguísticas, apresentamos a variação linguística e seus tipos, abordamos a variação linguística correlacionada ao conceito de erro e, por fim, a variação atrelada ao ensino da Língua Portuguesa na escola.

No capítulo três, nomeado “Crenças E Atitudes Sobre Variação Linguística: um processo relevante ao ensino”, além de indicar a necessidade que observamos em abordar a variação linguística no ensino da língua em uso, destacamos também as definições para os termos utilizados nesta pesquisa – crenças e atitudes linguísticas – revelando sua importância para os estudos da Sociolinguística.

Nos “Procedimentos Metodológicos”, capítulo quatro, explicamos como foi realizada a coleta de dados para a constituição do *corpus* deste estudo. Apresentamos os sujeitos da pesquisa, o questionário e os locais em que as entrevistas foram realizadas.

Finalmente, no capítulo cinco, tratamos da análise dos dados e da discussão dos resultados, mostrando, a partir das entrevistas, como está presente a variação linguística na escola, por meio das crenças e atitudes linguísticas dos alunos entrevistados.

1 TRABALHOS COM CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão
uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe
faltasse uma gota”*

Madre Teresa de Calcuta

O estudo sobre crenças e atitudes linguísticas já é bem difundido na área de línguas. Entre os trabalhos realizados, destacamos os realizados por Santos (1996), Bergamo (2003), Cyranka (2007), Pastorelli (2009), Silva-Poreli (2010) e Silva (2010). Reservamos um espaço para a apresentação do Estado Atual da Arte, haja vista sua importância para a compreensão desta dissertação.

Santos (1996), preocupado com o ensino da Língua Portuguesa, levantou questões que dizem respeito aos professores, na abordagem da heterogeneidade linguística brasileira. O pesquisador desenvolveu seu trabalho em um colégio de classe média de Pilares, zona norte carioca, onde entrevistou os alunos, seus familiares e professores, e pode examinar como determinadas crenças linguísticas, entre o que é certo e errado, interferem na aceitação ou rejeição de certas variantes da Língua Portuguesa. As variantes foram selecionadas com o auxílio dos professores de Primário do colégio Pilares, eles sugeriram lexicais, sintáticas, morfológicas e fonológicas, porém, a pesquisa delimitou-se à última delas, mas algumas variantes morfológicas também foram inclusas no teste para seleção. Assim, o pesquisador seleciona, finalmente, um conjunto de seis variantes para o trabalho com os adolescentes. Nas análises, essas seis variantes mostraram ter uma realização favorecida, devido seu prestígio, e, no mínimo, uma estigmatizada. Como resultado, o autor apresenta que os adolescentes em geral são bem sensíveis as variantes e ele evidencia também a influência do nível socioeconômico e da pressão escolar: “aparentemente, os alunos do estrato mais baixo não foram antes tão consentizados quanto os outros a respeito das variantes deste estudo. Uma vez no ginásio, porém, logo alcançavam os índices dos adultos de seu grupo” (SANTOS, 1996, p. 41).

Bergamo (2003) elaborou uma pesquisa envolvendo cinco alunos de uma escola pública de Ensino Médio de uma pequena cidade, localizada no sudoeste do Estado de São Paulo. Essa pesquisa investigou as crenças dos alunos de Ensino Médio sobre a norma padrão e não-padrão, a fim de verificar se as práticas escolares tendem a favorecer uma aprendizagem que aceite a variação linguística. Além disso, buscou investigar se os alunos apresentam uma consciência crítica da linguagem, fato que foi confirmado com os resultados

do estudo. Por isso, a pesquisadora indica que se realize, nas escolas, um programa de conscientização crítica da linguagem. Diante disso, ao final do estudo, propõe algumas atividades para o trabalho em sala de aula.

Cyranka (2007), buscando investigar o julgamento em relação a três variedades linguísticas detectadas dentro do contínuo rural-urbano (variedades urbana, rurbana e rural), aplicou um teste de atitude linguística em alunos e professores de quatro escolas públicas e uma particular de Juiz de Fora – MG, bem como em formandos do curso de Letras. A autora apresentou como hipótese as implicações das crenças e atitudes no desenvolvimento linguístico dos alunos, justificando o estudo com a necessidade encontrada pelos professores de mudar as perspectivas de trabalho com a Língua Portuguesa. O teste de atitudes proposto nessa pesquisa revelou a identificação de todos os alunos com a variedade rurbana e também a clara identificação dessa variedade com dimensão de poder, enquanto as variedades rural e urbana são relacionadas com a dimensão de solidariedade. Isso mostra, segundo a autora, tanto a atuação do fenômeno do prestígio encoberto quanto o distanciamento em relação à variedade culta por todos os participantes da pesquisa. Trata-se de um estudo indicativo das crenças a respeito das variedades linguísticas e, ainda, como elas interferem na atitude desfavorável dos alunos com relação ao uso da variedade culta, revelando o julgamento dos falantes sobre a própria língua, ou seja, um ponto interessante a ser repensado para que se possa trabalhar a Língua Portuguesa sem desprestigiar a variedade utilizada pelo aluno.

Pastorelli (2009) focalizou o registro dos róticos e as atitudes dos falantes urbanos da cidade de Londrina – PR frente à fala local, buscando descrever as diferenças e semelhanças que se estabelecem nas crenças e nas atitudes linguísticas dos falantes quando consideradas as variáveis externas: faixa etária, gênero/sexo e região. A autora construiu suas considerações a respeito da atitude linguística e seus três componentes (cognoscitivo, afetivo e do comportamento), identificados nessa pesquisa por meio da análise do posicionamento dos informantes sobre a língua falada na cidade de Londrina. Após análise e descrição detalhadas das crenças e atitudes linguísticas a partir das respostas às questões, essa pesquisa trouxe duas considerações aos estudos sociolinguísticos. A primeira, sobre o registro dos róticos, mostrou que em posição final externa, em verbos no infinitivo, o rótico é apagado, o que normalmente não ocorre em outras classes gramaticais, como bem destacou a pesquisadora, isto porque o informante se preocupava menos com a forma, ou seja, era mais espontâneo durante a entrevista; a pesquisadora observou que a variante retroflexa, típica de Londrina, não é citada com desprestígio pelos informantes locais, mas que a troca do /l/ pelo

/r/ e a falta de concordância verbal e nominal são vistas de maneira negativa, uma variante desprestigiada nessa cidade. A segunda consideração desse trabalho, a respeito de crenças e atitudes, constatou que os falantes tendem a uma atitude positiva ao ter que comparar a fala de sua cidade com a de outra. Dessa forma, o posicionamento positivo parece influenciado pelo fator emotivo - o prestígio para com a própria língua em detrimento de outras. Além disso, os informantes demonstraram preferência da fala feminina em comparação com a masculina, e postura positiva em relação à fala dos idosos confrontada com a linguagem dos jovens. Vale ressaltar, ainda, que, para a autora, de uma maneira geral, os informantes revelaram consciência da existência da variação linguística.

Silva-Poreli (2010), por sua vez, teve como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita – PR sobre a língua espanhola, visto que a Argentina é seu país fronteiriço. A autora apresentou quatro tipos de atitudes positivas desses falantes para com a língua espanhola: “apreço à língua dos ancestrais, sentimento de pertencimento relacionado à etnia, sem que, com isso, haja rejeição aos costumes e à língua portuguesa do Brasil; b) atitude de aceitação, sem maiores restrições à língua e à cultura do Brasil; c) atitude de “tentativa” de manter os valores e as línguas dos antepassados; e d) atitudes muito positivas em relação ao país vizinho, Argentina, e ao seu idioma” (SILVA-PORELI, 2010, p. 100). Apesar disso, a autora também identificou crenças negativas em relação ao idioma alemão, “pois os informantes revelam *dificuldades* em interagir com os alemães uma vez que são *reservados* e a língua alemã é de difícil compreensão” (SILVA-PORELI, 2010, p. 102).

Silva (2010) apresentou os resultados de uma pesquisa descritiva sobre crenças, atitudes e preconceitos linguísticos de falantes de duas cidades do Paraná, Londrina e Pitanga, a fim de verificar a existência do preconceito linguístico entre eles, observando as possíveis causas e as atitudes desses falantes. Essa pesquisa vem revelar que a estigmatização é sobretudo direcionada à fala de Pitanga, mantida tanto pelos informantes naturais da cidade quanto pelos londrinenses. Após avaliar suas hipóteses anteriores e apontar quais se realizam, Silva (2010) concluiu sua pesquisa indicando outro questionamento, ou seja, se o subdialeto do centro do Paraná estaria condenado ao desaparecimento, visto que tanto seus falantes quanto os outros o desprestigiam.

Os trabalhos citados revelam ser de grande importância para esta pesquisa, pois, além de tratarem de contribuições ao estudo das crenças e atitudes linguísticas, apresentam resultados referentes a dados que correspondem em proximidade de assunto ao tema desta pesquisa. Destacamos, em especial, os trabalhos com crenças e atitudes voltados

ao ensino - como os de Santos (1996), Bergamo (2003) e Cyranka (2007), pois motivaram este trabalho ao discutir a situação do ensino da Língua Portuguesa, a partir das crenças e atitudes.

Nossa pesquisa almeja investigar as crenças e atitudes de alunos do Ensino Fundamental, sobre as variedades linguísticas da língua em uso, e observar, partir das crenças e atitudes dos alunos, a abordagem da variação linguística em sala de aula, visto que defendemos uma pedagogia da variação que conduza o alunado a compreender a importância do ensino da língua como um conjunto de variedades, sem preconceitos ou estigmas em relação a determinadas variedades.

2 NORMA PADRÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“Se como resultado da intervenção dos linguístas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa”

Carlos Alberto Faraco

Antes de discorrer a respeito das crenças e atitudes linguísticas dos alunos, convém destacar e definir “norma padrão” e “variação linguística”, visto tais conceitos estarem diretamente relacionados às crenças e atitudes linguísticas. Começamos, portanto com o conceito de normas linguísticas.

2.1 CONCEITOS DE NORMAS LINGUÍSTICAS

Coseriu (1987[1921]) considera a norma como estrutural e estática, e também como o aspecto do falar que representa a tradição cultural e social. Isso se percebe quando o autor distingue norma de sistema, abordando a norma como aquilo que é imposto, por uma tradição, ao indivíduo:

Com efeito, vimos que o que se impõe ao falante não é o sistema (que “se lhe oferece”), mas a norma. Pois bem, o falante tem consciência do sistema, e o utiliza, e, por outro lado, conhece ou não conhece, obedece ou não obedece à norma, mesmo mantendo-se dentro das possibilidades do sistema. Mas a originalidade expressiva do indivíduo que não conhece ou não obedece à norma pode ser tomada como modelo por outro indivíduo, pode ser imitada e tornar-se, por conseguinte, norma. O indivíduo, pois, altera a norma, ficando dentro dos limites permitidos pelo sistema; mas a norma reflete o equilíbrio do sistema num determinado momento e alterando a norma, altera esse equilíbrio, até pender totalmente para um lado ou para o outro (COSERIU, 1987 [1921], p. 80).

Faraco (2008) comenta a proposta de Coseriu (1987 [1921]), afirmando que esse estudioso modifica a perspectiva saussureana dicotômica (langue/parole, sistema/fala) transformando-a em uma perspectiva tricotômica (sistema/norma/fala), assim, a definição de norma elaborada por Coseriu (1987 [1921]) mantém um olhar estruturalista de inspiração

saussureana. A norma seria, dessa forma, “cada um dos diferentes modos sociais de realizar os grandes esquemas de relações do sistema” (FARACO, 2008, p. 34).

Entendemos, pois, que a norma é imposta ao indivíduo, contudo, o indivíduo pode alterar a norma, gerando outra que será também obedecida pelos integrantes da mesma comunidade de fala, levando em conta os aspectos social e cultural.

Considerando a afirmação de Câmara Junior (1970) de que a gramática, desde a greco-latina, era normativa, sobretudo, como uma “arte de falar e escrever corretamente” (CÂMARA JUNIOR, 1970, p. 15), podemos compreender que a norma padrão da Língua Portuguesa seria uma maneira de escrever e falar nessa língua de forma a adotar suas regras existentes, como as formas linguísticas postas como culta por um grupo social socioeconomicamente favorecido e, por isso, tornada como padrão com o decorrer do tempo.

Castilho (2002) comenta a ideia de norma a partir de dois conceitos: amplo e estrito. De um lado, o conceito amplo da norma, ou seja, um fator de coesão social, visto que é próprio das comunidades linguísticas corrigir os desvios da norma, e, por outro lado, o conceito estrito, os usos e aspirações da classe social de prestígio. O primeiro conceito de norma aponta para a compreensão de que a língua serve como um elo social para os indivíduos. Rosenblatt (1967) destaca que a língua “é ao mesmo tempo fator da coesão social e alvo das pressões da sociedade, ciosa de preservar sua identidade” (ROSENBLATT, 1967, p. 117 *apud* CASTILHO, 2002, p. 29), por meio de atitudes linguísticas que se realizam a partir das regras do bom uso.

No caso da norma como conceito estrito, Castilho (2002) distingue norma objetiva, norma subjetiva e norma prescritiva. A norma objetiva, explícita ou padrão ideal, é a linguagem usada pela classe social de prestígio, pela classe culta, escolarizada, e é caracterizada como prestigiosa pela classe social a que está relacionada. Já a atitude dos falantes em relação à norma objetiva é nomeada por Castilho (2002) de norma subjetiva, implícita ou padrão ideal, ou seja, trata-se do que as pessoas esperam que as outras “digam em determinadas situações” (RODRIGUES, 1968, p. 46 *apud* CASTILHO, 2002, p. 30). E a combinação dessas normas (objetiva e subjetiva) resulta na norma prescritiva. A norma prescritiva corresponde, portanto, à prescrição dos “usos linguísticos de uma classe prestigiosa considerados mais adequados a cada situação e melhor identificados com o ideal de perfeição linguística” (CASTILHO, 2002, p. 30). Dessa forma, o caráter unificador da norma prescritiva, segundo o autor, é o principal motivo de ser impositiva, continuando, ainda assim, sujeita a variações.

Castilho (2002) salienta que a norma, em seu conceito mais estrito, é aquela de maior interesse para o ensino, visto que as normas objetiva, subjetiva e prescritiva revelam “os usos e atitudes de uma classe social de prestígio” (CASTILHO, 2002, p. 30).

A partir dessas distinções, o autor constata que existe uma norma escrita, mais conservadora, distinta da norma oral, mais inovadora, visto que as atitudes mudam com o tempo. Assim, é preciso buscar a norma relacionada a cada época em seu próprio período e em sua norma prescritiva. Castilho (2002), ao considerar tanto a norma culta, devido à importância do espaço social a que essa se relaciona, como a pluralidade de normas, especialmente as orais, devido à expansão territorial do país e seu rápido processo de urbanização, apresenta dois registros, respectivamente, a norma refletida e a norma coloquial.

Faraco (2002) defende que, em uma sociedade como a brasileira, existem inúmeras normas linguísticas. Portanto, a norma, qualquer que seja, é a junção de um conjunto de formas linguísticas, bem como um agregado de valores socioculturais. Dentre as normas, destaca a “norma padrão” e a “norma culta”. Essa última é compreendida pelo autor como

[...] a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p. 40).

A norma culta, da parte de seus próprios falantes, produz julgamentos linguísticos de desprestígio, como o de que os falantes de outras normas “‘não sabem falar’, ‘falam mal’, ‘falam errado’, ‘são incultos’, ‘são ignorantes’ etc.” (FARACO, 2002, p. 39).

A “norma padrão” é desencadeada ao longo da história, como sugere o autor, a partir da associação da cultura escrita com o poder social. Essa norma padrão, por sua vez, visou e visa a uma relativa estabilização linguística, com a intenção de neutralizar a variação e controlar a mudança linguística, facilitando a comunicação entre os falantes da nação.

Diante dessas definições, destacamos que a norma culta está muito mais próxima da norma padrão do que as outras. Isto porque, como sugere Faraco (2002), os responsáveis pela implantação e manutenção da norma padrão estão inseridos em grupos sociais, compostos de usuários da norma culta. O autor ainda aponta o fator histórico, responsável por distanciar a norma culta da norma padrão, em especial no Português Brasileiro, posto que a norma padrão foi construída artificialmente, em sua origem,

desconsiderando a norma culta que se utilizava no país. Faraco (2002) explica esse fato mostrando como foi codificada a língua brasileira:

A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência. Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão um certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo (cf. Pagotto, 1998; Faraco, 2002). O modelo não foi, portanto, a língua de Portugal, como muitos pensam, imaginando uma homegeneidade que, de fato, não existe, já que o português de lá é, como qualquer língua, um emaranhado de variedades (FARACO, 2002, p. 42-43).

Dessa forma, percebemos, já no início da língua imposta no Brasil, o distanciamento existente entre a norma culta e a norma padrão artificialmente codificada e assim concebida com base em uma atitude purista e normativa, como afirma Faraco (2002). Convém destacar que a atitude de condenar qualquer uso não purista ou normativo vem prejudicando o ensino, considerando que a norma padrão se tornou fator de exclusão social e discriminação linguística.

Faraco (2008), ao atentar para a norma em três abordagens diferentes (estruturalista, gerativista e variacionista), apresenta uma definição significativa. Para o pesquisador, “toda e qualquer norma (toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua) é dotada de organização” (FARACO, 2008, p. 35), pois a norma é composta por um modo social de realizar os grandes esquemas de relações do sistema e portanto responsável pela organização esquemática do sistema.

Como cada um desses grandes esquemas pode ser considerado uma norma, e ponderando na existência de várias normas linguísticas para a mesma comunidade de fala, é válido destacar que, como aponta Faraco (2008, p. 42), “não existe, em suma, uma norma “pura”; as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas”.

Além de cada comunidade apresentar várias normas, Faraco (2008) defende que cada falante domina mais de uma norma e que, se necessário, para se adaptar às redes de atividades “mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa” (FARACO, 2008, p. 41).

Contudo, ao mesmo tempo em que o indivíduo precisa se adaptar a novas redes de atividades por meio da linguagem, ele também é capaz de modificar qualquer norma, fazendo transformações aceitas e utilizadas por outros indivíduos. Dessa forma, afirma o autor

que “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (FARACO, 2008, p. 41).

Existe, portanto, com relação às normas, uma hierarquização social e uma diferenciação qualitativa. Para o pesquisador, “esta diferenciação ocorre e é feita por determinados segmentos da sociedade tomando por base valores socioculturais e políticos” (FARACO, 2008, p. 54). Mas de todas as diferenciações, ou ainda, designações adjuntas à norma, a mais complexa é a norma culta, pois há, com relação a esse termo, um emaranhado de pressupostos e atitudes por vezes não discerníveis.

Faraco (2008) sugere uma comparação entre a norma culta e a norma padrão, explicitando como, respectivamente, norma do letrado e norma de um construto sócio-histórico, de um instrumento normativo.

Se a norma culta/comum/*standard* é a variedade que os letrados usam correntemente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, a norma-padrão não é propriamente uma variedade da língua, mas – como bem destaca Bagno (2007a) – um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização (FARACO, 2008, p. 73).

Destacamos que, do ponto de vista gramatical, todas as normas (ou variedades) se equivalem, pois são organizadas e complexas. Entretanto, como bem sugere Faraco (2008), isso não garante que elas se equivalham socialmente. Como exemplo, a norma culta, classificada como a utilizada pelos letrados, ou de prestígio social, não pode ser confundida com a norma padrão, a qual corresponde mais a um construto socio-histórico usado para a criação e permanência da uniformização da língua, comportando suas regras de uso.

Embora ainda haja um senso comum com relação à equivalência entre norma culta e norma padrão, motivo pelo qual linguistas e educadores ainda tomam um conceito pelo outro, destacamos a existência de distinção entre os dois termos. Dessa forma, sintetizando o exposto até aqui sobre o tema, podemos afirmar que a norma culta corresponde a fatos da língua utilizados correntemente por grupos sociais mais ligados à cultura escrita, em situações formais de fala e na escrita.

Notamos, então, que a cultura escrita, junto ao poder social, ao longo da história, resulta em um processo fortemente unificador, buscando relativa estabilização linguística, neutralizando a variação e controlando a mudança, que denominamos de norma

padrão, isto é, a norma que busca uma estabilização linguística para facilitar a comunicação entre os falantes da língua a que pertence.

Quando, por fim, a norma em julgamento não é a padrão, nem a culta, mas sim uma que possui variantes para um termo, observamos o desenvolvimento por parte do falante de uma atitude linguística de prestígio ou não em relação às variedades, dependendo de suas crenças já construídas. “Assim, algumas variedades recebem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas e até estigmatizadas” (FARACO, 2008, p. 72). E essas valorações expressas pelos falantes sobre a linguagem resultam a partir de relações sociais constituídas socio-historicamente nas redes de atividades linguísticas em que os falantes estão envolvidos.

2.2 CONCEITO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEUS TIPOS

O fenômeno da variação linguística conduz ao da mudança, compreendemos que quando existe duas ou mais variantes em competição, uma delas acabará por vencer a outra, modificando a língua. Os estudos que prezam pela relação entre língua e sociedade desenvolvem pesquisas envolvendo e utilizando a categorização a partir de fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros.

Para definir esse fenômeno, Camacho (1988) comenta que cada sujeito tem seu modo de falar e que “a linguagem humana varia de acordo com o grau de contato entre os seres que constituem a comunidade universal” (CAMACHO, 1988, p. 29), além disso, afirma existirem diferenças tanto entre os idiomas, que “identificam os nativos de uma nação” (CAMACHO, 1988, p. 29), quanto entre grupos menores, pois a língua “se transforma no tempo e se diversifica no espaço” (CAMACHO, 1988, p. 29). A variação existe em diferentes lugares e também pode ser utilizada pelos mesmos indivíduos, em diferentes situações de comunicação, adequando-se a sua necessidade.

As línguas, de acordo com Castilho (2010), são heterogêneas, visto que ajudam o sujeito a dar conta das muitas situações sociais em que se envolve, e precisam, também, adaptar-se a diversos momentos históricos, por isso, para o autor, são predispostas à mudança, visto que os grupos humanos são dinâmicos. Mesmo com variação e mudança na língua, há comunicação eficiente entre o locutor e o interlocutor, pois, de acordo com o autor, eles fazem suas escolhas no multissistema linguístico, deixando sua marca ao escolher uma variante ou outra.

As variantes linguísticas compõem, segundo Castilho (2010), cada conjunto de variação, tais como variação sociocultural, variação geográfica, variação de canal, entre outras.

Cada uma dessas variações, por sua vez, é organizada por um conjunto de variantes*, ou seja, um conjunto de usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade. Com isso, entende-se por variação a manifestação concreta da língua, e por variedade a soma idealizada das variações. Se fôssemos dispor esses conceitos numa hierarquia, teríamos: variante > variação > variedade. (CASTILHO, 2010, p. 197)

Ao classificar os tipos de variação, Camacho (1988, p. 36) ressalva: “é falso supor que coexistam de forma independente numa língua qualquer”, sendo todas essas variações causadas por fatores sociais e linguísticos. Castilho (2010) também partilha dessa afirmativa, pois, segundo ele, os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as regras variáveis são decorrentes de fatores sociais e estruturais.

Os tipos de variação linguística podem ser classificados, considerando seu caráter pedagógico tanto para pesquisas quanto para o ensino, de acordo com a proposta de Camacho (1988): (1) histórica ou diacrônica, (2) geográfica ou espacial, (3) social e (4) estilística. Castilho (2010), por sua vez, divide a variação linguística do Português Brasileiro em (1) variação geográfica, (2) variação sociocultural, (3) variação individual, (4) variação de canal e (5) variação temática.

As variações não coexistem de forma independente da língua, porque a língua é o conjunto de variedades, como já afirmou Faraco (2008). Sobretudo, “não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto de variedades” (FARACO, 2008, p. 71).

Convém discorrer aqui a respeito dos tipos de variação, visto serem importantes para a compreensão da discussão posterior neste trabalho, considerando que analisamos as crenças e atitudes linguísticas dos alunos com relação à variação linguística e, principalmente, à função dessas variações no processo de aprendizagem. Tomamos, então, por base a classificação de Castilho (2010).

2.2.1 Variação Geográfica

Castilho (2010) apresenta a variação geográfica como um fenômeno de diferenças linguísticas observadas entre regiões. Ponderando que o falante de qualquer língua

natural pertence a um espaço geográfico, o autor assevera a existência de uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que vão deixando em sua produção linguística. Dessa forma, uma língua natural contém diferentes dialetos relacionados ao espaço geográfico que ocupa. Destacamos a noção de dialeto:

Dialeto

1. Variedade linguística* especificada por sua distribuição geográfica. O português brasileiro compreende dialetos do Norte (amazônico, paraense), do Nordeste (pernambucano, bahiano), do Sudeste (caipira, carioca), do Centro-Oeste (cuiabano) e do Sudeste (paranaense, catarinense, gaúcho) (CASTILHO, 2010, p. 671).

Podemos afirmar que dialeto corresponde às variedades regionais assinaladas por diferentes graus de intercompreensão. No Brasil, dentre as possibilidades de variação linguística, a variação geográfica é uma das mais perceptíveis para os falantes, dada a amplitude territorial do país, sendo perceptível a diferença entre falantes de regiões distintas, pois o falante de outra região de origem possui marcas específicas na produção linguística que difere em sua fala.

Camacho (1988) também discorre sobre o assunto e o apresenta como um fenômeno linguístico relacionado menos ao aspecto da geografia física e mais à história de povoamento das regiões, visto que o pesquisador sugere a variação linguística de uma região para outra, decorrendo do fato de os nativos de determinado local constituírem uma comunidade linguística, um grupo linguístico que assume uma atitude linguística. Os limites de uma comunidade linguística, no entanto, nem sempre são os mesmos dos limites políticos de um estado ou região, tal como os limites da diversidade linguística espacial.

Outra forma de variação linguística tão perceptível para o falante quanto a variação geográfica é a sociocultural, pois o falante também consegue diferenciar a linguagem culta e a popular, optando e mesclando-as em determinadas situações.

2.2.2 Variação Sociocultural

O fato de cada falante proceder de um segmento diferente da sociedade também pode favorecer a variação da língua. Segundo Castilho (2010), para sistematizar as variedades socioculturais, devemos considerar o falante não escolarizado e o falante escolarizado visto que aqueles, normalmente, usam o Português popular e estes usam o Português culto. Castilho (2010) destaca, porém, que nenhum falante é exclusivamente falante

popular nem falante culto, já que o que distingue uma variedade de outra é a frequência de uso de uma variante. Assim, o autor revela:

(1) não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo em muitos casos um compartilhamento de propriedades; (2) em certos casos, a preferência culta exclui fortemente a preferência popular; (3) em situações informais diminui a distância entre essas variedades, e o falante da execução popular, ainda que não em todos os casos; (4) as variedades populares flutuam de acordo com a região geográfica, mas a fala culta é um pouco mais homogênea, sobretudo em sua forma escrita (CASTILHO, 2010, p. 209).

O estudioso atenta ainda para o fato de essas duas modalidades, a fala popular e a fala culta, terem sido trazidas pelos portugueses, ou seja, elas também possuem características da variação diacrônica. E, com relação à norma culta, explica que se tem observado nas diversas comunidades de fala a existência, em qualquer época, de uma variedade linguística de maior prestígio, a norma culta, lembrando que essa variedade sofre mudanças no eixo diacrônico.

2.2.3 Variação Individual

Segundo Castilho (2010), a variação individual é observada a partir de um conjunto de parâmetros: o sociocultural, que já foi definido anteriormente, o registro, a idade e o sexo. Quanto ao registro, o pesquisador também aborda de forma isolada na variação de canal, é dividido em formal (ou refletido) e informal (ou coloquial), sendo esses distintos por graus de intimidade entre os falantes, de forma que essa diferenciação é causada pela escolha dos recursos linguísticos adequados a determinadas situações. Na variação individual por idade, por sua vez, o autor aponta as diferenças entre a linguagem de idosos e de crianças, visto que os idosos falam como antigamente e as crianças utilizam, em sua fala, as mudanças da língua, acatando as variantes novas. Por fim, o autor define a variação relacionada ao sexo, ou seja, quando existem marcas de heterogeneidade entre a fala do homem e da mulher.

Para Camacho (1988), a variação social corresponde à semelhança encontrada na fala de indivíduos do mesmo grupo sociocultural de determinada comunidade. Assim, os fatores que determinam as variedades linguísticas sociais são: nível socioeconômico, grau de educação, idade e sexo do indivíduo, isolados ou conjugados entre si. Essas diversidades em comunidades linguísticas não causam dificuldades de compreensão, mas dão “indício de alto ou baixo grau de prestígio” da variante de acordo com o grupo

socioeconômico que a utiliza. Essa variação está relacionada à variação individual, como nomeada por Castilho (2010).

A respeito do fenômeno linguístico em que grupos isolados compartilham a mesma variedade linguística, destacamos as gírias, um escape da norma linguística providenciado por um grupo específico. Preti (1984) atribui como finalidade do uso das gírias o desejo de originalidade do indivíduo e a vontade de ser compreendido somente por indivíduos do mesmo grupo. Para o autor, quando a linguagem especial de um grupo serve para marcar a originalidade, transforma-se em signo de grupo, ou seja, uma linguagem com aspectos linguísticos específicos capazes de se opor à norma padrão em vigor no período em que o grupo está em vigência. Para classificar a gíria como um signo de grupo, o autor explica esse fenômeno linguístico:

Caracterizada como um vocábulo especial, a gíria surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação. (PRETI, 1984, p. 03).

Essas características de originalidade e autoafirmação que a gíria pode proporcionar aos grupos sociais, cativam os jovens, pois uso dessa linguagem identificadora lhes proporciona um ambiente de convívio restrito. Preti (1984) aponta dois tipos de grupos que se utilizam das gírias, de um lado, os marginais (tais como os malandros) que precisam de uma linguagem de uso somente no grupo e, por outro lado, os intelectuais (tais como os estudantes universitários), por se tratar de uma pequena comunidade linguística atenta ao uso de uma fala original.

2.2.4 Variação De Canal

Castilho (2010) destaca que as línguas naturais são dialógicas e, por isso, na comunicação, tanto na fala, quanto na escrita, o locutor deve considerar o interlocutor, presente ou ausente. O pesquisador propõe um *continuum* língua falada – língua escrita, baseado em outros autores: Tannen (1982), Chafe (1987a, 1994), Berruto (1985a), Biber (1988), Marcuschi (1997). Segundo Castilho (2010), as variedades língua falada e língua escrita não estão cada uma em um polo distinto, mas se dispõem em um *continuum*, passando

da oralidade para a escrituralidade (conversa – conferência, discurso – notícia de Jornal – ensaio).

Enquanto Castilho (2010) trata da variação de canal, Camacho (1988) aborda a variação estilística, e, ao fazê-lo, informa que o indivíduo pode se adequar a qualquer situação de comunicação, visto que “não há falante de região e meio social homogêneos que fale sempre da mesma forma” (CAMACHO, 1988, p. 33), portanto, cada ato linguístico do indivíduo revela sua atitude linguística e apresenta um estilo específico de linguagem, que pode oscilar entre o formal e o informal, os quais, segundo o autor, não podem ser confundidos com as noções de língua escrita e língua falada. Assim, os estilos formal e informal estão presentes tanto na língua falada quanto na escrita, e, mais ainda, podem intercalar em turnos durante a mesma atividade linguística.

Conhecida como a variação referente ao meio ou à modalidade, a variação de canal está, por sua vez, “associada ao uso de diferentes meios ou veículos” (ILARI; BASSO, 2006, p. 180).

Chafe (1985) destaca as formas de variação linguística produzidas por diferenças entre a língua falada e a língua escrita, a fim de mostrar a tendência ao uso das variantes linguísticas na fala ou em textos de caráter coloquial, ou seja, quando utiliza a linguagem informal. É preciso ressaltar que a oralidade não corresponde somente ao nível coloquial, tal como a escrita não deve ser relacionada somente ao nível padrão.

Salientamos, ainda, a existência de diferenças entre a língua falada e a língua escrita:

On a larger time scale we can consider the evanescence of speaking and the permanence of writing, a difference that leads to the preservation of more conservative traits in the latter, spoken language being the principal site of ongoing language change, both lexical and grammatical. Written language holds onto older traits longer; spoken language is constantly introducing new ones. (CHAFE, 1985, p. 122)¹.

Marcuschi (1997) afirma que a fala possui uma primazia indiscutível sobre a língua escrita, visto que todos os povos possuem ou possuíram uma tradição oral. A escrita, por sua vez, é considerada uma prática social com uma história relevante, pela maneira como

¹ Em uma escala de tempo maior, podemos considerar o esvaecimento da fala e a permanência da escrita, uma diferença que conduz para a preservação dos traços mais conservadores na segunda, a língua falada é o principal lugar de mudança linguística em curso, tanto lexical quanto gramatical. A língua escrita mantém traços mais velhos por mais tempo; e a língua falada está permanentemente introduzindo novas (tradução nossa).

permanece na sociedade, um bem indispensável. O autor postula, também, que a fala é adquirida naturalmente em contextos informais, enquanto a aquisição da escrita ocorre em contexto formal, como o existente na escola. Ressalta, ainda, que tanto a escrita quanto a oralidade são necessárias na sociedade, porém cada uma possui seus papéis e seus contextos de uso, essenciais para não discriminar seus usuários.

2.2.5 Variação Temática

O Português corrente, ou seja, aquele com assuntos do dia a dia, e o Português técnico, aquele com assuntos especializados, compõem os exemplos denominados por Castilho de variação temática, sugerindo como modelo a linguagem do cidadão comum em contraste com a linguagem dos cientistas, dos clérigos, dos políticos, etc.

O pesquisador indica que termos da linguagem técnica podem ser encontrados no Português corrente, quando a técnica está relacionada a uma atividade de importância social para a comunidade de fala. No Brasil, por exemplo, o pesquisador aponta a importância social do carnaval e do futebol e o reflexo sobre a linguagem técnica, pois devido à importância social desses temas, os indivíduos passam a observar essas práticas e a utilizar essas linguagens técnicas em seu dia-a-dia, como ocorreu com o termo *drible*.

Quando observamos o verbo *driblar* no dicionário Aurélio (2004), encontramos duas subentradas, a primeira referente ao significado geral do lema driblar, que é iludir, enganar ou lograr, e a segunda, como indica a entrada, referente ao futebol (Fut.), correspondendo a uma prática futebolística que descreve a ação de driblar como ocorre em uma jogada.

dri.blar

Verbo transitivo direto. 1. Iludir, enganar, lograr. 2. Fut. Enganar (o adversário), negaceando com o corpo e mantendo o controle da bola, a fim de ultrapassá-lo; fintar. (FERREIRA, 2004, -).

Vale ressaltar a importância dessa segunda subentrada para o lema driblar, pois, assim, podemos ver o uso social do termo, mas ele pode existir em outras práticas linguísticas com o mesmo significado: enganar alguém. Os falantes usam a expressão driblar muitas vezes fora do contexto futebolístico, e, ao mesmo tempo, associando a expressão a essa prática. Observando o slogan da campanha nacional de combate ao câncer de próstata – “Um toque, um drible”, apoiada pelo Instituto Lado a Lado pela Vida, notamos como a

expressão particular de uma linguagem técnica ajuda a transmitir a mensagem ao mundo masculino.

Essa frase da campanha nacional utiliza o termo *drible*, bem conhecido dos homens, grande maioria fãs de futebol, para conseguir alcançá-los, a fim de incentivá-los a fazer o exame de próstata, pois assim, seriam os espertos driblando/engando o mal a que estão sujeitos.

2.2.6 Variação Histórica

Camacho (1988) discorre sobre a variação histórica e afirma ser necessário, para que se verifique a ocorrência dessa modalidade, uma observação de dois estados sucessivos da mesma língua. Para isso, a língua escrita, “que faz preservar o passado de um instrumento de comunicação” (CAMACHO, 1988, p. 30), é a maior responsável pelo reconhecimento dessas variedades. A respeito das variantes históricas, aponta:

[...] podem conviver no mesmo plano temporal variantes em desuso com suas respectivas substitutas, estritas, porém, a alguns poucos falantes de idade avançada que, paralelamente à evolução dos usos e costumes, mantêm formas de expressão adotadas como prestigiosas pela norma pedagógica ou social de décadas atrás (CAMACHO, 1988, p. 30).

Há um problema para o ensino em decorrência da permanência, no mesmo tempo e lugar, de variantes em desuso juntamente com suas formas substitutas, isso porque cada classe de falantes adere à forma que lhe convém. Dessa forma, há uma descontextualização dessas variantes, por exemplo, em obras canônicas utilizadas como objeto de ensino em instituições escolares, visto que raramente as variantes presentes em uma obra de época diferente à do aluno serão do conhecimento desse falante. Essa variação, quando não explicada ao aluno devidamente, torna-se um bloqueio para a compreensão do texto. Com isso, cabe ao professor conduzir a leitura de textos canônicos de nossa literatura, atentando para as palavras em desuso e suas substitutas, como *cousas* e *coisas*, por exemplo.

2.3 A VARIAÇÃO E SEUS TRÊS CONTÍNUOS

Consoante Bortoni-Ricardo (1984), no Brasil, é comum a ocorrência de problemas de comunicação entre falantes da mesma língua, pois

[...] a língua portuguesa no Brasil apresenta uma ampla gama de variação que pode ser melhor compreendida se imaginarmos um *continuum* em cujas extremidades se colocam, de um lado, os dialetos rurais falados em áreas isoladas, e, de outro, a variedade padrão falada em áreas urbanas pelos grupos sociais com alto nível de instrução. (BORTONI-RICARDO, 1984, p. 10).

Bortoni-Ricardo (2004) propõe, para compreender a variação no Português brasileiro, três contínuos: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística. A respeito do contínuo de urbanização, a pesquisadora destaca a variedade rurbana, visto que se pode encontrar, nas áreas urbanas brasileiras, migrantes das áreas rurais, que ainda apresentam dificuldades de comunicação na interação cotidiana com falantes da norma culta ou no simples convívio com a cultura urbana. O *continuum* proposto por Bortoni-Ricardo (2004) trata da língua falada no Brasil, apresentando as variedades possíveis: rural, rurbana e urbana. Dessa forma, utiliza o contínuo de urbanização para situar os falantes de acordo com seus antecedentes e seus atributos.

No *continuum* oralidade-letramento, Bortoni-Ricardo (2004) dispõe os eventos de comunicação, conforme sejam mediados pela língua oral ou escrita. Esse contínuo é um tema corrente e as pesquisas nesse sentido vêm notando como é limitado o acesso à totalidade desses contínuos pelos usuários da Língua Portuguesa e apontam para a necessidade de as instituições escolares favorecerem um pluralismo linguístico nacional, buscando, no decorrer do ensino, refletir a respeito da norma culta relacionada à classe de prestígio, bem como sobre os problemas de comunicação.

No terceiro contínuo exposto pela autora, o *continuum* de monitoração estilística, são situadas tanto as interações totalmente espontâneas quanto as previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante, possibilitando, dessa forma, ao usuário da língua adaptar sua linguagem.

Ilari e Basso (2006) abarcam o assunto da diferença entre oralidade e escrita, ao abordarem a variação diamésica, a qual, segundo os autores, trata do estudo das diferenças entre a língua falada e a língua escrita, afirmando, assim, existirem uma “gramática do falado” e uma “gramática do escrito”.

Os autores estendem tal nomeação para a variação do gênero discursivo: “conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios” (ILARI; BASSO, 2006, p. 185), além de afirmarem que “diferentes gêneros têm uma tradição própria e utilizam uma linguagem fortemente marcada pela natureza do veículo adotado em sua transmissão” (ILARI; BASSO, 2006, p.

185). Podemos sugerir, em síntese, que cada gênero discursivo usa um vocabulário, uma gramática e um suporte textual específicos, a depender da finalidade de seu produtor no processo de interação verbal.

2.4 VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA E ERRO

Diante da polêmica atual a respeito do que o aluno pode ou não escrever e falar, decidimos especificar o que se entende por “erro”, ou aquilo que não é aceitável. Para a gramática normativa, “erro” é o desvio da norma padrão. Sabemos que essa norma visa a uma relativa estabilização linguística, por isso qualquer divergência é considerada erro e, dessa forma, é errado quando um indivíduo constrói a sentença “A gente vamos no cinema”, que está fora das possibilidades oferecidas pela norma padrão da Língua Portuguesa.

A Sociolinguística rejeita o termo “erro” em se tratando de correção oral, visto que postula os conceitos de competência e desempenho, com os quais não condiz a ideia de “erro”, mas sim “adequado” ou “não” às expectativas do ouvinte sobre a situação de comunicação, que “decorrem das imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, dos papéis sociais que estejam desempenhando e das normas e crenças vigentes na comunidade de fala” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 272). A autora afirma também que o erro na fala é um fato social, explicado só pela (in)adequação de certas formas a certos usos. Assim, o erro é substituído pela noção de diferenças entre variedades ou estilos.

Podemos justificar a escolha do uso do termo “erro” por Bortoni-Ricardo (2006), mesmo em se tratando de um texto com base teórica sociolinguística, pois, em relação à ortografia, é aplicável o conceito tradicional de erro, visto que este, na língua escrita, “representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 273), construído em anos e não prevendo variação. A autora afirma que a variação só está prevista na língua oral, e não na língua escrita, por se tratar de um código rígido sem opção de transgressão. Esse caráter regrado da linguagem escrita tem seu valor, uma vez que, por meio dele, torna-se possível que qualquer falante letrado possa ler um texto escrito.

A partir dessa discussão, a pesquisadora sugere ser necessário ensinar aos alunos tanto os recursos da variação oral quanto a ortografia canônica. Por isso, “um professor poderá aceitar de seu aluno tanto ‘eu encontrei ele no jardim’, quanto ‘eu o encontrei no jardim’, dependendo do contexto em que o enunciado apareça. Mas não poderá jamais aceitar

que um aluno do Ensino Médio escreva: ‘eu encomtrei...’” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 274).

Vale ressaltar que, por mais que a ortografia seja canônica e possua suas regras de uso, ela ainda, desde o acordo ortográfico de 1990, prevê casos de variação, como ocorre em tônico/tônico, bebé/bebê, cocó/cocô, económico/econômico entre outras. O acordo ortográfico admite esses usos justamente por embasar-se na variação de pronúncia entre Portugal e Brasil.

Diante do exposto, destacamos o modelo de categorias de erro desenvolvido por Bortoni Ricardo (2006), sendo de natureza sociolinguística, pois, de acordo com a autora, “trata-se ainda de uma formulação restrita a variáveis morfofonêmicas, que pode e deve ser ampliada, a fim de incluir, nas categorias, as escalas implicacionais empregadas nos modelos tradicionais” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54). São quatro as categorias postuladas pela autora, as quais podem ser divididas em dois grupos: o primeiro contendo a categoria (1), em que os erros são resultantes do conhecimento insuficiente das sistematizações da língua em estudo, e o segundo grupo com as categorias (2), (3) e (4), nas quais os erros são decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita.

O domínio da ortografia, como indica Bortoni-Ricardo (2006), é lento e demanda tempo, pois, para que o aluno domine bem as regras ortográficas, é necessário um trabalho para todos os anos escolares. Justamente por isso, os alunos cometem erros ortográficos, sendo tarefa do professor levantar esses erros a fim de entender “como a hipótese heurística do aluno foi construída” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 275).

Nesse ponto, a autora ressalva que, somente analisando os erros de ortografia, o professor poderá produzir uma agenda de atividades pedagógicas propondo um trabalho com os alunos que os ajude a superar os erros. Essa intervenção, segundo a autora, pode-se dar de duas formas: a) quando se tratar de produção oral, o professor deve ajudá-los a encontrar a variante adequada à comunicação; b) e quando for correspondente à escrita, deve, sobretudo, promover a forma gráfica canônica. A partir disso, afirmamos então a existência do erro no texto escrito quando se tratar de um desvio de ortografia.

2.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Assim como se faz necessário compreender a importância do uso de dois termos – erro e inadequação – dependendo da atividade a ser avaliada em sala de aula, é preciso demonstrar a relação da variação linguística com o ensino da Língua Portuguesa, pois

acreditamos que as crenças dos alunos sobre variação linguística interferem na aprendizagem da Língua Portuguesa, sendo essa compreendida em sua totalidade de variedades.

Sobre variação linguística e ensino, Camacho (1988) assevera que a função da escola pública é, dentre outras coisas, inculcar nos alunos atitudes linguísticas que não desprestigiem a língua vernácula. Ele ainda aponta que, no ensino, existem momentos pertinentes para mostrar as formas de variação linguística para os alunos, ensinando-lhes que cada variedade tem sua situação adequada de uso, não privilegiando somente a norma padrão.

A escolha e o uso de determinada forma linguística em vez de outra depende de fatores geográficos, socioeconômicos, bem como da faixa etária, do sexo e da crença e atitude linguística do falante. Justamente por isso, documentos oficiais, como os PCN, defendem que “não se pode mais insistir na idéia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio” (BRASIL, 1998, p. 31).

Entretanto, como o preconceito é decorrente do valor atribuído à variedade padrão e também do estigma associado às variedades não padrão, nomeadas como erradas pela gramática normativa da língua, destacamos que as variedades linguísticas são esquecidas e deixadas de lado como objeto de ensino na maioria das aulas de Língua Portuguesa. Contudo, vale ressaltar o enunciado dos PCN:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, ou de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, ou de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).

O papel da escola seria, então, proporcionar um ensino da Língua Portuguesa mantendo a noção da língua como um conjunto de variedades representadas por alguns exemplos de variação linguística, visto que tudo depende da adequação ao uso.

[...] No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

Castilho (2002), ao discorrer sobre variação linguística correlacionada ao ensino, afirma a necessidade de considerar o perfil da sociedade, dos alunos e dos professores, para que se reflita em que espaço social está se inserindo o ensino da norma de uso e como se estabelecem as atitudes a respeito da Língua Portuguesa. Com relação à sociedade nacional e aos alunos, o autor indica não terem caráter uniforme, daí a dificuldade para impor o padrão linguístico de uma classe social sobre a outra. E, com relação aos professores, dentre tantas características, o autor ressalva a existência de “certo tradicionalismo” que assumem em suas práticas de ensino da Língua Portuguesa, lembrando, por fim, o quanto isso vai de encontro ao perfil dos alunos descrito pelo autor em seu texto.

O pesquisador, diante desses apontamentos, recomenda considerar a melhoria dos profissionais de Letras, por meio de mudança no currículo desse curso, “trazendo-o para a realidade do ensino e norteando-o mais claramente para a formação do professor” (CASTILHO, 2002, p. 34). Ressaltamos que essas indagações e sugestões do autor, feitas na década de 1970, são ainda hoje pertinentes para o ensino da Língua Portuguesa, visto que pouca coisa mudou e a sociedade e os alunos mantêm seu caráter heterogêneo e tanto os professores quanto os currículos precisam se adaptar a tais demandas.

Camacho (2006) também discorre a respeito da pedagogia da Língua Portuguesa. Para ele, a forma como a língua vem sendo ensinada desempenha tradicionalmente o modelo da deficiência, já que considera a variação linguística como desvio da norma culta (aquela mais próxima das classes mais privilegiadas), isso porque “o principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais” (CAMACHO, 2006, p. 69). Seria função da escola, portanto, substituir a variedade não padrão pela padrão. Para a Sociolinguística, as formas de variação de linguagem não precisam passar por um crivo valorativo, pois, como sugere o autor, são formas alternativas do sistema linguístico.

Caberia à escola, dessa forma, uma tarefa fundamental com relação à abordagem da variação linguística em sala de aula: “cumpra-lhe despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação” (CAMACHO, 2006, p. 69).

Bagno (2007) aponta para a necessidade de aplicar ao ensino a pedagogia da variação linguística e sugere que essa abordagem ocorra de forma organizada. Refletindo, portanto, sobre o modo de tratar os fenômenos de variação e mudança no ensino da língua materna, o pesquisador propõe que a melhor opção seria “reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser

empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania” (BAGNO, 2007, p. 78), pois, qualquer ensino que priorize uma análise desconsiderando um desses pontos de vista – o científico ou o senso comum – pode ser considerado incompleto, além de não revelar a realidade linguístico-social do alunado. Nessa reflexão, Bagno (2007) defende uma reeducação sociolinguística como papel do professor de Língua Portuguesa.

Quando esse autor escreve sobre esse tema, remete a uma educação nova, aquela que segue a primeira educação. Enquanto que a primeira educação ocorre quando o indivíduo aprende a falar com o que tem disponível ao seu redor, a reeducação é uma organização dos saberes linguísticos em ambiente escolar. Assim, tudo o que o indivíduo aprendeu espontaneamente vai se transformar em saber formalizado. O aluno aprenderá a língua como um objeto de estudo sistemático e reconhecerá que todas as manifestações verbais – faladas ou escritas – estão sujeitas a julgamento e, devido a essa avaliação social, observará que a língua é, além de um meio de comunicação, um poderoso instrumento de controle social, sempre um lugar de conflito.

Por esse raciocínio, a reeducação sociolinguística só acontecerá quando, a partir daquilo que o aluno já sabe muito bem (ou seja, falar sua língua materna), o professor incentivá-lo a realizar reflexões a respeito da língua e conhecer os juízos de valor sociais (suas crenças) sobre a própria língua. Bagno (2007) propõe, destarte, que no ensino da língua materna se apresentem aos alunos as manifestações verbais por meio de suas análises, a fim de conhecer as crenças linguísticas sobre sua língua materna para manter ou transformar, quando necessário, suas atitudes linguísticas.

Faraco (2008) discorre a respeito da situação da pedagogia da variação linguística, apontando a instituição de diferentes gêneros discursivos no ensino de Língua Portuguesa como passo importante, especialmente com relação à pedagogia da leitura e da produção de texto, já que não mais se privilegia somente um tipo – o texto literário (para a leitura) ou a redação (no caso da produção de texto) – já que é obrigação da escola oferecer tanto a experiência da literatura quanto o convívio com os textos de ampla circulação sociocultural. Entretanto, o autor ressalta que ainda estamos muito atrasados na construção de uma pedagogia da variação linguística: “Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado” (FARACO, 2008, p. 176).

Segundo esse pesquisador, os documentos oficiais de diretrizes para o ensino já abordam a pedagogia da variação linguística, fato que o autor destaca como ganho para o ensino. No entanto, como ele também observa, mesmo com os documentos oficiais

abordando essa pedagogia, ainda não se encontram presentes efetivamente nos livros didáticos trabalhos e atividades que abordem a variação linguística em sua complexidade.

Nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a cultura do erro como pano de fundo). Quando se fala em variedades da língua, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceitos do que a variação social). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas da história das comunidades de cada região (FARACO, 2008, p. 177).

Diante disso, o autor assevera a não existência de uma pedagogia adequada à variação linguística e explica: “Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa” (FARACO, 2008, p. 177). Sabemos que a Língua Portuguesa é heterogênea, extremamente diversificada, entretanto, o problema no ensino dessa língua, como sugere o autor, não está na diversidade da língua, mas no modo de lidar com a diversidade.

Dentro da diversidade linguística, as variedades (ou normas) se equivalem com relação à estrutura, segundo Faraco (2008), pois são igualmente organizadas e complexas. Todavia, elas não se equivalem socialmente, e como vão recebendo diferentes avaliações sociais, essas avaliações podem ser positivas ou negativas (desprestigiadas ou até estigmatizadas).

Em relação à adequação da linguagem ao uso e à avaliação social da linguagem, é necessário que se trabalhe com mais afinco sobre crenças e atitudes linguísticas em contexto escolar, pois só assim entenderemos que o essencial não é, somente, ensinar o aluno a “falar certo” de acordo com a norma padrão, imposta pela gramática normativa, mas sim mostrar que ele pode escolher a melhor forma de linguagem de acordo com o contexto de produção.

3 CRENÇAS E ATITUDES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM PROCESSO RELEVANTE AO ENSINO

“La conciencia, sin embargo, no es el único factor determinante de la competencia sociolingüística; existen otros igualmente importantes, como las actitudes y las creencias que las motivan”
Humberto López Morales

Os trabalhos sobre crenças e atitudes linguísticas vêm tomando fôlego desde 1960, por meio de pesquisas em diversas áreas. Corbari (2012) afirma que os estudos iniciais a respeito das crenças e atitudes linguísticas pertencem à área de Psicologia Social, mas atualmente outras áreas contribuem para as investigações, tais como a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Linguística Aplicada. Os estudos da Psicologia Social, como sugere a autora, revelam os papéis exercidos pelos motivos, crenças e identidade no comportamento linguístico. Nessa área, as atitudes constituem um fenômeno psicológico com significado social, como indicam Lambert e Lambert (1975).

Antes de discorrer a propósito da contribuição da Sociolinguística para os estudos de crenças e atitudes, é necessário compreender a importância e a amplitude dessa grande área. Bright (1974[1966]) assumiu para a Sociolinguística a tarefa de demonstrar a covariação sistemática das formas de variação linguística e social, revelando, também, quando possível, a relação causal entre elas. Além disso, destacou a capacidade dos sociolinguistas em demonstrar a correlação entre variação linguística e diferenças sociais sistemáticas, isto porque o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística.

Bright (1974[1966]) apresenta sete dimensões da Sociolinguística, correntes de interesse independentes e atuantes nessa área de pesquisa. Dentre essas sete dimensões, existem três (emissor, receptor e contexto) que se baseiam na diversidade linguística e são as mais notáveis, pois cada uma é capaz de se dividir em dimensões menores, envolvendo fatores como idade, posição social e convivência social.

Quando o autor sugere a dimensão do “emissor”, explica que a identidade social do falante é mais claramente delineada quando ressaltamos diferenças de fala relacionadas à estratificação social e entre a fala de homens e mulheres. Já na dimensão do “receptor” é a identidade social do ouvinte o mais relevante, por isso o falante modifica e adapta sua linguagem utilizando uma variedade específica para atingir o ouvinte. O autor apresenta como exemplo a “fala de bebê”, ou seja, a variedade que os adultos usam para falar com bebês.

Para Bright (1974[1966]), o “contexto” corresponde à terceira dimensão condicionadora da diversidade linguística. Isto porque contém as identidades dos falantes bem como tudo que for relevante no ambiente de comunicação. Assim, o uso linguístico é definido pelas diferenças entre estilo formal e informal, o que pode gerar uma situação de diglossia, isto é, a presença concomitante das variedades culta e popular na língua. Entretanto, o uso das duas variedades pela mesma pessoa dependerá do seu conhecimento linguístico, dessa forma, um indivíduo que não possui o recurso da norma culta, não conseguirá usá-la num registro formal.

Destacamos a diversidade de pesquisas a respeito da terceira dimensão sociolinguística, desenvolvidas no Brasil, visto que esse é um país que possui uma variedade padrão e que sustenta, ao mesmo tempo, outras variedades linguísticas, as quais podem ser utilizadas em distintas situações de comunicação, dependendo da necessidade do falante.

A quarta dimensão da Sociolinguística é aquela em que o pesquisador mostra-se preocupado com a finalidade e objetivos de seu trabalho. Propõe Bright (1974[1966]) duas naturezas para a pesquisa sociolinguística: a “diacrônica” e a “sincrônica”. Os estudos constituintes dessa natureza buscam diferenças linguísticas na fala de um grupo social ou mais, enquanto a pesquisa diacrônica busca causas históricas para as diferenças entre as variedades utilizadas por grupos sociais distintos. Observemos, a fim de exemplificar o exposto, dois tipos de estudos oferecidos pelo autor que representam, respectivamente, a pesquisa sincrônica e a diacrônica: “o de Gumperz (1958) focaliza primordialmente as diferenças e funções atuais do dialeto de casta numa aldeia falante de Hindi; o de Bright e Ramanujan (1964) procura encontrar causas históricas para diferenças entre os dialetos de casta do Sul da Índia.” (BRIGHT, 1974[1966], p. 20).

A mais importante para este trabalho é a quinta dimensão, pois trata da “crença”, sobretudo, a respeito da diferença entre a maneira como as pessoas usam as línguas e qual a crença sobre o seu próprio comportamento linguístico e dos demais. Para a realização de análises e pesquisas correspondentes a essa dimensão, é preciso considerar duas assertivas. De um lado, o pesquisador não deve se iludir aceitando o julgamento e o senso comum como correspondentes à realidade linguística exata; por outro lado e ao mesmo tempo, o estudioso precisa entender que a opinião popular faz parte da situação sociolinguística e, justamente por isso, também necessita de estudos.

A sexta dimensão da Sociolinguística remete à “extensão da diversidade”, e, como define o autor “refere-se à diferença entre partes de uma única sociedade ou nação, oposta à diferença entre sociedades e nações distintas, e a diferença entre variedades de uma

única língua oposta à diferença entre línguas distintas.” (BRIGHT, 1974[1966], p. 20). Dessa forma, aponta três classificações para essa extensão: a pluridialetoal, quando somente as variedades de uma língua são usadas em uma sociedade ou nação; a plurilíngue, ou o uso de diversas línguas dentro de uma única sociedade ou nação; e a plurisocietal, ou seja, o uso de línguas distintas em sociedades distintas.

A última dimensão apontada por Bright (1974[1966]) refere-se à “aplicação”, a qual representa implicações ligadas às descrições das diversidades sociolinguísticas, dimensão em que o autor também encontra três tipos de aplicação da pesquisa:

1. O uso de dados sociolinguísticos, a fim de identificar a estrutura social ou os fenômenos sociais particulares, podendo, com isso, o pesquisador usar critérios linguísticos para classificar indivíduos e situações específicos;
2. O estudo a partir do exame de registros históricos, analisando os processos correntes de mudança linguística. O autor toma como exemplo de aplicações desse tipo os estudos de Labov na Ilha de Martha's Vineyard e em Nova Iorque;
3. A pesquisa de um planejador linguístico aplicada com a finalidade de encontrar os problemas complexos dessa natureza, relacionados à política social do uso da língua.

Como finaliza o autor, as combinações possíveis das dimensões da Sociolinguística ainda não foram esgotadas e admitimos que nem ao menos os estudos referentes a essas dimensões. Portanto, tratamos de retomar a quinta dimensão, sobre crença, para desenvolver um estudo sociolinguístico.

Como citado, a Sociolinguística traz, juntamente com outras áreas, sua contribuição às pesquisas sobre crenças e atitudes, principalmente com Gómez Molina (1998) e Moreno Fernández (1998), cujos trabalhos apresentam um enfoque diferente para os estudos com crenças e atitudes, pois a Sociolinguística tem a tarefa de investigar os diferentes usos linguísticos e, também, as crenças dos indivíduos a respeito de sua fala e do comportamento linguístico de outros falantes. Consoante Corbari (2012), os estudos sobre atitudes linguísticas são relevantes para a Sociolinguística:

Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (CORBARI, 2012, p. 113).

Os estudos sociolinguísticos vêm mostrando que os diferentes falares despertam nos indivíduos crenças e atitudes linguísticas diversas. É tarefa da Sociolinguística observar as atitudes linguísticas, já que fazem referência ao problema da avaliação, relativo às análises do falante quanto à sua variedade linguística e à de outros falantes. De certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular.

As crenças de um grupo social são um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo desse grupo. Podemos conceituar as crenças, a partir da concepção de Labov (2008 [1972]), como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008 [1972], p. 176).

Quanto a atitudes linguísticas, destacamos Lambert e Lambert (1975), estudiosos da Psicologia Social que tratam de análises a respeito das atitudes. Esses pesquisadores acreditam que as atitudes influenciam no comportamento do indivíduo e vice-versa, defendendo que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 100).

Afirmam, também, que as atitudes são constituídas de pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como reações. As atitudes são, portanto, formadas quando as crenças e sentimentos são ajustados ao ambiente social. As pessoas se adaptam à situação e ao outro para terem sucesso no convívio social.

É válido apontar que, nos estágios iniciais de desenvolvimento das atitudes, os componentes podem ser modificados por novas experiências. Depois, no entanto, sua organização pode tornar-se inflexível e estereotipada, usualmente porque os indivíduos são estimulados, por longos períodos de tempo, a reagir de modo padronizado a determinados acontecimentos ou a determinados grupos (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 101). Infelizmente uma atitude fixa e estereotipada, segundo os autores, é capaz de reduzir o ambiente de contato e de limitar as ações dos sujeitos.

Preti (1984) também aborda o tema da “atitude linguística”, considerando o fenômeno das gírias, relatado em capítulo anterior desta dissertação. Para o autor, a atitude linguística, correlacionada à variação linguística, sempre aparece ligada à escolha de uma variedade por outra, pois, para o falante, aquela de sua escolha lhe parece mais bem adequada à situação de comunicação. Devido a isso, ele assegura que o ato de fala nem sempre depende só do conhecimento do falante, de sua cultura e posição sociocultural; justamente por querer expressar também sua opinião e sua identidade, o indivíduo opta por uma variedade específica, ligada ao seu grupo social. Como notamos em sua assertiva:

As variações de *situación* e a mudança de *registros* podem revelar uma *atitude* linguística de valorização de certos padrões lingüísticos (do culto ao popular, do registro formal ao coloquial), na medida em que ele julga “melhor” certo tipo de linguagem. E esse juízo de valor sobre a língua está, em geral, ligado ao grupo social em que o falante se situa ou até mesmo ao grupo geográfico. (PRETI, 1984, p. 76).

Ao tratar também de atitudes linguísticas, Gómez Molina (1987) destaca a importância do estudo nessa área para a Sociolinguística, pois é múltipla a presença desse fator extralinguístico no comportamento interativo e social dos falantes. O autor ainda justifica o estudo nessa área, explicando que a atitude linguística:

Actúa de forma muy activa en los cambios de código o alternancia de lenguas; es un factor decisivo, junto a la conciencia lingüística, en la explicación de la competencia de los hablantes; permite aproximarnos al conocimiento de las reacciones subjetivas ante la lengua o lenguas que usan los hablantes; influye en la adquisición de segundas lenguas, etc. (GÓMEZ MOLINA, 1987, p. 25).²

Para esse autor, é evidente, pensando em atitude positiva ou negativa, que as atitudes linguísticas são marcadores de mudanças nas crenças do falante de um grupo social e também indicadores de êxito ou fracasso na política linguística desse grupo.

Morales (1993) aponta que a atitude linguística é formada por três componentes: o “cognoscitivo”, incluindo as percepções, as crenças e os estereótipos dos indivíduos; o “afectivo”, indicado por emoções e sentimentos; e o “conductual”, ou seja, o comportamento do indivíduo, sua tendência para atuar e reagir de determinada maneira

² Atua de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes e influi na aquisição de segundas línguas (tradução nossa)

dependendo do objeto. Rokeach (*apud* Morales, 1993) afirma que a atitude se compõe por crenças, e essas são formadas por esses três componentes. Assim “cree el autor [Rokeach] que al existir diversos tipos de creencias, la diversa integración que se produzca entre ellas dará lugar a actitudes específicas” (MORALES, 1993, p. 233)³. Portanto, é a construção de crenças que gera as atitudes específicas sobre um objeto, podendo ele ser linguístico, como a língua em uso.

Conclui o autor que as crenças, por estarem ligadas à cognição e afetividade do falante, podem produzir atitudes positivas, negativas ou ausência de atitudes: “Las actitudes sólo pueden ser positivas, de aceptación, o negativas, de rechazo; una actitud neutra es imposible de imaginar (pensando en su naturaliza conativa): se trata más bien de ausencia de actitud” (MORALES, 1993, p. 235).⁴

As crenças podem, sim, estar impregnadas de aspectos cognitivos e afetivos, porém nem todas essas crenças produzem atitudes, enquanto as atitudes são adquiridas, relativamente estáveis, e tomam um referente específico.

Aguilera (2007) realizou um estudo sobre a língua falada no Brasil, pesquisando as crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos da Língua Portuguesa. A partir dessa análise, a autora salienta, em consenso com Morales (1993), que as atitudes são formadas por comportamentos (componente conativo), por condutas positivas (de aceitação) ou negativas (de rejeição). Entretanto, é somente um componente que domina a atitude, como discorre a pesquisadora:

Moreno Fernández (1998: p.184) registra que, para López Morales (1993), a atitude está dominada por um só componente – o conativo, separando o conceito de crença do conceito de atitude e colocando-os em níveis diferentes. As crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, junto com os elementos cognoscitivos e afetivos, tendo em conta que as crenças podem estar baseadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente (AGUILERA, 2007, p. 10).

Convém ressaltar que as atitudes linguísticas afetam a comunidade de fala somente quando são realizadas de forma motivada também pelo contexto social em que foram geradas, já que as crenças estão embasadas na realidade do falante. Para tanto devemos considerar o aspecto social da atitude linguística, pois, como aponta Moreno Fernández (1998,

³ Acredita o autor [Rokeach] que ao existirem diversos tipos de crenças, a diversa integração que se produza entre elas dará lugar a atitudes específicas (tradução nossa).

⁴ As atitudes só podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa; uma atitude neutra é impossível de imaginar (pensando em sua natureza conativa): trata-se bem mais da ausência de atitude (tradução nossa).

p. 179-180 *apud* AGUILERA, 2007, p. 7): “A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, que pode centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade”.

Neste ponto, citamos Santos (1996), haja vista que esse pesquisador identifica atitude com a dimensão avaliativa, presente no conceito de atitude. O autor concorda, portanto, com a definição de atitude como uma predisposição a estímulos, sejam eles favoráveis ou desfavoráveis. Dessa forma, segundo o estudioso, o conceito de atitude corresponde a uma avaliação positiva ou negativa do objeto analisado, enquanto o conceito de crença está relacionado à existência de um objeto ou uma ideia. Esse pesquisador nos mostra que a diferença entre crenças e atitudes é bem sutil.

Além de discorrer a respeito da diferenciação entre crenças e atitudes, Santos (1996), também lembrado nesse ponto por Cyranka (2007), aborda ainda a diferença entre crença em e crença sobre um objeto, ao esclarecer:

A crença ou a descrença de um indivíduo na existência de um dado objeto dá, normalmente, pouca ou nenhuma informação a respeito da posição em que ele coloca o objeto dentro da dimensão avaliativa. Em outras palavras, tal crença não é sintoma apreciável da atitude, segundo Osgood define, e só fracamente poderia ser relacionada a ela. Muito ao contrário, a crença que se elicita de um indivíduo sobre o objeto pode revelar, imediatamente, a posição em que esse indivíduo coloca o objeto dentro da dimensão avaliativa: a atitude em relação ao objeto. [...] Compreendendo o problema, para dar conta da situação, Fishbein e Raven estabeleceram uma distinção entre crença em e crença sobre um objeto, levando em conta essa “crença na existência de uma relação” entre um objeto e algum outro objeto, qualidade, etc. Mas deve ser entendido que as várias crenças nas relações entre um objeto e outros objetos ou qualidades – que eles chamam crenças sobre – não escapam à definição de crença proposta por eles. Da mesma forma que na crença em um objeto (dizendo exclusivo respeito à existência do objeto), na crença sobre o objeto (relacionada à natureza do objeto, à sua maneira de existir) o que está em jogo é também a dimensão de probabilidade de um conceito. Na crença sobre, o que o sujeito assume não é a “probabilidade” ou “improbabilidade” da existência do objeto, mas a “probabilidade” ou “improbabilidade” de seu relacionamento com outros objetos. (SANTOS, 1996, p. 10-11).

Conforme o autor, a crença em um objeto está relacionada exclusivamente na crença da existência do objeto, enquanto a crença sobre um objeto corresponde à crença nas relações entre objetos ou entre objeto e qualidades, possibilitando ao sujeito assumir a probabilidade ou improbabilidade do relacionamento entre os objetos.

Convém destacar que esta pesquisa está incluída nos estudos de crença sobre um objeto, já que a posição em que os alunos colocam os objetos (língua, Língua

Portuguesa, variação linguística e a abordagem da variação linguística em sala de aula) dentro da dimensão avaliativa, considera a atitude deles em relação aos objetos. Isso conduz à premissa de Santos (1996) de que a relação entre crença e atitude é tênue e uma mudança em uma dessas partes pode levar a modificações na outra, como assevera o autor: “Várias pesquisas produziram evidências de que a atitude de um indivíduo pode ser mudada, se forem mudadas suas crenças sobre o objeto.” (SANTOS, 1996, p. 15).

Essa afirmativa alcança sua importância neste trabalho, pois acreditamos ser necessário fomentar crenças positivas nos alunos sobre a variação linguística e sua abordagem no ensino, para que a atitude com relação à sua língua seja positiva e a escola cumpra seu papel e forme cidadãos capazes de utilizar adequadamente sua língua.

Com relação à variação linguística, portanto, destacamos que a construção e a abordagem de uma pedagogia diferenciada na escola dependem de crenças e atitudes que se constroem e fomentam a respeito das variedades da língua em uso. Cabe à escola proporcionar um trabalho com crenças e atitudes que colabore com a reeducação sociolinguística, citada por Bagno (2007), a fim de construir uma pedagogia da variação linguística em que o alunado possa aprender sua língua materna e ser capaz de analisá-la a partir de conhecimentos científicos e de senso comum, sem gerar preconceitos linguísticos prejudiciais ao seu desempenho linguístico.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“J’aime passionnément le mystère,
parce que j’ai toujours l’espoir de le débrouiller”*
Charles Baudelaire

Este capítulo tem por finalidade descrever os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Além do mais, faz-se necessário entender a abordagem do trabalho e, para tanto, descrevemos a natureza da pesquisa, as características das escolas em análise, bem como os informantes selecionados. Em seguida, descrevemos a organização da coleta dos dados e a elaboração do questionário utilizado.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa⁵, pois busca investigar as crenças e atitudes dos alunos de Língua Portuguesa a respeito de sua língua materna, considerando principalmente a valoração (positiva ou negativa) sobre a abordagem da variação linguística em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa. Dessa forma, o *corpus* será, por natureza, interpretativo, visto que a parte analítica da pesquisa se constituirá a partir das respostas pessoais obtidas por meio do questionário.

Esta pesquisa teve como processo a coleta de dados em campo, com a aplicação de um questionário por meio de entrevistas gravadas em aparelho de áudio em formato mp3. Para a elaboração do questionário, buscamos auxílio no trabalho de Silva-Poreli (2010), pois o questionário utilizado pela pesquisadora foi previamente elaborado com o auxílio do “Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato”. Nosso questionário, todavia, possui modificações visto o intuito ser investigar as crenças e atitudes de alunos a respeito da variação linguística.

O questionário definido (ANEXO A) engloba questões abertas e fechadas, abordando, em um primeiro momento, a identificação da localidade da pesquisa e do informante e, em seguida, as suas crenças em relação à Língua Portuguesa, em específico, ao uso de suas variedades e, principalmente, como se dá esse uso em sala de aula. Ao final do questionário, na Questão 20, a pesquisadora solicitou aos alunos participantes que, após a análise, respondessem à questão marcando as frases com certo ou errado. Essa questão nos auxiliará nas análises das Questões 11 e 12 – respectivamente, “Você acha que falar diferente é falar e errado?” e “O que é falar errado?” – pois conseguiremos compreender melhor o que

⁵ Tomamos o termo “pesquisa qualitativa” de Schwandt (2006), segundo o qual é necessário entender esse tipo de investigação mais como um campo para a crítica científica social, do que como um tipo de teoria social, metodológica ou filosófica.

os alunos entendem por errado e se esse conceito por eles entendido pode ser validado em análises linguísticas, como nas avaliações da norma padrão da Língua Portuguesa realizadas nas frases da Questão 20.

Para proceder à análise, usamos como *corpus* deste trabalho transcrições de fala de entrevistas guiadas por questionário. A coleta de dados para a constituição do *corpus* realizou-se em duas escolas estaduais de Londrina: uma localizada no centro (Escola A) e outra na zona rural (Escola B). Entrevistamos onze estudantes do Ensino Fundamental série final de cada escola, entretanto, por falha frequente em determinados áudios, optamos por manter somente nove informantes de cada escola.

A escolha dos informantes foi realizada pela própria escola, aleatoriamente, com o pré-requisito de estudar na série final do Ensino Fundamental (9º ano) da escola selecionada, a fim de comparar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos de mesma série, teoricamente com mesmo nível de conhecimento linguístico.

Após a escolha, as entrevistas ocorreram em ambiente escolar e cada sujeito respondeu ao questionário separadamente. A escola A está localizada em um bairro central de Londrina e os informantes envolvidos na pesquisa foram nove alunos voluntários, com idade entre 13 e 16 anos, cursando o 9º ano, mesma turma. Já a escola B fica localizada no distrito rural de Londrina, dela também foram nove os entrevistados, 13 e 18 anos, cursando turmas diferentes do 9º ano.

O Tabela 1 permite visualizar o perfil dos informantes selecionados para esta pesquisa:

Tabela1 – Perfil dos Informantes

Informante	Ponto	Sexo	Idade	Naturalidade
01	Centro	Feminino	14	São Paulo
02	Centro	Masculino	14	Paraná
03	Centro	Feminino	13	Paraná
04	Centro	Masculino	14	Paraná
05	Centro	Feminino	14	Paraná
06	Centro	Masculino	14	Paraná
07	Centro	Masculino	16	Paraná
08	Centro	Masculino	15	São Paulo
09	Centro	Feminino	16	Paraná

10	Rural	Feminino	14	Paraná
11	Rural	Feminino	17	Paraná
12	Rural	Masculino	13	Paraná
13	Rural	Masculino	15	São Paulo
14	Rural	Masculino	14	Paraná
15	Rural	Feminino	14	Paraná
16	Rural	Feminino	15	Paraná
17	Rural	Feminino	15	Paraná
18	Rural	Masculino	18	Alagoas

Procedemos, depois, às transcrições grafemáticas⁶ das respostas dos alunos aos questionamentos sobre suas crenças e atitudes em relação ao ensino da Língua Portuguesa e de suas variações, conduzidos pela pesquisadora em entrevistas gravadas. As entrevistas, para melhor compreensão das análises, estão inseridas nos anexos (ANEXO B). Ressaltamos ainda que, na análise dos dados, utilizamos as abreviaturas: Inf. Para informante (01 a 16); Q para questão (01 a 20); e L para a linha.

Após a transcrição das entrevistas, levantamento e tabulação dos dados, seguindo os preceitos da Sociolinguística, procedemos à análise e à comparação dos dados, a fim de melhor compreender a importância das crenças e atitudes. A fase analítica leva em conta as crenças e atitudes linguísticas apresentadas pelos alunos sobre a abordagem da variação linguística na escola. Para esta análise foi fundamental refinar os conceitos de variação e normas linguísticas, variação linguística e erro, variação linguística e ensino e, crenças e atitudes linguísticas, conforme registramos nos capítulos anteriores. Esses conceitos apresentados foram cunhados por pesquisadores e estudiosos da Sociolinguística e do Ensino, como também da Psicologia Social.

⁶ A transcrição grafemática, ao transpor o texto oral para o escrito, preocupa-se em descrever o uso linguístico do informante, revelando as variações presentes no uso da língua em estudo. Dessa forma, ao contrário da transcrição ortográfica, as variações são descritas e mantidas, pois esse tipo de transcrição visa a parecer o mais possível com a fala do entrevistado, sem, contudo, se prender à fonética.

5 ANÁLISE DOS DADOS: EM BUSCA DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS SOBRE SUA PRÓPRIA LÍNGUA E A MANEIRA COMO AS PESSOAS A UTILIZAM.

“Eu uso bastante o modo coloquial, mas também tento o modo culto.”
(Inf. 06, Q17, L871).

“Eu acho que falar diferente é aquelas coisas que cada um tem a sua cultura. E cabe a nós respeitarmos cada cultura que cada um tem.”
(Inf. 18, Q11, L2583-2584).

As entrevistas, como esperávamos, nos forneceram uma prévia ideia das crenças e atitudes dos alunos a respeito da variação linguística e do uso das variedades linguísticas por eles mesmos e pelos demais indivíduos. Ressaltamos que nesta pesquisa é necessário considerar as assertivas de Bright (1974[1966]), pois precisamos tomar o julgamento e a crença dos informantes, não como correspondente à realidade sociolinguística brasileira exata, mas como um julgamento integrante da situação sociolinguística atual, o qual constitui o tema de estudo desta análise.

Conhecer, portanto, as crenças e atitudes dos alunos sobre a multiplicidade dos falares e seu uso, facilitará o desenvolvimento de um processo de aprendizagem que considere a abordagem da variedade linguística presente em nosso país, e não apenas da norma padrão da Língua Portuguesa – proposta que tem por base a pedagogia da variação linguística, isto é, um ensino empregado em favor da formação crítica do aluno com abordagens que englobem o saber científico-erudito, bem como o senso comum, mostrando cada vez mais aos alunos as várias possibilidades linguísticas de sua língua.

Neste capítulo, buscamos, então, analisar as questões, examinando as crenças e atitudes dos alunos prezando por uma pedagogia da variação linguística necessária ao ensino da Língua Portuguesa.

Com relação à primeira questão (“Que língua você fala?”), pretendíamos que os alunos identificassem sua fala como uma variedade da norma padrão, diferenciando-a de alguma maneira. Como observamos, todos os informantes afirmam falar o “Português”, ou seja, nome da língua românica tida como o padrão oficial do Brasil, consoante Ferreira (2004)

A partir dessa questão, podemos fazer duas afirmações: primeiramente, apenas com esse questionamento, os alunos não são capazes de identificar e discorrer a respeito da variação linguística, eles precisam de perguntas mais investigativas e diretas; em

segundo lugar, notamos que a influência coercitiva da norma padrão ou prescritiva é marcante na realidade linguística desses falantes, pois lembram de mencionar apenas o nome que lhes remete à língua padrão – “Português”. Destacamos, ainda, que nenhum informante correlacionou sua fala a qualquer variedade linguística, isso devido à influência sociocultural da língua padrão, denominada Português.

Quando os informantes denominam a língua que falam somente de “Português”, podemos reafirmar a assertiva de Müller de Oliveira (2009) sobre a concepção de que aqui se fala uma única língua, a Língua Portuguesa, portanto, ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são sinônimos, consoante o autor. O uso do termo “Português” pelos informantes não se refere apenas a um nome, como se ele fosse óbvio, mas, pelo contrário, revela um percurso histórico e político da língua no Brasil. Esse país foi, muito mais do que hoje, um país plurilíngue, como sugere Müller de Oliveira (2009), mas a política linguística de estado se preocupava sobretudo em reduzir o número de línguas, substituindo-as pela Língua Portuguesa, a língua do príncipe. A permanência dessa língua na nação brasileira representa a exclusão de grupos étnicos e linguísticos, por isso, o uso do nome “Português” não pode ser visto como óbvio, pois revela o caráter coercitivo da norma que foi escolhida como padrão nessa nação.

Analisando as respostas dadas à segunda questão (“Que língua você escreve?”), observamos, mais uma vez, uma igual totalidade nas respostas, já que os dezoito informantes alegam escrever o “Português”. Dessa forma, as respostas a Q1 e Q2 não apresentam diferenças, os alunos não diferenciaram a resposta de uma questão para outra, visto que já na Q1 falaram em Português como língua geral, sem mencionar as diferenças linguísticas, tanto quanto o fizeram na Q2. Isso revela que os alunos não são capazes de distinguir a língua falada da língua escrita, devido seu conhecimento restrito a respeito do tema.

Vale ressaltar que não desejamos induzir à relação entre língua falada e linguagem informal ou entre língua escrita e linguagem formal, pois asseveramos poder encontrar, nas duas modalidades da língua, a linguagem formal e informal, dependendo do contexto em que se encontram os falantes, pois consideramos a existência de um *continuum*, no qual as variedades língua falada e língua escrita são dispostas, passando da oralidade para a escrituralidade. Lembrando que este *continuum*, como mencionado no referencial teórico, é proposto principalmente por Marcuschi (1997), Bortoni-Ricardo (2004) e Castilho (2010).

É importante para o indivíduo diferenciar esses usos, visto que serão necessários ao desenvolvimento de sua competência linguística e ao combate do preconceito

linguístico. Portanto, com base também nos estudos desenvolvidos por Bortoni-Ricardo, afirmamos a necessidade de apresentar aos alunos o *continuum* de oralidade e escrita, o de variedade urbana e rural e o de monitoração estilística, pois revelam o plurilinguismo nacional. Agindo dessa forma, os alunos teriam acesso à totalidade linguística e se tornariam capazes de refletir a respeito da norma culta relacionada à classe de prestígio, bem como pensar sobre os problemas de comunicação.

Nas duas primeiras questões, todos os informantes alegam falar e escrever o “Português”. Eles não fazem diferença entre a língua que escrevem e a língua que falam quando precisam nomeá-la, pois consideram-na a mesma, tratando, nas duas situações, com o mesmo nome, que remete à norma padrão, a Língua Portuguesa, desencadeada ao longo da história brasileira, a partir da associação da cultura escrita com o poder social.

Esses dados vão ao encontro do exposto por Faraco (2002), quando afirma ser a norma escrita relativamente estável, com a intenção de neutralizar a variação e controlar a mudança linguística, com o objetivo de facilitar a comunicação entre os falantes, pois, como verificamos, os informantes apontam somente para o “Português”, língua padrão oficial do país. Na verdade, como observamos, eles nomeiam “Português” tanto para língua falada quanto para a escrita, dado que também comprova a assertiva de Müller de Oliveira (2009) sobre a contenção do plurilinguismo no Brasil, que o autor denomina de um processo de glotocídio, frequente desde a colonização.

Adiante, com a questão 3, (“O que você pensa sobre a Língua que você fala e escreve?”), pretendíamos investigar a opinião dos alunos a respeito da Língua Portuguesa, observando se a compreendem como uma língua composta de variedades linguísticas ou se a entendem como apenas uma norma padrão coercitiva, com a finalidade de prescrever e preservar as regras do bom uso da língua nacional.

Dessa forma, averiguamos, nessa questão, que nem todos os informantes mostraram pensar nela como uma língua padrão normativa, visto que, dos dezoitos entrevistados, sete consideram a língua que falam e escrevem como difícil, complicada ou estranha e sete a descreveram como legal, interessante e boa. Dos sete que consideram o Português como difícil, ou seja, como uma língua regida por regras e prescrições, um informante justifica sua posição explicando: “Difícil (...) porque tem muita regra” (Inf.01, Q3, L33-35). Quando ele afirma ser o português difícil pela existência de muita regra, está se referindo à norma prescritiva que lhe é imposta nas instituições escolares ao ditar a gramática como a prática exercida em sala de aula, tornando a aprendizagem da língua utilizada pelos alunos pouco estimulante.

Ressaltamos a classificação do informante 04, a respeito da língua que fala e escreve como “boa” (Inf.04, Q3, L505), isto porque o faz não pensando na Língua como algo interessante, mas tendo em mente, de certa forma, a Língua como norma prescritiva da escrita, ou seja, a norma responsável por prescrever as regras do bom uso da língua, por isso tenta convencer a pesquisadora de que sua língua escrita é “boa” (Inf.04, Q3, L505), como aponta: “Tento me esforçar pra escrever do jeito certo” (Inf.04, Q3, L507). Dessa forma, o informante revela uma valorização positiva da norma padrão, ao afirmar que se esforça para utilizá-la.

Entretanto, como verificamos, nas respostas que tratam a língua como legal e interessante, podemos afirmar que nem todos associam o Português à norma padrão coercitiva, ou às regras que muitos consideram difíceis.

Destacamos, ainda, a respeito dessa questão, que quatro informantes veem a Língua Portuguesa como uma dualidade, legal (ou fácil) e difícil: “Ah é bem legal, mas eu prefiro mais o inglês... É bem mais difícil, o Português, pra mim. Mais fácil, é o inglês.” (Inf.03, Q3, L348-349). De certa forma, quando apontam a existência de uma língua fácil e uma difícil, podem estar relacionando a norma padrão com a difícil e a língua efetivamente produzida à fácil, desse modo, colocam que a língua fácil é somente a que falam, pelo fato de essa modalidade aceitar as variações dependendo da situação de interação.

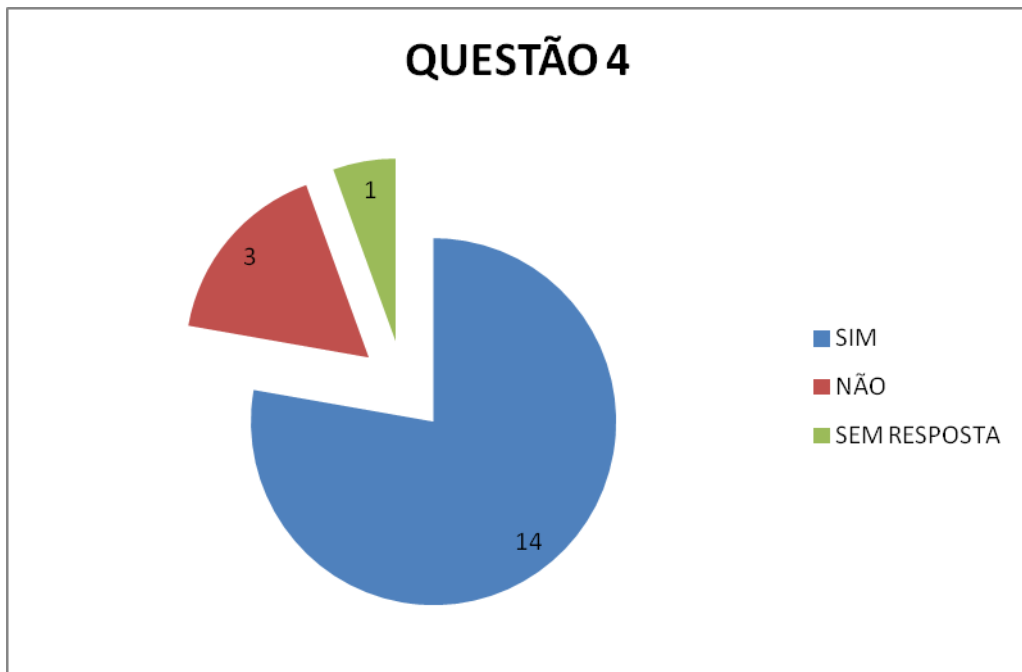
Encontramos, entre esses quatro informantes, ainda outra comparação, quando relacionam a língua escrita com a correta ou difícil e a língua falada com a “errada” ou fácil, visto que essa não segue a norma padrão como prescrição. Notamos que esses informantes reconhecem a existência de variedades na Língua Portuguesa, quando explicam sua opinião sobre a língua que falam e escrevem:

- “Acho uma língua bem fácil de falar, de escrever, nem tanto” (Inf.11, Q3, L1515). Dessa forma, o informante 11 consegue observar que a fala e a escrita possuem suas diferenças e atribui à escrita dificuldades de uso, por associá-la somente à norma prescritiva;
- “Olha, depende, a língua que eu gosto de escrever seria a mais correta, o Português mesmo, e a língua que eu falo é bem mais errada.” (Inf.08, Q3, L1074-1075), Esse informante, por sua vez, além de apontar a diferença entre fala e escrita, demonstra uma atitude negativa com relação à própria fala, pois a considera incorreta, como um desvio da norma prescritiva.

Caberia a essas três primeiras questões o papel de investigar o conhecimento linguístico do aluno a respeito da variação presente em sua língua e de crença e atitude positiva ou negativa a ser demonstrada a propósito da sua língua. Vale salientar que, nas respostas analisadas, são poucos os indivíduos que reconhecem a variação linguística, menor ainda é a proporção dos alunos que emitem um julgamento (seja positivo ou negativo) a respeito da variação linguística. Tal ocorrência, na verdade, encontramos somente na resposta à questão 03 do informante 08, citado no parágrafo anterior.

Já na questão 4, (“Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?”) tínhamos por finalidade investigar mais a fundo o conhecimento dos informantes sobre a existência da variação linguística. Para buscar tal resposta, escolhemos questioná-los a respeito da fala do outro, esperando que emitissem um julgamento de valor sobre isso. Pelas respostas obtidas, observamos que a imagem construída pelos alunos sobre a língua e suas variantes fica mais bem explícita nessa questão, uma vez que apresentam um prévio conhecimento sobre a variação linguística, havendo quatorze respostas positivas e três negativas, como explicitado no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?



Dentre os quatorze informantes que revelam a crença na existência da variação linguística em Londrina, somente dois demonstram um julgamento a respeito, pois alegam que a variação existente é a geográfica. Os informantes 01 e 18 relacionam a fala

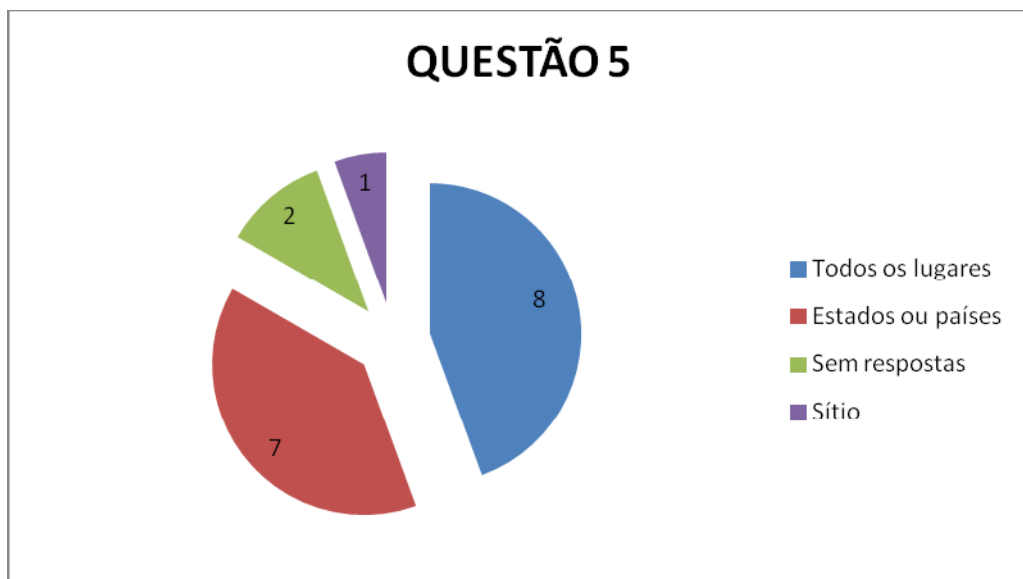
diferente em Londrina aos diferentes sotaques, como exemplifica o Inf. 18: “Existe, tipo meio sotaque nordestino.” (Inf.18, Q4, L2537).

O fato de o aluno reconhecer a existência de diferenças na língua e relacioná-las à variação geográfica, quando exemplificam com a diferença de sotaque, ou seja, variedade linguística correlacionada à distribuição geográfica, vai ao encontro da afirmação de Castilho (2010), ao tratar da variação geográfica. De acordo com o autor, essa variação é uma das mais notadas pelos falantes, haja vista a amplitude territorial do país, tornando perceptível ao aluno entrevistado que falantes de outras regiões de origem possuem marcas específicas na produção linguística que difere da sua fala. Destacamos, além da amplitude territorial, que a variação geográfica é justamente mais reconhecida, pelo fato de sua abordagem ser mais permitida: pode-se falar sobre ela, sem que haja polêmica, portanto, é a variação mais abordada, sua ocorrência se torna comum e aceitável. Sabemos que a mídia dá mais destaque a esse tipo de variedade.

Nessa mesma sequência de raciocínio, elaboramos a quinta questão, “Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?”, com o intuito de estender a resposta anterior, pois, como a maioria dos entrevistados alega a existência de pessoas que falam diferente deles, é necessário saber se eles também conseguem identificar em que locais essas diferenças são mais acentuadas, se vai depender da postura sociocultural do falante ou da região de origem, por exemplo.

Quando os informantes respondem à Q5, observamos que identificam diferentes tipos de variação, como notamos no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?



- Oito alegam escutar esses modos diferentes de falar em todo lugar, nas ruas, no ônibus, em hotéis, destacando a diferença da língua em nível social e regional. A respeito da diferença em todo lugar, alguns resumem: “Ah, na rua mesmo, eu escuto a conversa dos outros, pelo fato de passar por eles, e a língua é bem diferente, de alguns deles” (Inf.05, Q5, L655-656); “Ah, todo lugar tem.” (Inf.01, Q5, L45); “Ah, em todo lugar tem gente que fala diferente.” (Inf.02, Q5, L207). Observamos também aqui a variação em nível social, porque mesmo um informante que, na questão 4, afirmara não existirem pessoas que falam diferente, quando questionado sobre os lugares em que a variação ocorre, identifica a variação linguística, respondendo como se acreditasse nessa existência, pois diferencia o estilo linguístico por características sociais e culturais: “Eu acho que depende muito do lugar. Nos lugares mais humilde, acho que as pessoas falam mais errado. Nos lugares que as pessoas tem mais condição de vida melhor, falam mais correto.” (Inf.08, Q5, L1083-1085). Notamos uma atitude sobre a variação linguística, pois o informante acredita que o nível sociocultural e econômico determinará o uso da variedade linguística, havendo um julgamento negativo em relação à fala de pessoas de nível social inferior.
- Sete apontam que a variação ocorre entre indivíduos de Estados diferentes, ficando, assim, marcada a crença nos dialetos do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e de São Paulo;
- Dois não respondem, pois na questão anterior demonstram não acreditar na existência da variação linguística e assim mantêm sua resposta anterior;
- Um informante aponta o sítio, com a finalidade de falar em variação referente à diacronia, porque explica ser a sua língua diferente da língua utilizada pelas pessoas que cresceram lá. Nota a diferença de uma geração para outra: “As pessoas do sítio, porque eles têm um sotaque mais antigo, mas é Português também.” (Inf.10, Q5, L1389). Como Camacho (1988) já explicou, a variação em regiões isoladas toma forma diferente, mesmo que conviva no mesmo período

temporal que outra, visto que falantes de uma região isolada e de idade avançada mantêm os usos linguísticos de prestígio de décadas anteriores, mas que foram mantidas nessa região isolada, por isso o estranhamento do informante (um jovem). Notamos, também, que o informante, ao falar em “sotaque mais antigo”, tem noção da relação entre região e diacronia, mas aponta ambas como sotaque, sem fazer diferença ao nomear.

Mais diretamente, a fim de comprovar e completar as questões anteriores, perguntamos aos informantes se existe variação na Língua Portuguesa, com a finalidade específica de saber se a língua com a qual têm contato é a mesma em diversas situações. Para tanto, utilizamos a questão 06 (“O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola, é o mesmo?”), para observar se os alunos mantêm, em suas respostas, a mesma ideia projetada nas respostas anteriores.

Como resposta, dezessete alunos alegam que a Língua Portuguesa sofre variação. Mesmo aqueles que sugeriram, nas respostas anteriores, que a Língua Portuguesa não sofre variação, ao serem indagados novamente, mas de outra forma, reconhecem as variedades linguísticas existentes no Brasil. Esses informantes apontam a variação somente na sexta questão provavelmente por dois motivos: (i) eles já haviam refletido mais a respeito das questões e responderam o que realmente acreditam sobre o tema ou (ii) estavam preocupados em manter a imagem da Língua Portuguesa que conhecem e utilizam como pura, um reflexo claro da coerção da normatividade linguística tanto prezada.

Dentre os dezessete informantes citados, alguns explicam não ser o Português o mesmo por causa do uso das gírias: “Não, é bem diferente, por causa das gírias.” (Inf. 02, Q6, L211); “Não, porque alguns são formais e há outras falas que são bem... Tipo é normal, algumas tem gírias e outras não.” (Inf. 05, Q6, L659-660). Outro entrevistado justifica que a fala de cada um desenvolve sua própria variação, considerada “como outra língua”, como ele explica: “Não, não é o Português correto. Eles falam parece que outra língua, porque é mais língua londrinense, não é o Português correto. Eles não falam “vamos ir ao banheiro?”, falam “vamo no banheiro?”... Entendeu? Bem rápido.” (Inf. 03, Q6, L359-361).

Destacamos, ainda com relação à sexta questão, que o único informante a responder “sim”, ou seja, que não vê mudança entre o uso da língua por diferentes tipos de pessoas ou grupos, havia respondido, nas questões anteriores, que existe variação na língua, indicando até que ela está presente em sua região: “Em todo lugar, aqui em Paiquerê mesmo,

eu já ouvi” (Inf. 17, Q5, L2399). Chegamos então ao ponto da entrevista em que todos os informantes já reconhecem, de alguma forma, a existência da variação linguística, ainda que uns com mais facilidade que outros.

Considerando que os alunos já teriam expressado sua opinião a respeito da variação na Língua Portuguesa, pensamos em uma questão que começasse a nos revelar a valoração do julgamento dos alunos sobre o uso das variedades, para tanto, apresentamos a sétima questão, “Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Se sim, quem? Por quê?”. Como verificamos, os alunos acreditam também que um indivíduo pode falar melhor que outro, pois 94%, ou seja, quase a totalidade dos entrevistados, responderam “sim”,.

Como destacamos anteriormente, Lambert e Lambert (1975) acreditam que as atitudes influenciam no comportamento do indivíduo e vice-versa, já que constituem a reação do indivíduo ao grupo social, ou à fala utilizada por esse grupo. Dessa forma, quando os informantes classificam quem fala melhor, estão expressando sua atitude, como observamos ao considerarem melhores falantes as pessoas que falam mais fluido, como os escolarizados, “advogados” (Inf. 03, Q7, L366), pessoa “que trabalha com política” (Inf. 05, Q7, L666), “professores” (Inf. 10, Q7, L1399/ Inf. 16, Q7, L2257), “professora de português” (Inf. 17, Q7, L2409), “jornalistas” (Inf. 15, Q7, L2116), pessoas de um Estado considerado culto, como “São Paulo” (Inf. 07, Q7, L947) e “pessoas que têm mais conhecimento, pessoas mais velhas” (Inf. 08, Q7, L1095).

Dessa forma, quando respondem que algumas pessoas falam melhor do que outras, sugerem ainda ser melhor ou mais adequada a fala das pessoas que convivem com a linguagem mais formal ou utilizam a norma culta, como reflexo da norma padrão que conhecem, haja vista que os entrevistados responderam, classificando o tipo de pessoa que fala melhor:

- A pessoa escolarizada ou que lê muito: “Ah, porque a pessoa lê mais.” (Inf. 02, Q7, L219); “Tem uma vizinha, lá, que ela trabalha com política, alguma coisa assim. Então, sei lá, se ela fez algum estudo para que ela pudesse falar normal. É bem diferente como ela fala tudo. Ela fala com umas palavras bem diferentes, que a gente nem sabe o significado.” (Inf. 05, Q7, L666-668); “Elas estudam mais, tipo, sabem mais as regras, essas coisas de ortografia, a gente já, entre os amigos, é diferente, assim, fala mais na gíria, assim, daí

fica mais um pouco mais errado, eu acho.” (Inf. 12, Q7, L1684-1686);

- Professores da Língua Portuguesa: “A professora de Português fala bem melhor do que a gente, sabe? A gente fala errado e ela corrige a gente.” (Inf. 17, Q7, L2409-2410).
- Ou ainda, como um deles sugere, uma pessoa pode usar a norma culta, por estar em contato com pessoas assim, devido ao lugar em que vivem: “Ah, porque é uma cidade, né, mais culta, cheia de dono de empresa.” (Inf. 07, Q7, L249).

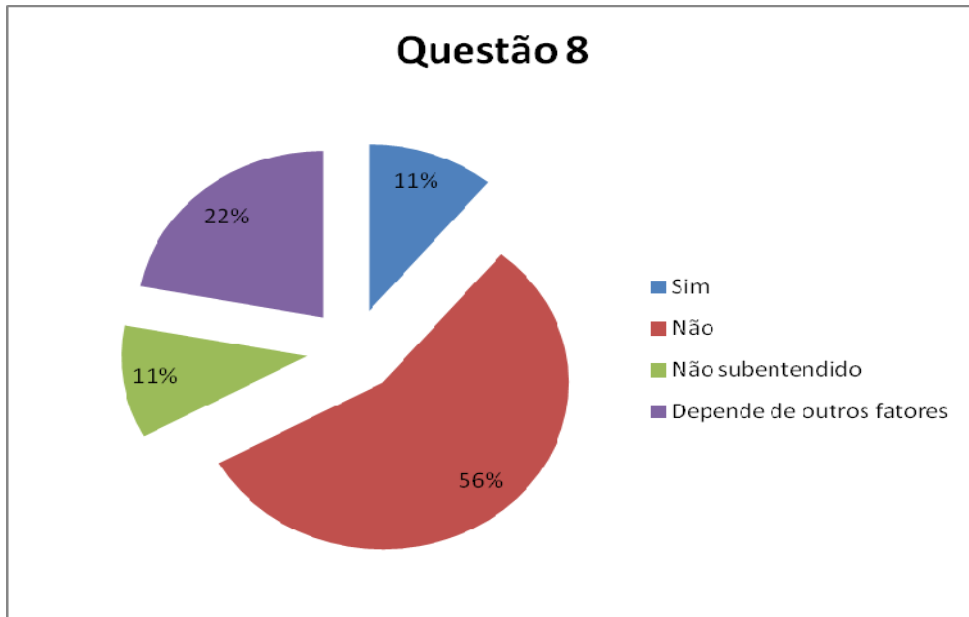
Na sétima questão, verificamos, sobretudo com as opiniões dos alunos, que existe a certeza de que a língua varia e, por isso, eles conseguem com facilidade apontar as pessoas que falam a variedade culta do Português. Caberia ao professor, por exemplo, partir dessa crença dos alunos sobre a pessoa que fala a variedade, para abordar a variação apresentando as variedades culta e popular e o uso delas em contexto, com a intenção de revelar, aos alunos, a heterogeneidade da Língua Portuguesa no Brasil.

Com as questões de oito a dez, a serem analisadas, ressaltamos que, muito além de pesquisar as crenças e atitudes dos alunos e se elas são válidas, interessa-nos observar sua capacidade em expressá-las.

A propósito da crença sobre um falar melhor ou mais bonito do que outro, como questionado na oitava e na nona questão (“Homens e mulheres falam igualmente? Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher? Por quê?” e “Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.”), notamos que todos entrevistados conseguiram expressar sua crença linguística apresentando argumentos ou explicações.

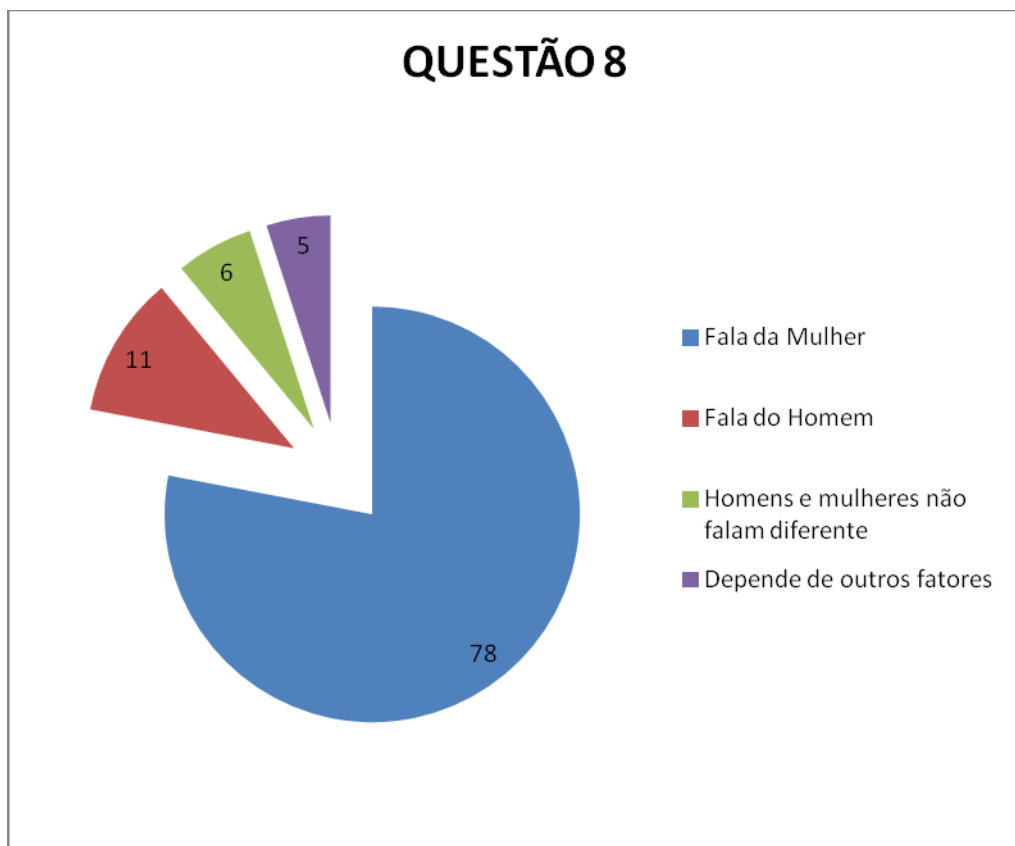
Analisando primeiramente a oitava questão, observamos que os informantes acreditam na diferença na fala ocasionada pelo fator extralinguístico sexo, pois quando indagados se homens e mulheres falam igualmente apenas dois informantes responde sim (11%), quatro alegam depender de outros fatores (22%), dez deles afirmam que não (56%) e dois respondem direto a segunda parte da pergunta (“Qual fala é a mais bonita, a do homem ou a da mulher?”) deixando, no entanto, subentendido que não acreditam que homens e mulheres falam da mesma forma (11%).

Gráfico 3 – Homens e Mulheres falam igualmente?



Verificamos, em seguida, que os entrevistados demonstram uma atitude positiva em relação ao falar feminino. Esses dados podem ser visualizados no gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Qual fala é a mais bonita, a do homem ou a da mulher? Por quê?



Como constatamos, 78% dos informantes creem ser a fala da mulher a mais bonita, 11% preferem a dos homens, 5,5% explicam que depende mais da escolaridade do que do sexo e, ainda, 5,5% afirmam não ver diferença na fala desses dois tipos de pessoas.

Ao analisarmos esses dados, salientamos a necessidade de, muito mais que descrever essas porcentagens, ser preciso relatar que, dos dezoito informantes, somente treze conseguiram justificar sua resposta, ao passo que os outros não foram capazes de marcar sua atitude linguística com um juízo de valor.

Os entrevistados capazes de emitir um juízo de valor fazem-no expressando sua opinião sobre a melhor fala da seguinte forma. Os defensores da fala da mulher como melhor justificam que é uma linguagem mais calma e mais educada, explicando: “Ah, acho que ela é mais, não vaidosa, digamos assim, mais carinhosa de falar, mais calma, entendeu? Não tem muita gíria, nós ainda temos, mas mulher já formada, não.” (Inf. 03, Q8, L375-376); “Porque os homens usam mais as gírias, não falam tudo certo.” (Inf. 04, Q8, L536); e também “Porque a mulher é mais educada na hora de falar, o homem já é diferente.” (Inf. 11, Q8, L1545).

Entretanto, dois informantes preferem a fala do homem, defendendo que ele consegue usar a norma prescritiva, a norma de maior prestígio, como um deles explica: “A mulher, quando ela está com as amigas dela, ela meio que fala de um jeito... Já o homem, ele fala mais correto.” (Inf. 08, Q8, L1105-1106).

A respeito dos outros dois entrevistados, não expressaram opinião sobre a pessoa que fala melhor, pois acreditam que isso dependerá do grau de instrução da pessoa, não somente do sexo, visto que, como ressalta o Inf. 05, “se for uma mulher tipo a professora e um advogado, o advogado fala melhor, deve ser por causa da profissão.” (Inf. 05, Q8, L676-677). Essa resposta, além de destacar a pessoa com o nível escolar elevado sendo aquela que fala melhor, também mostra que o informante apontou o advogado como uma profissão de maior prestígio, portanto, associa-o com o uso da norma de prestígio: “o advogado fala melhor” (Inf. 05, Q8, L676-677).

Esses resultados observados são notáveis desde os estudos de Labov em 1963, pois esse pesquisador asseverou que seus informantes alegavam ser a fala da mulher a melhor em detrimento da fala do homem. Convém ressaltar, sobretudo, que até mesmo Labov (2008[1972]), com o estudo de Martha’s Vineyard se interessou, além de apontar qual era a atitude linguística dos entrevistados a respeito da variação linguística, mais ainda em revelar que a atitude dos falantes correspondia ao desenvolvimento linguístico e social do grupo em

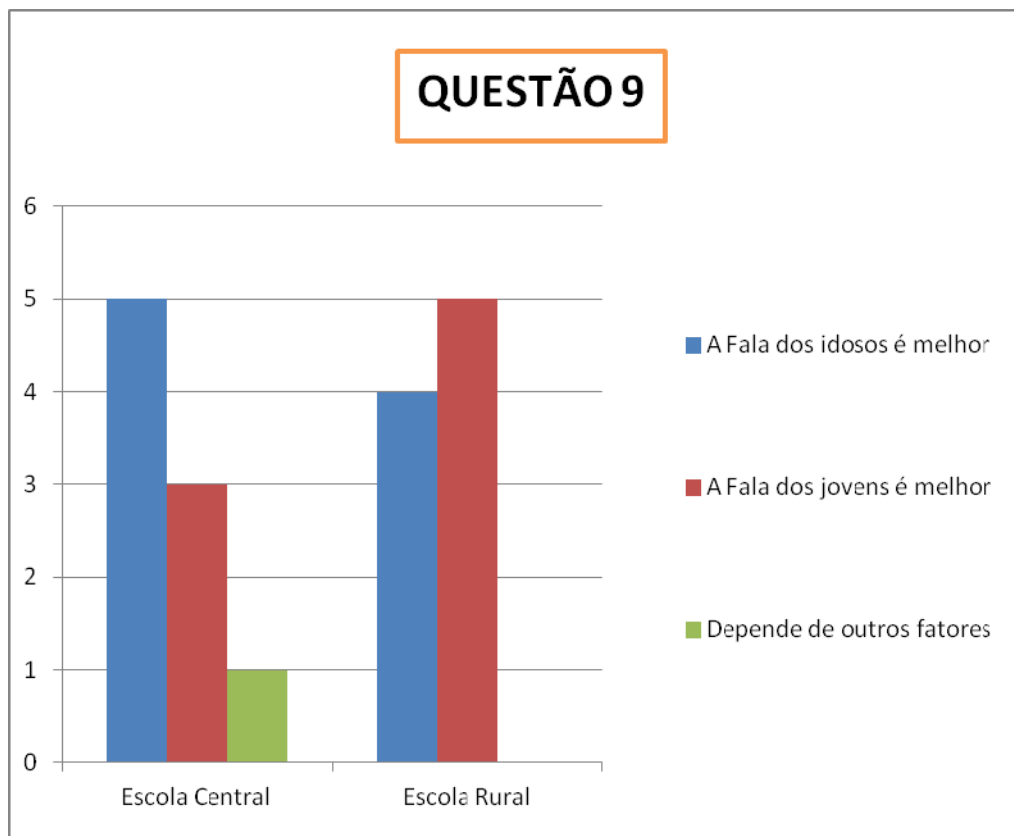
que se encontravam, uma vez que o desenvolvimento de uma mudança linguística está atrelado à vida social. Labov (2008[1972]) expõe:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Tanto nessa oitava questão, quanto na nona, tínhamos a intenção de pesquisar como o indivíduo expressaria sua atitude linguística. Dessa forma, observamos uma atitude que demonstra a crença de falar melhor ou mais bonito, como afirmamos anteriormente.

A partir da nona questão, “Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.”, verificamos que os informantes explicam qual fala é a melhor, se a fala do jovem ou a do idoso, levando em conta aquilo que vivenciaram ou aprenderam, como apresentamos no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.



De certa forma, os informantes apresentam uma atitude resultante de crenças construídas em seu cotidiano. Ao considerar, então, que a vivência desses entrevistados são diferenciadas, visto serem de regiões díspares de Londrina (centro e rural), notamos respostas opostas:

- 50% dos informantes, em sua maioria da escola central, creem ser a fala dos idosos a melhor, justificando de duas maneiras:
 - Os idosos possuem mais estudos: “Eu acho que por ele já ter estudado, já ter aprendido mais, né. Antigamente, também, os pais eram muito rígidos, né. Às vezes, alguma religião, ensinava a falar certinho, né. Eu acho que eles falam bem melhor.” (Inf. 03, Q9, L387-389);
 - Os jovens utilizam muito as gírias: “Os jovens falam muito em gíria e os idosos falam uma língua mais culta.” (Inf. 07, Q9, L964).
- 45%, sendo a maioria da escola rural, acredita que a fala dos jovens é a melhor, pois estes estão na escola, diferentemente de seus familiares mais velhos que possuem pouca escolaridade: os informantes explicam ser a fala do idoso diferente da norma padrão que os alunos aprendem na escola e têm por correta:
 - “Ah, não sei por quê. Os idosos falam pior, ah, porque, sei lá, mas a maioria veio da roça, aí a maioria fala de um jeito estranho.” (Inf. 09, Q9, L1269-1270);
 - “Porque tem idoso que fala bem diferente.” (Inf. 11, Q9, L1553);
 - “Porque os idosos já estão velhos, não sabem falar, eles falam o que vem na telha. E os jovens já falam certinho e tudo, mas alguns não.” (Inf. 16, Q9, L2275-2276).
- Somente um informante da Escola Central (5%) diz ser necessário, para classificar quem fala melhor, considerar muito mais o conhecimento e a escolaridade, do que a idade que a pessoa tem, se é idosa ou jovem: “não depende da idade, sei lá, mais pelo conhecimento.” (Inf. 05, Q9, L686).

Essa questão nos possibilitou constatar que tanto os alunos da escola central quanto os alunos da escola rural são capazes de emitir um julgamento valorativo quanto ao

uso da Língua Portuguesa, seja ao tratar a língua do idoso como a melhor, seja ao considerar a do jovem. Observamos, também que, ao marcarem a língua do jovem como a melhor, relacionam-na com gírias. Os entrevistados são jovens que fazem uso dessa modalidade da Língua Portuguesa tanto quanto outros jovens, os quais utilizam as gírias em seu grupo para marcar a originalidade do grupo social restrito a que pertencem. Segundo Preti (1984), ao usar a gíria, os jovens estão escolhendo uma linguagem específica capaz de se opor à variedade culta em vigor no período a que o grupo pertença. Ao escolherem uma linguagem específica, os jovens proporcionando à ela características de originalidade e auto-afirmação, que sempre cativam outros jovens.

A questão seguinte (Q10) também nos ajuda a observar se os alunos, mais uma vez, conseguem expressar sua atitude frente aos usos linguísticos diferenciados entre pessoas com e sem escolaridade. Para tanto, a questão dez trata de questionar: “Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? Comente.”.

As respostas dos entrevistados nos permitem afirmar que a maioria dos entrevistados expressa a crença sobre pessoas instruídas falarem melhor. Para eles, as pessoas com escolaridade aprenderam as regras de uso da Língua Portuguesa, com isso, mantém-se a noção de que a escola proporciona ao alunado um contato com a norma padrão e a norma culta, capacitando o aluno a utilizá-la em diversas situações de uso da língua em que essas normas se fazem necessárias:

- “Começa, porque uma pessoa que tem escolaridade, ela sabe falar, ela aprende desde pequeno, na escola, a forma melhor de falar pra tudo, até pra uma entrevista de emprego, eu acho. Agora, a pessoa que não tem escolaridade, ela nem sabe falar, ela nunca teve contato com uma pessoa também que sabe falar direito, como o professor.” (Inf. 08, Q10, L1122-1125);
- “Porque quem tem escolaridade estudou o Português melhor do que quem não tem. Normalmente, as pessoas que não estudou falam tudo errado.” (Inf. 17, Q10, L2431-2432);
- “Porque quem tem estudo já está e quem não tem pode até falar o Português, mas não fala corretamente porque eles se esquecem de usar ponto e vírgulas, ou usa gíria.” (Inf. 18, Q10, L2578-2579).

Cabe ressaltar, a respeito da crença desse informante sobre o uso da variação linguística, que ele relaciona as pessoas não escolarizadas àquelas que cometem desvios da norma prescritiva na linguagem, como erros de pontuação ou o uso de gírias.

Dois entrevistados, todavia, não acreditam que exista diferença na fala de pessoas escolarizadas e não escolarizadas, pois creem, dependendo do caso, ser a pessoa capaz de aprender em casa. Dessa forma, classificam como escolarizadas as pessoas que passam pela escola, mas admitem que outros também podem ser aprendizes das normas linguísticas se alguém em casa os auxiliarem. Para esse aluno, a aprendizagem vai depender não somente da escola, mas de quem ensina o indivíduo: “Não, acho que é a mesma coisa, vai depender também dos pais que você nasce, né.” (Inf. 03, Q10, L393).

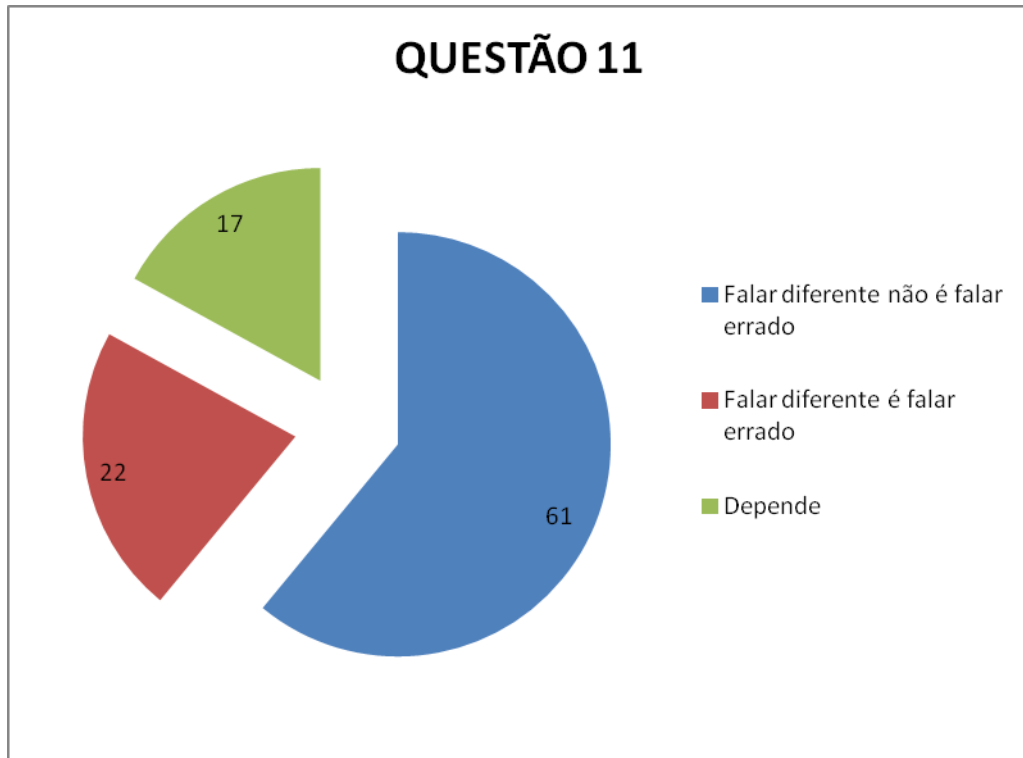
Considerando que os alunos acreditam ser necessário o estudo da língua para saber adaptá-la quando necessário, independentemente de ser pela escola ou por um familiar que lhes proporcione isso, podemos visualizar o papel e a importância do ensino das normas linguísticas para os alunos, visto que o valor atribuído à variedade padrão e o estigma associado às variedades não-padrão conduzem as escolas a deixar de lado as variedades linguísticas, ao invés de as abordarem efetivamente nas aulas de Língua Portuguesa. Como bem sugerem os Parâmetros, o papel da escola é proporcionar um ensino que mantenha a ideia da língua como um conjunto de variedades, não somente a predisposição a um único uso – norma padrão. (BRASIL, 1998).

A partir dos julgamentos expressos pelos alunos, defendemos a aplicação de uma pedagogia diferenciada na escola, a pedagogia da variação linguística, em que o alunado possa aprender sua língua materna, descartando os preconceitos linguísticos.

As questões anteriores possibilitaram reconhecer tanto os julgamentos de valor, ao expressarem suas opiniões sobre a pessoa que fala melhor, mais bonito e mais corretamente de acordo com a norma padrão, quanto a ausência de valores, quando os informantes revelam não acreditar na variação linguística.

A questão questão 11, “Você acha que falar diferente é falar errado? Justifique sua resposta.”, conduz os alunos a expressarem efetivamente uma atitude positiva ou negativa a respeito dos modos diferentes de falar e seu uso, como observamos no gráfico a seguir.

Gráfico 6 - Você acha que falar diferente é falar errado? Justifique sua resposta.



Portanto, a respeito das crenças dos alunos sobre variação linguística e seu uso, podemos afirmar que a maioria não acredita que falar diferente seja errado, visto que, dos 18 informantes, 11 (61%) julgaram que falar diferente não é errado. Notamos que a variação linguística já se faz presente no cotidiano dos informantes, que já aceitam o uso de modos diferentes de falar o Português, pois a fala, de acordo com o exposto pela Sociolinguística, deve estar adequada à situação de uso. Como postula Castilho (2010), tanto na fala quanto na escrita é necessário levar em conta o interlocutor e saber como produzir seu ato linguístico.

Os informantes favoráveis ao uso das variedades linguísticas justificam que falar diferente não é falar errado:

- acreditam na existência de diferentes modos de falar e também no seu uso: “É só que está falando diferente.” (Inf. 15, Q11, L2147);
- comentam a diferença entre falar errado e falar diferente ao afirmarem que “falar errado é quando você fala pulando frase, pulando letra, trocando as letras. E falar diferente é quando você usa sotaque e esses tipos de coisas.” (Inf. 07, Q11, L977-978);
- expressam-se a respeito do preconceito social e linguístico, defendendo que cada indivíduo tem o direito e o dever de respeitar e ser respeitado: “Não. Eu acho que falar diferente é aquelas coisas que

cada um tem a sua cultura. E cabe a nós respeitarmos cada cultura que cada um tem.” (Inf. 18, Q11, L2583-2584).

Dessa forma, compreendemos que eles sugerem existir diferentes modos de falar, adequados a diversas situações sem estar errado.

Ainda na Questão 11, observamos que 22% dos informantes (quatro alunos) creem que falar diferente é a mesma coisa que falar errado, pois pode causar incompreensão linguística, como o uso de algumas gírias ou sotaques considerados errados. Essa posição revela uma atitude negativa à variação linguística. Um dos informantes justifica sua posição desfavorável ao uso das gírias, alegando não entender a gíria como uma linguagem específica de um grupo, utilizada para marcar sua originalidade, mas a compreende como um uso linguístico característico do desvio da norma prescritiva, justificando que, ao usar a gíria, o homem desvia da norma causando incompreensão nas mulheres ou nas pessoas fora de seu grupo de convívio: “Ah, é errado, porque tem muita gente que não entende as gírias dos homens. Se os homens ficam falando, e não fala o nome da pessoa, da coisa, aí ninguém entende. Não se entende as gírias que o homem fala, que fala “e aí mano”, as mulheres não entende.” (Inf. 04, Q11, L555-557).

Por fim, também na Questão 11, três informantes (17%) acham que nem sempre falar diferente é errado, apenas o uso de variedades da língua adequadas a situações diversas. Para esses informantes, há variação na oralidade: “Ah, tem gente que fala diferente, fala errado, “nóis”, “a gente vai”, que fala diferente e tem quem fala melhor.” (Inf. 02, Q11, L249-250). De certa maneira, esses informantes não expressam uma atitude positiva ou negativa quanto ao falar diferente ao assumirem a existência das duas formas, entretanto, demonstram atitude positiva com relação à norma culta, ao atribuírem aos usuários dessa norma o melhor uso, quando sugerem existirem tanto pessoas que falam diferente quanto pessoas que falam melhor.

Essa questão possibilitou analisar a situação em que se encontra a aceitação da variação linguística pelos alunos educados pela escola atual. Mesmo ao observar que a grande maioria dos informantes possui uma atitude positiva com relação a esse conteúdo da Língua Portuguesa, notamos que esse é um tema ainda complexo e pouco compreendido pelos alunos, principalmente quando consideram errado o uso da gíria e os sotaques, independentemente da situação. Possivelmente essa postura é consequência da coercitividade da norma padrão, por prescrever as regras do bom uso da Língua Portuguesa, sem permitir que variações ocorram. Sabemos que ainda se concebe essa norma como a principal no ensino do Português e que é por meio dessa norma que os alunos conhecem a Língua

Portuguesa. Vale ressaltar como papel fundamental da escola levar ao aluno o acesso à norma de prestígio, como também alterar os preconceitos produzidos à variação linguística, a fim de colaborar com o ensino da Língua Portuguesa, pois se trata de uma língua composta de diversas normas.

Faraco (2002) assevera que na sociedade brasileira existem inúmeras normas linguísticas, posto que a norma, qualquer que seja, é a junção de um conjunto de formas linguísticas, bem como um agregado de valores socioculturais. Dessa forma, se a Língua Portuguesa no Brasil possui várias normas, é preciso que os usuários dessa língua conheçam suas variantes e sejam capazes de utilizá-las quando necessário, portanto, a escola deve ser o local em que tomam contato com esses diversos usos sem atribuir juízo de valor negativo às variedades estigmatizadas.

Na sequência, então, pedimos para os informantes explicarem o que é falar errado (Questão 12) e verificamos que as respostas condizem com a resposta dada anteriormente na Questão 11. Portanto, obtivemos três tipos de respostas. Aqueles que acreditam que falar diferente não é errado: “É... Ah... Não tem falar errado o Português, pra pessoa, ela está falando certo. Pra gente, pode estar errado, mas pra pessoa, ela está falando certo.” (Inf. 01, Q12, L100-101); “Falar errado, por exemplo, eu falo [m ɔ ʒ m ɔ □ ● †], mas o cara, [m ɔ ♦ m ɔ □ ● †], ele fala errado, mas não é errado, tá no modo correto, só é diferente.” (Inf. 16, Q12, L2293-2294).

Outros que acreditam que falar errado é falar diferente, ou melhor, sem obedecer às regras da norma padrão da Língua Portuguesa: “Ah, errar nas palavras é tipo: “a gente vai”, igual eu falei.” Inf. 02, Q12, L256); “Errado? Eu acho que é... falar igual ao Cebolinha, que fala elado. Eu acho que isso é errado.” (Inf. 03, Q12, L406-407); “É sem as regras do Português. É falar do jeito que se ouve quem fala errado.” (Inf. 04, Q12, L560); “Falar errado é trocar palavras, trocar letras.” (Inf. 07, Q12, L982). Esses informantes não aceitam que na fala pode haver variação.

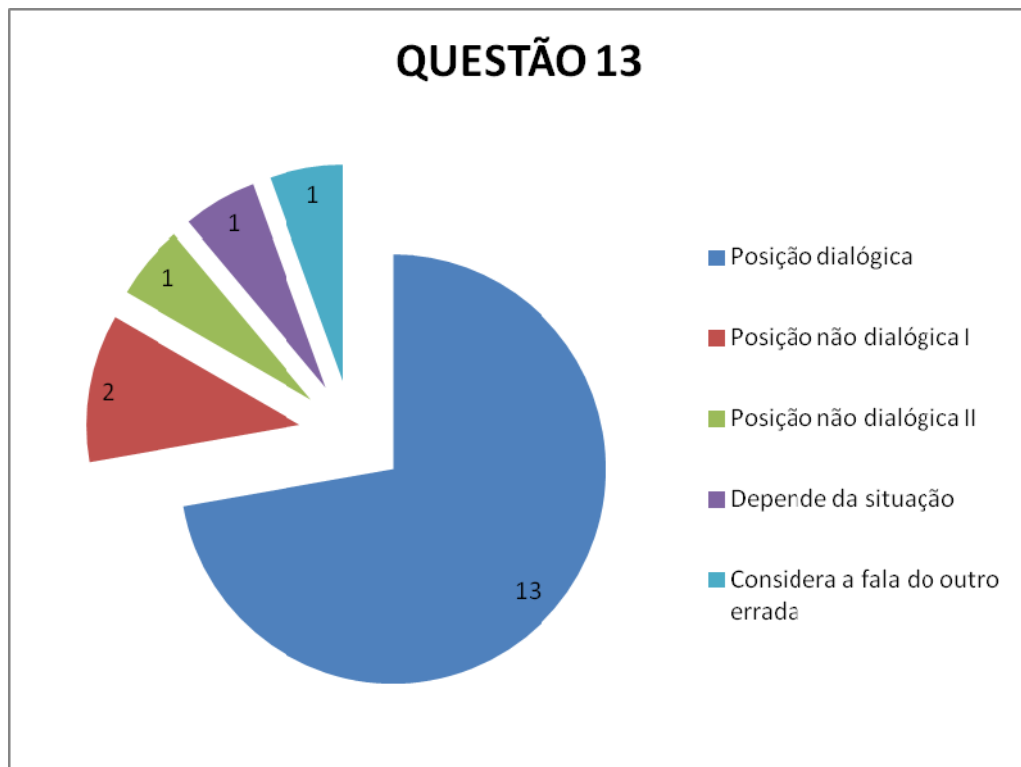
Outros creem também, que não se fala errado, podendo haver adaptações da sua linguagem à situação de uso: “Depende. Se você estiver falando com um amigo e falar errado, acho que não tem muito problema. Agora, se você for trabalhar, fazer uma entrevista de emprego ou algo mais importante, tem que falar mais correto.” (Inf. 08, Q12, L1133-1136); “Falar errado... Falar errado é não saber conversar.” (Inf. 11, Q12, L1571). Esses informantes já aceitam a variação na língua e classificam a linguagem como adequada à situação de comunicação do indivíduo que dela faz uso. Bortoni-Ricardo (2006) assevera que,

em detrimento da fala, podemos tratar de “adequado” ou “não”, portanto, o “erro” é substituído pela noção de diferenças entre variedades ou estilos.

Tanto na questão 11 quanto na questão 12, o conhecimento de variedades expresso pelos alunos já mostra aceitação da variação linguística. Entretanto, alguns informantes ainda revelam uma visão normativa prescritiva para o uso da língua, denominando como “erro” tudo aquilo que subverte as regras, não fazendo distinção entre fala e escrita, pois, como já defendemos, na escrita, assumimos que existe o erro de ortografia, enquanto, na fala, consideramos o inadequado à situação.

Em seguida, expomos uma questão elaborada para identificar como os alunos se portam em situações que envolvem variação linguística, a fim de verificar suas crenças e atitudes. Desse modo, a questão 13, “Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que faz?”, revela a crença positiva a respeito dos modos diferentes de falar, por grande parte dos entrevistados, como constatamos no gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que faz?



Ao observar a atitude linguística dos dezoito informantes, compreendemos:

- 13 informantes revelam buscar, na situação proposta, uma posição simétrica⁷, pois os sentimentos de estar perdido na situação de comunicação os conduzem à atitude de dialogar - isto é estabelecer e manter uma forma de comunicação - ao tratar seu interlocutor não como parte de uma classe social inferior ou superior, instituindo uma relação assimétrica, mas como membro do mesmo grupo sociocultural: “Ah, converso pra que ela me explique o que é. (...) Ah, pra ter tipo um conhecimento geral.” (Inf. 07, Q13, L988-990). Quando o aluno transforma uma dificuldade em um diálogo, notamos a ocorrência de uma atitude positiva, a aceitação da variação linguística, a fim de compreender o dito: “Eu pergunto o que que é... Pra entender, porque se eu estou conversando com você e você fala uma coisa que eu não aprendi, e eu perguntar pra você o que é e você me explicar, e se eu estiver conversando com outra pessoa e ela falar, eu já vou saber o que é, ela não vai precisar explicar de novo.” (Inf.17, Q13, L2447-2451). Assim, antes de criticar os modos diferentes de falar, um informante se mostrou aberto ao novo, pois ele acha que deve perguntar o que significa a palavra para entender a conversa. Esse informante, como os outros treze, parece ansioso por conhecer e compreender o diferente;
- Dois informantes, entretanto, não assumem essa posição de simetria na comunicação, pois não fazem esforços para compreender o dito pelo falante, mesmo quando não compreendem: “Ah, sente mal, né, porque não entende... Ah, não falo nada, porque a gente não entende” (Inf.13, Q13, L1875-1877).
- Um informante apresenta uma posição assimétrica, mas justifica sua postura por não querer ofender a pessoa com quem conversa, então prefere não perguntar e ficar sem compreender a conversa: “A gente

⁷ Os estudos sociolinguísticos apontam as relações de comunicação entre os indivíduos como simétricas ou assimétricas. Consoante Bortoni-Ricardo (1984), a relação assimétrica se dá quando os interlocutores pertencem a classes sociais e grupos diferentes, causando divergências na comunicação.

fica sem graça, né, porque dá vergonha de perguntar o que que é, a pessoa pode se sentir ofendida.” (Inf.10, Q13, L1433-1434).

- Outro informante sugere que sua atitude vai depender de outros fatores, portanto mostra uma disposição para a convergência na linguagem, ou seja, revela seus esforços para estabelecer uma relação amistosa com seu interlocutor, pois reduz a assimetria presente na comunicação: “Acho que depende da pessoa. Se a pessoa parece mais inteligente, acho que eu me sinto um pouco burro, né. Mas, se a pessoa for meio desleixada, meio burra, eu fico de boa, depende também do que ela está falando, eu acho... Depende, né, pode ser por você querer saber o significado da palavra e também pra você saber o que a pessoa está falando, se é, sei lá, uma gíria ou uma palavra de verdade.” (Inf.08, Q13, L1140-1147);
- Mais um informante é favorável à convergência na linguagem durante uma comunicação assimétrica, entretanto, deixa claro que faz isso porque a pessoa fala errado, assim vê o problema de comunicação somente no outro: “Eu penso que ela é burra mesmo... Eu pergunto de novo... É porque eu acho que ela que fala errado.” (Inf.15, Q13, L2155-2161). Esse informante apresenta uma atitude negativa, ao revelar seu preconceito linguístico para com pessoas que falam diferente dele, pois acredita que sejam incapazes de compreendê-lo, como ele afirma: “burra mesmo” (Inf.15, Q13, L2155).

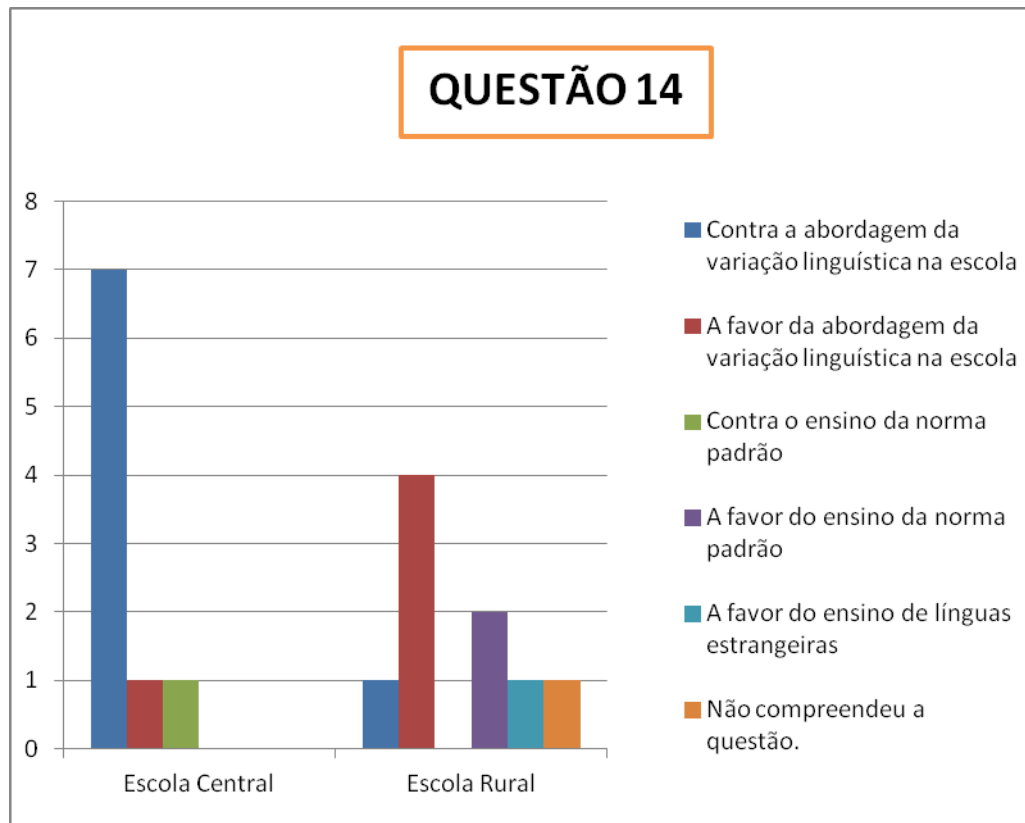
Ao analisar essa questão, compreendemos que, consoante a questão anterior, a maioria dos informantes assume uma postura positiva com relação ao uso das variedades linguísticas, produtos da língua disponíveis ao falante. Entretanto, ainda existe um número de alunos que não são capazes de assumir essa postura, devido ao fato de ser natural o preconceito linguístico em nossa sociedade.

As questões de 14 a 16 têm por finalidade aprofundar a discussão a respeito da pedagogia da variação linguística. Nessa sequência de perguntas, investigamos qual a opinião dos alunos sobre a abordagem da variação linguística em sala de aula, pois a pedagogia da variação linguística indica que se trabalhe, de forma conjunta, a norma padrão e as normas não-padrão da Língua Portuguesa. Para realizar essa discussão, dispomos a sequência: Questão 14: “A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por

quê?"; Questão 15: "Quais modos diferentes em sua opinião?"; e Questão 16: "Em que lugares você ouviu este(s) modo(s) diferente(s)? Comente."

Ao serem questionados "A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por quê?", notamos uma discordância de crenças entre os alunos da escola central e da rural. Como demonstramos no gráfico 8:

Gráfico 8 - A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o português? Por quê?



Dos deztoitos informantes, sendo nove de cada escola, sete da escola central acham que não se deve abordar a variação linguística em sala de aula, seja por que acreditam que a língua sempre vai mudar, seja por que afirmam ser só o ensino da norma padrão suficiente, principalmente porque o uso da língua padrão permite a manutenção da comunicação entre os falantes. A existência dessa manutenção na linguagem em uso, apontada por Castilho (2002), ocorre por causa da norma prescritiva, combinação da objetiva e subjetiva, como uma determinação dos usos linguísticos do grupo de prestígio:

- "Porque sempre vai mudar, né? Ter uma gíria nova. Eu acho que não há necessidade." (Inf. 02, Q14, L270-271);

- “porque o que eles estão ensinando, já é muito bom, aprende bastante. O Português aqui é muito bom. O professor aqui é bem rígido, pega bastante no pé. Eu aprendi bastante.” (Inf. 03, Q14, L422-424);
- “Ah, eu acho que deveria ter um padrão né. (...) pra ficar mais fácil.” (Inf. 07, Q14, L994-996).

Somente dois informantes da escola central afirmam que a escola deve abordar a variação linguística. O primeiro aponta a necessidade de conhecer um pouco de cada modo diferente de falar, quando afirma: “Porque deveria reconhecer na hora que a outra pessoa falar alguma coisa” (Inf.01, Q14, L116). O outro informante a favor da abordagem da variação linguística, na verdade, sugere que a escola não deveria ensinar a norma padrão, pois essa não é muito utilizada, como explica: “Acho que o Português que a gente aprende na escola é um Português mais correto, né. Só que esse, não devia, porque as pessoas não usam na rua, eu acho. (...) Porque essa forma (norma padrão) a gente não usa muito sabe. É uma coisa assim que é pouco usada no dia-a-dia.” (Inf. 08, Q14, L1151-1157).

Quando analisamos as respostas dos alunos da escola rural na questão 14, em comparação com os da escola central, crentes de que não se deve abordar a variação linguística em sala de aula, apuramos o oposto, visto que dos nove informantes da escola rural, cinco defendem, a primeira vista, a abordagem da variação linguística na escola ao responderem com “sim”, que os modos diferentes devem ser tratados em sala de aula. Entretanto, ao justificarem suas respostas, somente quatro realmente aceitam essa abordagem, alegando haver necessidade de a escola combater o preconceito linguístico, abordando as variedades linguísticas e a norma padrão em sala de aula “Porque a escola ensina só uma maneira de falar e tem várias maneiras, não é só uma.” (Inf. 12, Q14, L1738) e “Pra pessoa ter uma diferença, eu acho que seria até bom, porque tem muito Português que é quase igual ao que nós falamos errado. Acho que é bom ter.”(Inf.18, Q14. L2605-2606). Ressaltamos, então, que somente quatro informantes conseguem realmente aceitar a abordagem da variação, mas, ainda assim, temos um número maior do que na escola central.

Dessa forma, a esses informantes partidários do uso da variação, quando responderam “sim”, fizemos mais dois questionamentos: Q15 “Quais modos diferentes em sua opinião?” e Q16 “Em que lugares você ouviu este(s) modo(s) de falar diferente(s)?”. Ao analisar a questão 15, notamos que, dentre os tipos de variedades mais citadas entre eles, estão gírias e sotaques: “gírias de outros Estados” (Inf.01, Q15, L122); “Os sotaques do norte, sul, central.” (Inf.07, Q15, L1000); “As pessoas que falam gírias” (Inf.08, Q15, L1161); “Gíria”

(Inf.12, Q15, L1742); “A gíria, sotaque diferente, tipo baiano, nordestino” (Inf.18, Q15, L2610).

Na questão 16, por sua vez, encontramos nas respostas dos alunos os lugares em que eles reconhecem variedades linguísticas, tais como:

- “Nordeste” (Inf.01, Q16, L129);
- “Música de rap... E também na escola” (Inf.03, Q16, L435);
- “No meu bairro também tem muita gente que fala na gíria” (Inf.04, Q16, L578);
- “Em cada cidade que você vai, muda um pouquinho” (Inf.07, Q16, L1004);
- “Mais em roda de amigos, em lugares em que você fica mais chegado às pessoas” (Inf.08, Q16, L1165);
- “Em outras regiões, porque tem sotaque” (Inf.10, Q16, L1450);
- “Em televisão, quando tem um pessoal bem diferente” (Inf.11, Q16, L1596);
- “Ah, tem gente que vem de fora e fala o português, quem vem do Japão fala o português diferente” (Inf.13, Q16, L1894-1895);
- “Cada lugar tem um jeito” (Inf.14, Q16, L2034);
- “Só os jornalistas mesmo” (Inf.15, Q16, L2175);
- “A minha família fala diferente e cada um fala de um jeito” (Inf.16, Q16, L2320);
- “Só na escola” (Inf.17, Q16, L2465);
- “Área de trabalho, na escola, nos lugares que a gente vai né” (Inf.18, Q16, L2615).

A partir dessas respostas, ressaltamos como mais reconhecidas as variedades social e geográfica, uma vez que, no Brasil, a amplitude territorial permite ao falante notar a diferença na linguagem de outra região, e a heterogeneidade social permite observar e diferenciar a linguagem culta e a popular.

No entanto, dois informantes favoráveis à abordagem da variação linguística na escola, conforme suas respostas à questão 14, mostraram-se leais somente ao ensino da norma padrão: “O modo certo” (Inf.17, Q15, L2461); “A escola tinha que ensinar o português correto, o português que é falado, tipo assim, entre a gente. Ensinar a cultura, essas coisas que a escola tinha que ensinar mais” (Inf.12, Q15, L1745-1746).

Apenas um, na questão 14, não prevê a abordagem da variação no ensino de Língua Portuguesa, mesmo sabendo que, em outras regiões, são utilizados modos diferentes de falar o Português, como o aluno explica: “Eu acho que não, que de outras regiões assim está certo que falam diferente o Português, mas geralmente não se deve ensinar” (Inf.14, Q14, L2027-2028).

Por fim, um entrevistado da escola rural, quando questionado sobre a variação na escola, por não compreender a que se referem os “modos diferentes de falar o Português”, responde que deveriam ser ensinadas mais línguas, como o inglês e o espanhol: “Porque tem que ensinar, pra nós sabermos mais as coisas, né, tipo, se a gente for pra outro lugar, outro país, pra passear, tem que saber as coisas...” (Inf.13, Q14, L1881-1882), referindo coisas às línguas estrangeiras: “inglês, espanhol, coisas de outros países” (Inf.13, Q15, L1888). Diante dessa situação, a entrevistadora refez a questão, perguntando sobre os modos de falar do Português, mas o aluno mantém-se sem saber, respondendo “Ah, não sei.” (Inf. 13, Q14, L78) e “Ah, sei lá, acho que tem que ensinar” (Inf.13, Q15, L1890)..

Observamos, portanto, discordância com relação às crenças observadas nas questões anteriores, pois mesmo que eles conheçam ou identifiquem as variedades linguísticas, poucos são a favor da abordagem dessa modalidade da língua em sala de aula. O resultado apontado por esses dados a partir das atitudes dos alunos com relação à abordagem da variação linguística em sala de aula, vai ao encontro do exposto por Faraco (2008), ao afirmar que a pedagogia da variação, mesmo já presente nos documentos oficiais de diretrizes para o ensino, ainda não é uma ideia fixa para os indivíduos, como o professor, que estenderá o assunto até o alunado.

Consoante Faraco (2008), ainda não existe uma pedagogia adequada à variação linguística, talvez por não termos discutido, suficiente e publicamente, a heterogênea realidade linguística existente no Brasil, nem o preconceito linguístico gerado por situações de prestígio social sobre a norma padrão. O autor afirma, sobretudo, que já se reconhece a heterogeneidade linguística na escola, mas o modo de lidar com essa diversidade permanece um problema. Como observamos, a maioria dos alunos reconhece a existência da variação, mas nem todos são favoráveis à sua abordagem e uso.

Na Questão 17 (“O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?”), interrogamos os alunos a fim de saber se algum professor de Português já havia tratado da variação linguística em sala de aula, para observar se uma possível introdução da pedagogia da variação já está sendo inserida nas escolas no ensino da Língua Portuguesa. Dos dezoito entrevistados, quatro responderam que o professor não

comenta sobre a variação do Português em classe, e, desses quatro, um responde falando em norma padrão para justificar sua resposta: “Ele (o professor de Português) mostra, tipo assim, como que é o *correto*.” (Inf. 18, Q17, L2619). (grifo nosso). Dessa forma, quando questionado se o professor aborda a variação linguística, ele responde que sim, mas pensando na norma prescritiva.

Um informante responde afirmativamente, mas não entende a pergunta, pois, quando comenta sobre as variedades que o professor aborda em sala de aula, confunde modo de falar com conjunções adversativas, como observamos em seus exemplos: “modo que eu comecei a utilizar foi o “porém”, “no entanto”, que eu aprendi bastante com a professora.” (Inf. 03, Q17, L441-442).

Enfim, das dezoito respostas, somente treze foram realmente afirmativas. Nesses casos, os entrevistados explicam suas respostas, relacionando os modos diferentes de falar o Português com os termos gírias, sotaques, modo coloquial, modo de falar com os amigos ou ainda o modo de falar de antigamente. Dentre eles, um informante consegue marcar em sua resposta que existem as variedades e a norma culta: “Eu uso bastante o modo coloquial, mas também tento o modo culto.” (Inf. 06, Q17, L871). Essa questão, portanto, também revela a facilidade em perceber as variedades social e geográfica. Acrescentamos, ainda, que a variação sociocultural é tão perceptível quanto a geográfica, já que os informantes afirmam utilizar as variedades e a norma padrão, como vimos: “Eu uso bastante o modo coloquial, mas também tento o modo culto.” (Inf. 06, Q17, L871). Nessa questão, podemos verificar, sobretudo, que o estudo da variação linguística também já se faz presente na escola, de acordo com o afirmado pelos alunos, mas ainda não o suficiente.

A propósito da questão 19 (“Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?”), na qual os alunos poderiam comentar algo além de a heterogeneidade linguística brasileira, há comentários apenas de quatro alunos, pois os outros preferiram não se manifestar mais.

Dessa forma, dentre os quatro, um entrevistado mostra atitude desleal para com sua Língua materna ao preferir outras línguas à sua, tomando como justificativa para tal atitude a complexa estrutura da Língua Portuguesa. Essa atitude negativa em relação à sua língua materna pode ser resquício da crença do aluno sobre sua língua nacional. Sabemos que a Língua Portuguesa ainda não é devidamente abordada nas escolas, ainda encontramos uma norma imperativa, de uso estabelecido pela sociedade:

- “Eu gostaria de falar inglês e espanhol” (Inf. 04, Q19, L595).

Em contraste com as respostas anteriores, encontramos duas opiniões favoráveis ao uso da variação linguística. Os informantes marcam duas atitudes importantes: de um lado, a aceitação da variação, quebrando com os estigmas e preconceitos em torno do tema, e, de outro lado, a expansão da variação linguística, que cada vez mais tem buscado um espaço para estudo, uso e apreciação. São as opiniões, respectivamente:

- “Cada um tem seu modo de falar, e tem que se aceitar isso. Não é todos que vão falar igual a você.” (Inf. 12, Q19, L1769-1770).
- “(...) esse negócio de gíria aí está cada dia aumentando.” (Inf. 18, Q19, L2638).

Um dos informantes compara sua língua materna com outra, o inglês, que desperta-lhe bastante interesse, entretanto, ainda valoriza o português, mesmo vivenciando a dificuldade de usar a norma culta, como verificamos em sua resposta:

- “Ah, na verdade eu me interessava bastante pelo inglês, o português é uma maravilha, só que, como todo mundo fala, o português é a língua mais difícil, né. E é bonito o Português de falar.” (Inf. 03, Q19, L454-456);

Para finalizar o questionário, os informantes analisaram algumas frases. Cabia a eles distinguir as frases que destoavam da norma padrão daquelas condizentes com essa norma. Essa questão tinha o propósito de apontar os desvios da norma identificados pelos alunos como erros e as variantes aceitas, dentre eles: falta de concordância verbo-nominal, regência verbal, presença de gírias e marcas de oralidade. Optamos por manter os termos certo e errado no enunciado da Q20 por serem recorrentes no cotidiano do aluno e, sobretudo, pela carga significativa atribuída a essas palavras principalmente em estudos que privilegiam a norma padrão coercitiva.

Dessa forma, selecionamos treze frases para verificar, além do conhecimento do aluno sobre a norma padrão, os julgamentos valorativos apresentados por eles a respeito do uso de determinadas variantes da Língua Portuguesa.

A **frase a** (“Eu não vi”), correta de acordo com a norma padrão, exige um conhecimento de regência verbal para sua análise, dessa forma, avaliariamos o nível de compreensão e de uso da norma padrão.

A **frase b** (“Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas”) apresenta um desvio da norma padrão, uma inconcordância verbo-nominal, e, nesta frase, o sujeito e o verbo estão distanciados.

Em contraposição, na **frase c** (“Cada um leva o seu caderno”) não há nenhum desvio da norma padrão e o verbo está próximo do sujeito, para avaliar o conhecimento básico do informante a respeito de concordância.

Já na **frase d** (“Marcelo fez um inzame de ciença”), apresentamos dois desvios ortográficos, mas, na fala, são possíveis variantes populares [ʔⓂⓃⓃⓃⓃⓃⓃⓃⓃ] e [♦ʔⓂⓃⓃⓃⓃⓃⓃⓃ], cabendo aos informantes julgarem a como um desvio da norma padrão (marcando E de erro) ou apenas como um fenômeno de variação da língua oral (marcando C de certo).

Em seguida, a **frase e** (“Os homem andano na rua, encontrou a gata”) contém alguns desvios da norma: uso de vírgula inadequado, falta de concordância verbo-nominal e registro incorreto da forma verbal no gerundio. Entretanto, a ausência do plural no sujeito após a presença dele no artigo (os homem) e a forma reduzida do gerundio (andano) são marcas de oralidade. Dessa forma, os informantes precisam expressar sua crença ao aceitar ou não a essas formas de linguagem.

Incluimos também uma gíria, isto é, uma expressão característica de um grupo específico, nesse caso dos adolescentes: “Tô fora”, **frase f**, para verificar o nível de sua aceitação pelos adolescentes, usuários dessa variedade.

Selecionamos também uma frase com o uso de pronomes, mas empregado de maneira incorreta, **frase g** (“Eu lhe vi, mas não lhe reconheci”), para analisar o valor atribuído à norma padrão, visto que se os informantes considerassem esse uso correto, eles demonstrariam que não conhecem a norma padrão, mas reconhecem termos específicos devido seu uso mais complexo, como os pronomes oblíquos, pertencentes a norma padrão e associariam isso ao uso correto.

Da mesma forma, a **frase h**, “Ele falou de que não sabia de nada”, apresenta um desvio da norma para testar os informantes: a regência verbal do verbo falar, que aqui está empregada de maneira incorreta.

A **frase i** (“A gente combinou de sair hoje à tarde”) traz o pronome informal “a gente”, para avaliar o julgamento positivo ou negativo sobre o uso de uma variedade popular, uma linguagem informal.

A variedade popular e a gíria também estão presentes na **frase j** (“Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé”) e os informantes devem emitir um julgamento positivo ou negativo de uma frase com uma variante do verbo pegar e a gíria “meu velho”.

A **frase k** (“Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola”) não apresenta nenhum desvio da norma padrão, servindo portanto para verificar o conhecimento do informante.

Em seguida, apresentamos a **frase l** (“O vestidinho da menina era vermelhinho”), produzida de acordo com a norma padrão, mas que utiliza o diminutivo, marca linguística presente na fala das mulheres, afim de verificar o julgamento do informante a respeito de uma variedade específica do sexo feminino.

Por fim, acrescentamos a **frase m** (“A gente vamos no cinema”), com um erro de regência do verbo ir, que é muito comum na variedade popular, para observar o julgamento de um desvio provavelmente recorrente na linguagem cotidiana desses informantes.

Assim, analisamos as escolhas dos alunos, apontando os equívocos encontrados em suas análises, como mostramos no gráfico 9 elaborado para a Q20.

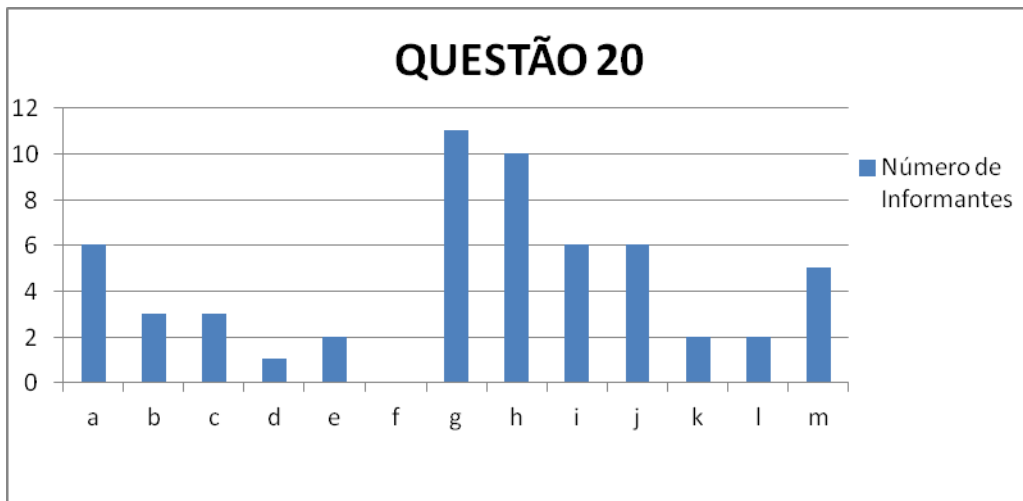
Para as frases a (“Eu não vi.”), i (“A gente combinou de sair hoje à tarde.”) e j (“Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.”), encontramos seis alunos que as analisaram de forma errônea. Quanto à primeira, destacamos o problema em reconhecer a intransitividade do verbo, visto que os alunos provavelmente acreditam que esteja faltando algo na frase. Na segunda, frase i, o uso da forma de tratamento coloquial “a gente” conduz seis dos informantes a marcarem a frase como errada. Adiante, o erro é marcado devido ao uso coloquial, na frase j, em relação à forma verbal “pegar”, assinalada na frase como uma marca de oralidade, não sendo aceita por seis alunos.

Convém destacar ainda as frases f e h. Na frase f, os alunos tinham apenas uma expressão para julgar (“tô fora.”). Trata-se sobretudo de uma gíria utilizada pelos adolescentes. Observamos a sobreposição da atitude positiva sobre a negativa, pois dez alunos a classificam como correta e somente oito como errada. Notamos uma atitude leal e consoante com as variedades escolhidas pelos alunos para o uso cotidiano da fala. Os dez alunos mostram aceitabilidade da variante linguística, enquanto os outros, ao indicarem a expressão como errada, revelam lealdade para com a norma padrão da Língua Portuguesa.

A frase g (“Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.”) foi a que mais apresentou falhas na análise pelos informantes. O uso da regência do verbo ver, nessa frase de forma inadequada, foi considerado por onze entrevistados como correta, isto porque o pronome lhe é um signo da norma padrão. Dessa forma, notamos que os alunos, nesta frase, são leais a norma padrão.

A frase h (“Ele falou de que não sabia de nada”), por sua vez, foi analisada também de maneira falha pelos alunos. Considerando que o verbo “falar” possui mais de uma regência e que os alunos se utilizam dessas possibilidades, quando expomos na frase h “ele falou de”, os alunos não detectam como erro, visto sua possibilidade, entretanto, observando a oração completa, notamos que neste caso o verbo “falar” é transitivo direto, então não exige preposição, sendo necessária somente a frase: “ele falou que não sabia de nada”. A incapacidade de a maioria dos informantes assinalar esse erro gramatical para a norma padrão abordada no ensino, aponta para o fato de a escola não estar cumprindo o seu papel de ensinar a norma padrão de modo eficaz, tanto quanto não aborda efetivamente as variedades linguísticas em sala de aula.

Gráfico 9 - Análise das frases



5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisar os dados obtidos nessas entrevistas, observamos que o ensino da Língua Portuguesa, por meio da pedagogia da variação linguística, faz-se cada vez mais necessário. A seguir, revelamos os resultados obtidos em cada questionamento.

Na primeira questão, ao serem questionados sobre a língua que falam, nenhum informante apontou para além do “Português”, correlacionando sua fala com as variedades linguísticas. Na segunda questão, por sua vez, verificamos que, para os informantes, a escrita está sempre correlacionada à norma prescritiva. Assim, ressaltamos, nessas duas questões, o exclusivo contato dos alunos com a norma padrão nos domínios escolares, de forma que o estudo da variação linguística tem sido pouco discutido.

Salientamos que esse resultado não poderia ser outro, visto o contato com a norma padrão ser bem mais frequente e sempre denominada de Língua Portuguesa ou Português.

Na terceira questão, quando pesquisamos a opinião dos informantes sobre a língua que falam e escrevem, observamos que não somente a norma padrão, mas também outras variedades do português são notadas pelos alunos. Dentre esses, alguns até reconheceram a existência das variedades junto com a norma padrão na mesma língua, ao afirmarem que a fala e a escrita possuem suas diferenças. Nas três primeiras questões, ressaltamos, foram poucos os alunos a reconhecerem a variação linguística.

O despreparo dos profissionais dessa área, a ausência do assunto devidamente tratado nos manuais didáticos e a implementação ressonante de conteúdos referentes às variedades linguísticas nos projetos pedagógicos das escolas estaduais podem ser os fatores que contribuem para o resultado encontrado nessas questões, já que o conhecimento dos alunos é reflexo do ensino-aprendizagem ao qual foram expostos.

A quarta questão possibilitou afirmar que a grande maioria dos alunos reconhece a existência de modos diferentes de falar o Português, bem como destacar que a variação geográfica possui ampla abrangência nos conhecimentos dos alunos, devido à amplitude territorial do país, que permite reconhecer a variedade, comparando-a com a sua, sem que haja polêmica. Pelo reconhecimento dos alunos, acreditamos ser a variação geográfica a mais trabalhada ainda em sala de aula, devido ao fácil acesso e ao trabalho apolêmico desenvolvido pelos professores.

A propósito da quinta questão, ressaltamos que, ao serem questionados sobre a diferença entre a sua fala e a do outro, os informantes apontaram várias situações em que a fala do outro diverge da sua, mostrando a facilidade em apontar o outro como o usuário do modo diferente. Essa é uma atitude negativa, com menos peso que outras, mas ainda assim caracteriza-se como tal, pois os indivíduos não aceitam nem assumem a mudança na sua fala, somente no uso linguístico de outras pessoas em todos os lugares.

Essa atitude negativa dos informantes com relação à variação na própria fala, também foi observada na sexta questão, já que, ao serem questionados sobre o português utilizado por diferentes pessoas (entre os colegas, na televisão, na escola), mais uma vez apontaram a existência de diferenças entre esses usos, sem, no entanto, exemplificarem com sua própria fala, mas comparando a das outras pessoas.

Na sétima questão, os informantes ainda assinalaram a ocorrência das variedades na fala de outros indivíduos, exemplificando com algumas pessoas usuárias da norma culta da Língua Portuguesa, como advogados, políticos, professores, jornalistas, idosos

e habitantes de São Paulo, capital, já que acreditam serem somente elas a utilizarem a variedade de prestígio, revelando, por conseguinte, a crença de que somente pessoas escolarizadas são capazes de utilizar a norma de prestígio. Observamos que existe a certeza de que a língua varia e, portanto, os informantes conseguem apontar facilmente quem “fala melhor” o Português.

A respeito das questões de oito a dez, verificamos que todos os informantes foram capazes de emitir um julgamento de valor sobre a língua, ou seja, todos possuem uma crença que conduz a uma atitude ao expressarem suas opiniões sobre a pessoa que fala melhor, mais bonito e mais próximo da norma de prestígio.

Já na questão onze, os informantes expressaram um julgamento de valor, positivo ou negativo, a respeito dos modos diferentes de falar o Português. Dessa forma, sobre atitude positiva para com as variedades linguísticas, encontramos 61% dos entrevistados que alegaram não ser errado falar diferente e 17% que afirmaram depender de outros fatores, não sendo sempre errado. E, com relação à atitude negativa, localizamos 22% dos alunos asseverando ser errado falar diferente. Notamos a situação em que se encontra a aceitação da variação linguística pelos alunos: a grande maioria possui atitude positiva, no entanto, ainda é um tema complexo, como revelam os alunos de posição contrária, visto que também é pouco compreendido por eles.

Notamos, na questão doze, o julgamento valorativo, tanto positivo quanto negativo, dos informantes sobre os modos diferentes de falar o Português. Existem, portanto, aqueles que acreditam que falar diferente é comum e não é errado, revelando uma atitude positiva com relação às variedades. E há ainda aqueles que creem que falar diferente é inadequado, pois a pessoa não estaria obedecendo à norma culta, mostrando atitude negativa ao uso das variedades linguísticas, já que denominaram “erro” todos os usos fora da regra, sem distinguir que assumimos o erro para a escrita e o inadequado à situação para a fala.

Prosseguindo, na décima terceira questão, observamos a existência de atitude positiva e negativa dos informantes quando estão em uma situação que envolve a variação linguística. Dos dezoito entrevistados, treze revelaram atitude positiva, afirmando serem capazes de adaptar adequadamente sua linguagem à situação de comunicação. Os outros, entretanto, não demonstraram vontade em adequar sua fala, revelando atitude negativa ao uso das variedades linguísticas, seja para permanecer somente na sua variedade, seja para aceitar somente a norma de prestígio como essencial. Acreditamos que esses informantes não são capazes de assumir uma atitude positiva, pois o contato com o ensino tradicional da norma prescritiva ainda é marcante para esses alunos.

Da décima quarta questão à décima sexta, os resultados obtidos mostraram as atitudes positiva e negativa dos informantes com relação à abordagem da variação linguística na escola. Dessa forma, observamos uma divergência entre os alunos da escola central e da escola rural, pois, enquanto a maioria dos alunos da escola central apresentou atitude negativa, grande parte dos alunos da escola rural revelou atitude positiva. Esse resultado pode apontar para o fato de os alunos da escola central manterem contato mais frequente com a norma padrão da Língua Portuguesa, enquanto os alunos da escola rural terem mais contato com as variedades em seu dia-a-dia do que com a norma padrão, por isso não creem tanto na necessidade de assimilar a norma padrão quanto os alunos da escola central. Essa questão, portanto, indica ser imperativo o trabalho com a Língua Portuguesa na escola por uma pedagogia da variação linguística, pois os alunos de atitude negativa, bem como os alunos de atitude positiva, precisam compreender a importância do trabalho com a norma padrão em conjunto com as variedades, sem desmerecer ou prestigiar nenhuma.

Com a décima sétima questão, averiguamos uma recente abordagem da variação linguística nas instituições escolares, mesmo que restrita, considerando a capacidade dos informantes em afirmar que os diferentes modos de falar são mostrados pelos professores em sala de aula, apresentando como exemplo as gírias, os sotaques, o modo coloquial e o modo de antigamente.

Ao poderem falar livremente a respeito da variação linguística, os entrevistados também emitiram juízos de valor positivo e negativo com relação ao uso das variedades. Encontramos informantes que se mostraram leais somente à norma padrão, desconsiderando os modos diferentes de falar a Língua Portuguesa, bem como localizamos informantes que revelaram duas atitudes positivas importantes, ou seja, a aceitação das variedades.

De acordo com as respostas dessas duas últimas questões, verificamos que o estudo da variação linguística já se faz presente na escola, mas ainda não o suficiente. As instituições, assim como os professores, ainda possuem um trabalho árduo de mostrar e abordar as variedades linguísticas junto com a norma culta ou a padrão sem, como já mencionamos, prestigiar apenas uma. Vale ressaltar que a educação atual visa a superar a coerção social imposta pela norma padrão e mostrar aos alunos a heterogeneidade linguística presente no país.

Os resultados ponderados permitem, em observações finais, afirmar que os alunos entrevistados das escolas públicas já possuem, mesmo que restrito, um conhecimento a respeito da variação linguística, tema que aos poucos se insere na sala de aula. Os informantes

foram capazes de identificar algumas variedades, de situar onde ocorrem – como a geográfica e a sociocultural - , de exercer um juízo de valor sobre seu uso e de expressar sua posição com relação à abordagem desse assunto pela e na escola. Assim, observamos que a maioria reconhece e admite seu uso, mas que nem todos ainda são favoráveis ao enfoque da variação em classe.

A atitude negativa sobre a variação em sala de aula foi bem marcada na Q14, visto que, dos dezoito informantes, oito foram contrários a essa abordagem, sendo um favorável ao ensino somente da norma padrão. Dos nove informantes restantes, sete foram a favor da abordagem, um foi contra o ensino da norma padrão e um último foi a favor do ensino de línguas.

Destacamos, também, que a visão da responsabilidade escolar em ensinar esses diferentes modos de falar aos alunos, com o objetivo de capacitá-los a adaptar cada vez melhor sua linguagem às situações de uso, parece ser uma ideia partilhada com os alunos pelos seus professores ainda superficialmente, visto que eles têm uma rígida diferenciação entre “português” e “modos de falar”, principalmente quando a maioria afirma que as variedades não devem ser abordadas em sala de aula, diferentemente do que está previsto nos PCN, ao sugerirem que a escola deve proporcionar um ensino da Língua Portuguesa mantendo a noção da língua como um conjunto de variedades.

Os dados obtidos na vigésima questão apontaram para a incoerência no ensino tradicional, restrito apenas à norma padrão, visto que os alunos, mesmo com o ensino dessa norma nas escolas, ainda cometeram falhas ao analisar as frases. Os resultados alertam para o fato de a escola não estar cumprindo o seu papel de ensinar a norma padrão, nem abordar a multiplicidade da Língua Portuguesa com os alunos. Urge, pois, uma reformulação no modo de ensinar a língua nas escolas brasileiras de forma que o aluno seja capaz de assimilar as variadas normas do Português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: INSTIGANDO A PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“A língua é um organismo vivo que varia conforme o contexto e vai muito além de uma coleção de regras e normas de como falar e escrever.”
Ataliba Teixeira de Castilho

Investigamos a atitude dos alunos frente à abordagem da variação linguística na sala de aula, considerando as crenças dos informantes para analisar os dados. O percurso dessa pesquisa apresentou, sobretudo, que não só a língua é viva e está sempre suscetível a mudanças, como também os falantes reconhecem essa heterogeneidade da língua. A trajetória, etapa por etapa, ofereceu a possibilidade de tratar de temas significativos e, por vezes, polêmicos, sobre os quais é possível estabelecer algumas considerações:

Logo na “Introdução”, expomos o trabalho e o justificamos: acreditamos na importância do ensino da heterogeneidade linguística e na influência exercida pelo professor em sala de aula ao transmitir esse assunto para os alunos. Assim, um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas dos alunos começou a se formar a partir dos objetivos.

Em “Estado da Arte”, citamos pesquisas realizadas com a mesma finalidade, ou objetivos semelhantes ao nosso, relacionados às crenças e atitudes linguísticas sobre variação linguística na sala de aula, para apresentar alguns dos estudiosos nessas discussões, a fim de subsidiar esta pesquisa, visto que cada trabalho tem sua importância para o todo.

Na sequência, expomos nosso referencial teórico em dois capítulos, mostrando os conceitos em que nos baseamos. Um dos capítulos tratou da “Norma padrão e da variação linguística”, tema diretamente relacionado às crenças e atitudes linguísticas, pois deve ser discutido em diversos ambientes, inclusive no espaço público, para que se consigam construir crenças positivas a respeito da variação linguística e sua abordagem na sala de aula. O próximo capítulo, “Crenças e atitudes sobre variação linguística: um processo relevante ao ensino”, apontou mais alguns conceitos em que nos fundamentamos. As atitudes e as crenças, tanto quanto os fatores extralinguísticos, são determinantes na competência sociolinguística e afetam a comunidade de fala, já que, quando motivada pelo contexto social, fazem parte da realidade do falante. Dessa forma, quando um indivíduo exerce a competência sociolinguística em um ambiente capaz de fomentar crenças positivas sobre a variação linguística, certamente a atitude com relação à heterogeneidade de sua língua também será positiva.

No quinto capítulo, com o mistério a ser desvendado, descrevemos nossos procedimentos metodológicos, a natureza da pesquisa, as escolas selecionadas e os informantes. Além disso, expusemos a coleta dos dados e o questionário, meios que nos possibilitaram lidar com o nosso objeto de estudo, as crenças e atitudes positivas e negativas dos informantes sobre a variação linguística.

Assim chegamos às análises e discussões dos dados coletados. As entrevistas proporcionadas pelo questionário previamente elaborado forneceram uma ideia das crenças e atitudes dos alunos a respeito da variação linguística e do uso das variedades linguísticas por eles mesmos e pelos demais indivíduos.

Em relação às crenças linguísticas de alunos reveladas pela atitude linguística positiva ou negativa sobre a heterogeneidade da língua, mostramos a existência de atitudes dos informantes positivas e negativas. Primeiramente, como verificamos nas três primeiras questões, foram poucos os indivíduos a reconhecerem a variação linguística, menos ainda os que despontaram um julgamento (seja positivo ou negativo) a respeito da variação linguística. Entretanto, nas questões posteriores, em que os alunos foram indagados mais especificamente a respeito dos modos diferentes de falar o Português, as respostas apresentaram um conhecimento a respeito da variação linguística já internalizado por eles.

Quanto ao segundo objetivo específico, como possíveis fatores ligados às crenças e atitudes linguísticas que interferem no ensino da Língua Portuguesa, identificamos o julgamento de valor sobre o uso das variedades linguísticas: quando negativo, o aluno se postou favorável somente à norma padrão, não aceitando as diferenças nem na fala; quando positivo, o aluno demonstrou, com exemplos, que falar diferente não é errado, que a linguagem precisa estar adaptada, ou ainda que é possível manter uma relação simétrica de comunicação.

Atendendo ao terceiro objetivo específico, encontramos sentimentos de valoração positiva e negativa em relação ao uso das variedades da Língua Portuguesa, principalmente porque os alunos entrevistados foram capazes de identificar algumas variedades, de situar onde elas ocorrem, exercendo um juízo de valor sobre seu uso e expressando sua posição com relação à abordagem desse assunto pela e na escola. Como verificamos, nem todos os alunos foram favoráveis à abordagem no ensino.

Diante disso, a presente dissertação realizou um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas de alunos do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Londrina, mostrando a existência de crenças linguísticas dos alunos reveladas pela atitude linguística positiva, quando identificavam os modos diferentes de falar o Português ou quando aprovaram

sua abordagem em sala de aula; ou negativa, ao se manterem fiéis somente à norma padrão, desconsiderando qualquer outro uso linguístico diferente.

Esse julgamento negativo interfere no ensino da Língua Portuguesa. A presença dessa atitude negativa revela que se mantém uma visão da Língua Portuguesa relacionada exclusivamente à norma padrão coercitiva, colaborando com a ideia de preconceito linguístico, a respeito da heterogeneidade do Português, ainda presente no consciênte sociocultural deste país.

Mesmo sabendo que a Língua Portuguesa é composta de muitas variedades, e da conscientização dos alunos sobre elas, nem sempre esse conhecimento é transmitido na escola, pois, como verificamos, nem todos os alunos acreditam ser papel da escola tratar da variação linguística em sala de aula.

A escola não está desconstruindo o estigma que os alunos constroem sobre a própria língua antes de frequentar um contexto escolar. Santos (1996), na conclusão de seu livro, já discutia essa questão, assim, para ele “antes de ingressar na escola o aluno é advertido, em maior ou menor grau, de que há objetos linguísticos absolutamente ‘certos’ e objetos linguísticos absolutamente ‘errados’”. A escola desenvolve e reforça essas crenças que, em certos casos, estavam apenas embrionárias (SANTOS, 1996, p. 108).

Portanto, esta pesquisa encontrou sentimentos de valoração tanto positiva quanto negativa dos alunos em relação ao uso das variedades da Língua Portuguesa por seus falantes, pois, ao observar a atitude linguística dos dezoito informantes, compreendemos que a maioria assume uma postura positiva com relação ao uso das variedades linguísticas, produtos da língua disponíveis ao falante, pois aceitam a variação linguística. Em contrapartida, as atitudes negativas revelam que os informantes ainda não aceitam a abordagem em sala.

Concordamos com os PCN ao sugerirem que “frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística” (BRASIL, 1998, p 82), mas salientamos a importância de a escola, inicialmente, apresentar a variação linguística, de forma que os alunos não construam uma crença negativa nem se comportem com uma atitude pejorativa em relação aos diferentes modos de falar.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. “Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?” In: RONCARATTI, C.; SAVEDRA, M. M. G. **Português Brasileiro**. Rio de Janeiro: Faperj, 2007.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BERGAMO, F. L. N. **Norma padrão e não-padrão: as crenças do aluno de ensino médio**. Assis, 2003, 131 p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- BORTONI-RICARDO, S. M. “Problemas de comunicação interdialeto”. In: _____ **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n.78/79, p.9-31, jul./dez., 1984.
- BORTONI-RICARDO S. M. **Educação em Língua Materna - A Sociolinguística na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. “Análise e diagnose de erros no ensino da língua materna”. In: _____ **Nós chegemos na escola e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005. (p. 53 – 59).
- BORTONI-RICARDO, S.M. “O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita”. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. (p. 267 – 275).
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRIGHT, W. “As dimensões da Sociolinguística”. In: FONSECA, M. S. V.; NEVE, M. F. (Org.) **Sociolinguística**. –Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1974[1966]. (p. 17 – 23).
- CAMACHO, R. G. “A variação linguística”. In: SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**; coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1988. v. I, (p. 29 - 413).
- CAMACHO, R. G. “Sociolinguística: parte II” In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6 ed. v.1. São Paulo: Cortez, 2006. (p. 49 - 75).
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- CASTILHO, A. T. “Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa”. In: BAGNO, M. (Org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002. (p. 27 - 36).

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. “Linguistic differences produced by differences between speaking and writing”. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. **Literary, Language and Leasening. The Noture and consequences of reading and writing**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1985.

CORBARI, C.C. “Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR)” **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, n.15/1, p. 111-127, jun., 2012.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Tradução de: Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1987 [1921].

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG** 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização**. Contexto: São Paulo, 1994.

FARACO, C. A. “Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós”. In: BAGNO, M. (Org.) **Linguística da norma**. – São Paulo: Loyola, 2002 (p. 37-61).

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio eletrônico versão 5.12**: o miniaurélio corresponde à 7 edição, revista e atualizada, do Minidicionário Aurélio, da Língua Portuguesa, contendo mais de 30 mil verbetes e locuções.– POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2004.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

GÓMEZ MOLINA, J. R. “Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia”. Anejo n. XXVIII dela **Revista Cuadernos de Filología**. Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

ILARI, R. **A linguística e o ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ILARI, R; BASSO, R. **O Português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de: Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. – São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. L. “A significação social das atitudes” In: _____ **Psicologia social**. Tradução de: D. Moreira. 5 ed.. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. (p. 98-135).
- MARCUSCHI, L. A. “Oralidade e Escrita”. **Signótica**, v. 9, n. 1, p. 119-145, jan./dez., 1997.
- MORALES, H. L. **Sociolinguística**. 2 ed. – Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MÜLLER de OLIVEIRA, G. “Brasileiro fala português: Monolinguísmo e Preconceito Linguístico”. **Linguagem**, v. 11, nov./dez., 2009.
- PASTORELLI, D. S. **Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina – PR: positiva ou negativa?**2009, 80f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.
- PRETI, D. **A gíria e outros temas**. Tradução de: T. A. Queiroz 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- SANTOS, E. dos. **Certo ou errado?:** atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.
- SCHWANDT, T. A. “Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.; **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 193 – 217).
- SILVA, H. C. da. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do paraná:** uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert. 2010. 71f. Monografia (Especializao em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- SILVA-PORELI, G. A. da. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR:** um estudo das relaoes do português com línguas em contato. 2010. 114p. Dissertao (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. **Revista de Educao AEC**, n. 101. Campinas: IEL/Unicamp, 1996.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: tica. 1997.
- Um toque, um drible:** campanha nacional de combate ao câncer de próstata, <<http://www.umtoqueumdrible.com.br/>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2013 às 18:11hs.

ANEXOS

ANEXO A

Instrumento de Coleta de Dados:

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**Data:****Ponto/Localidade: Centro - Londrina****Escola:****Turma: 9º ANO****Informante:** _____ n.º**Idade:****Natural de** _____**Naturalidade dos pais:****Pai:** _____**Mãe:** _____**Profissão dos pais:****Pai:** _____**Mãe:** _____**Escolaridade dos pais:****Pai:** _____**Mãe:** _____

1. Que língua você fala?
2. Que língua você escreve?
3. O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?
4. Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?
5. Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?
6. O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
7. Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Se sim, quem? Por quê?
8. Homens e mulheres falam da mesma forma? Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher? Por quê?
9. Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.
10. Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? Comente.

11. Você acha que falar diferente é falar errado? Justifique sua resposta.
12. O que é falar errado?
13. Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que você faz? Por quê?
14. A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por quê?
15. Quais modos diferentes em sua opinião?
16. Em que lugares você ouve este(s) modo(s) de falar diferente(s)?
17. O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula? Em caso positivo, você já conhecia ou utiliza algum desses modos diferentes? Comente.
18. O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula? O que você achou disso?
19. Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?
20. Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:
 - a. Eu não vi
 - b. Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
 - c. Cada um leva o seu caderno.
 - d. Marcelo fez um inzame de ciência.
 - e. Os homem andano na rua, encontrou a gata.
 - f. Tô fora.
 - g. Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 - h. Ele falou de que não sabia de nada.
 - i. A gente combinou de sair hoje à tarde.
 - j. Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 - k. Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 - l. O vestidinho da menina era vermelhinho.
 - m. A gente vamos no cinema.

ANEXO B

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS:

1

2 1 Entrevista Com Informante 01

3

4 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

5

6 **Data: 06/11/2012**7 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**8 **Turma: 9º ANO A**9 **Informante: nº 01**10 **Sexo: feminino**11 **Idade: 14 anos**12 **Natural de Campinas – São Paulo**13 **Naturalidade dos pais:**14 **Pai: Cornélio Procópio - Paraná**15 **Mãe: Campinas – São Paulo**16 **Profissão dos pais:**17 **Pai: Corretor de imóveis**18 **Mãe: Vendedora**19 **Escolaridade dos pais:**20 **Pai: Ensino Médio completo**21 **Mãe: Ensino Superior incompleto**

22

23 **QUESTÃO 01:**24 **Pesquisadora: Que língua você fala?**25 **Informante 01: Português.**

26

27 **QUESTÃO 02:**28 **P.: Que língua você escreve?**29 **Inf. 01: Português.**

30

31 **QUESTÃO 03:**32 **P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?**33 **Inf. 01: Difícil, né?**34 **P.: Por quê?**35 **Inf. 01: Ah, porque tem muita regra, ah sei lá, eu queria falar inglês.**

36

37 **QUESTÃO 04:**38 **P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?**39 **Inf. 01: Diferente como? De sotaque?**40 **P.: É, que falam diferente.**41 **Inf. 01: Sim.**

42

43 **QUESTÃO 05:**44 **P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?**45 **Inf. 01: Ah, todo lugar tem.**46 **P.: E, não pensando só em Londrina, em que lugar?**47 **Inf. 01: No Rio Grande do Sul.**

48 P.: O modo de falar deles é diferente?

49 Inf. 01: É bem diferente.

50

51 QUESTÃO 06:

52 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

53 Inf. 01: Não.

54 P.: Não? Você percebe uma diferença?

55 Inf. 01: Percebo.

56

57 QUESTÃO 07:

58 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Se sim, quem?

59 Inf. 01: Não.

60 P.: Ninguém fala melhor que ninguém?

61 Inf. 01: Não

62 P.: Por quê?

63 Inf. 01: Ah, porque pra mim, aqui, fala tudo igual. Fala “porta”. Fala gíria. Ninguém fala melhor
64 que ninguém.

65

66 QUESTÃO 08:

67 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

68 Inf. 01: Não.

69 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

70 Inf. 01: Da mulher.

71 P.: E por quê?

72 Inf. 01: Ah porque sei lá. Homem é mais... Não sei explicar, homem fala mais gíria, a mulher é
73 mais sensível, assim, fala mais bonito.

74

75 QUESTÃO 09:

76 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

77 Inf. 01: Sim.

78 P.: Quem fala melhor?

79 Inf. 01: Pra mim, os jovens, mas os idosos falam mais certo, quer dizer, eles falam diferente da
80 nossa época agora. Eles falam mais certinho, ou outros como a minha vó falam ‘caipira’. A gente
81 não fala caipira.

82 P.: Por que você acha que os jovens falam melhor?

83 Inf. 01: Ah, o jeito de entender é melhor. Eles (os idosos) tem muita gíria antiga, nem consigo
84 entender direito.

85

86 QUESTÃO 10:

87 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? O que você acha
88 disso? Comente.

89 Inf. 01: Ah porque eles falam diferentes, sei lá. Aprendem as regras, sabem tudo certinho as
90 concordâncias, o jeito de falar. E quem não, não estudou, não sabe.

91

92 QUESTÃO 11:

93 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

94 Inf. 01: Não.

95 P.: Não. Justifique sua resposta.

96 Inf. 01: Ah, cada um tem seu jeito de falar o Português, ou então todo mundo fala errado o
97 Português. Todo mundo fala diferente.

98 QUESTÃO 12:

- 99 P.: O que é falar errado?
- 100 Inf. 01: É... Ah... Não tem falar errado o Português, pra pessoa, ela está falando certo. Pra gente,
101 pode estar errado, mas pra pessoa, ela está falando certo.
102
- 103 QUESTÃO 13:
- 104 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que
105 você faz? Por quê?
- 106 Inf. 01: Eu me sinto um E.T. né? O que eu faço? Eu pergunto de novo, pra que explique pra
107 mim.
- 108 P.: E por que que você acha que você tem que perguntar de novo?
- 109 Inf. 01: Para eu entender o que ela está falando. Não é só concordar, às vezes sim, mas quando
110 eu estou interessado no assunto, não. Se eu quiser saber, eu pergunto.
111
- 112 QUESTÃO 14:
- 113 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
- 114 Inf. 01: Sim.
- 115 P.: Por quê?
- 116 Inf. 01: Ah, porque deveria reconhecer na hora que a outra pessoa falar alguma coisa.
- 117 P.: Deveria conhecer então um pouquinho de cada falar.
- 118 Inf. 01: Sim.
119
- 120 QUESTÃO 15:
- 121 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
- 122 Inf. 01: Ah, sei lá, tipo gírias de outros estados, que é diferente daqui. Mesmo aqueles que falam,
123 de Curitiba, eles falam muito diferente daqui de Londrina.
124 P.: Entendo.
125
- 126 QUESTÃO 16:
- 127 P.: Em que lugares você ouve este(s) modo(s) de falar diferente(s)? Você já citou Curitiba, né? E
128 qual outro lugar?
- 129 Inf. 01: Ah sei lá, no Nordeste é assim.
130
- 131 QUESTÃO 17:
- 132 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
- 133 Inf. 01: Não.
- 134 P.: Nunca teve nenhuma aula em que o professor mostrou essas diferenças?
- 135 Inf. 01: Não que eu lembre, acho que não.
136
- 137 QUESTÃO 18:
- 138 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?
- 139 Inf. 01: Ah, falar errado, tipo “nóis”, assim “tamo junto”, sei lá, alguma coisa assim, ele corrige,
140 ah, ela.
- 141 P.: E o que você acha disso?
- 142 Inf. 01: Ah, normal, todo mundo corrige todo mundo, já até acostumei, é normal.
143
- 144 QUESTÃO 19:
- 145 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
146 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?
- 147 Inf. 01: Não.
148
149

150 QUESTÃO 20 (por escrito):

151 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

- 152 a. (C) Eu não vi
 153 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
 154 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
 155 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 156 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 157 f. (C) Tô fora.
 158 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 159 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 160 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 161 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 162 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 163 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 164 m. (E) A gente vamos no cinema.

165

166

167 2 Entrevista Com Informante 02

168

169 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

170

171 **Data: 06/11/2012**

172 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

173 **Turma: 9º ANO A**

174 **Informante: 02**

175 **Sexo: masculino**

176 **Idade: 14 anos**

177 **Natural de Londrina - Paraná**

178 **Naturalidade dos pais:**

179 **Pai: Londrina - Paraná**

180 **Mãe: Miraselva - Paraná**

181 **Profissão dos pais:**

182 **Pai: Vendedor**

183 **Mãe: Técnica em saúde pública**

184 **Escolaridade dos pais:**

185 **Pai: Ensino Médio incompleto**

186 **Mãe: Ensino Técnico completo**

187

188 QUESTÃO 01:

189 Pesquisadora: Que língua você fala?

190 Informante 02: Só Português.

191

192 QUESTÃO 02:

193 P.: Que língua você escreve?

194 Inf. 02: Português.

195

196 QUESTÃO 03:

197 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

198 Inf. 02: Difícil.

199 P.: Difícil.

200

201 QUESTÃO 04:

202 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?

203 Inf. 02: Bastante

204

205 QUESTÃO 05:

206 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

207 Inf. 02: Ah, em todo lugar tem gente que fala diferente.

208

209 QUESTÃO 06:

210 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

211 Inf. 02: Não, é bem diferente, por causa das gírias.

212

213 QUESTÃO 07:

214 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

215 Inf. 02: Hanhan.

216 P.: Se sim, quem?

217 Inf. 02: Ah, acho que aquele que aprende fala melhor, fala mais correto, mais formal.

218 P.: Por que você acha isso?

219 Inf. 02: Ah, porque a pessoa lê mais.

220

221 QUESTÃO 08:

222 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

223 Inf. 02: Depende.

224 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

225 Inf. 02: Não sei.

226 P.: Ninguém?

227 Inf. 02: Homem!

228 P.: Homem. Por quê?

229 Inf. 02: Porque é homem.

230

231 QUESTÃO 09:

232 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

233 Inf. 02: humhum.

234 P.: Quem fala melhor?

235 Inf. 02: Acho que idosos.

236 P.: Idosos, por quê? Explique sua resposta.

237 Inf. 02: Porque eles têm mais, tipo, mais vocabulário. Mais diversidade de falar.

238

239 QUESTÃO 10:

240 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? Comente.

241 Inf. 02: Ô, falam bem diferentes. Ah, porque quem tem escolaridade, já aprendeu, né? O

242 Português de quem não aprendeu, que não tem escolaridade, é só falar o que os outros falam,
243 quando vê os outros falando, assim.

244

245 QUESTÃO 11:

246 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

247 Inf. 02: Não sei.

248 P.: Justifique sua resposta.

249 Inf. 02: Ah, tem gente que fala diferente, fala errado, “nóis”, “a gente vai”, que fala diferente e
250 tem quem fala melhor.

251 P.: Você acha que usar a gíria é errado?

252 Inf. 02: Não, a gíria é, o sotaque não.

253

254 QUESTÃO 12:

255 P.: O que é falar errado?

256 Inf. 02: Ah, errar nas palavras é tipo: “a gente vai”, igual eu falei.

257

258 QUESTÃO 13:

259 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que
260 você faz? Por quê?

261 Inf. 02: Eu penso que eu sou burro. Eu, às vezes, eu pergunto, mas, às vezes, eu não pergunto,
262 porque é (inaudível). Aí eu não pergunto.

263 P.: Você deixa passar?

264 Inf. 02: É.

265 P.: E por que você age desse jeito?

266 Inf. 02: Por que eu tenho vergonha de perguntar.

267

268 QUESTÃO 14:

269 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por quê?

270 Inf. 02: Ah, acho que não. Porque sempre vai mudar, né? Ter uma gíria nova. Eu acho que não
271 há necessidade.

272

273 QUESTÃO 15:

274 --

275

276 QUESTÃO 16:

277 --

278

279 QUESTÃO 17:

280 P.: O Professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

281 Inf. 02: Não.

282 P.: Não, nunca teve uma aula de?

283 Inf. 02: De tipo de gíria

284 P.: De gíria, de sotaque.

285 Inf. 02: Não.

286

287 QUESTÃO 18:

288 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

289 Inf. 02: Não.

290 P.: O que você achou disso?

291 Inf. 02: Ah, eu acho certo, mas também errado, porque, acho que corrigir no meio de todo
292 mundo, acho que fica meio... Como é que eu falo? Fica meio chato, né? Mas está certo corrigir,
293 porque é para aprender.

294

295 QUESTÃO 19:

296 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
297 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa? Alguma coisa que você queira acrescentar.

298 Inf. 02: Não.

299

300 QUESTÃO 20 (por escrito):

301 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

302 a. (E) Eu não vi

- 303 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
 304 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
 305 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 306 e. (C) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 307 f. (C) Tô fora.
 308 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 309 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 310 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 311 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 312 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 313 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 314 m. (E) A gente vamos no cinema.

315
316

317 3 Entrevista Com Informante 03

318

319 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

320

321 **Data: 06/11/2012**

322 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

323 **Turma: 9º ANO A**

324 **Informante: 03**

325 **Sexo: feminino**

326 **Idade: 13 anos**

327 **Natural de Jataizinho - PR**

328 **Naturalidade dos pais:**

329 **Pai: Rio de Janeiro - RJ**

330 **Mãe: Borrazópolis - PR**

331 **Profissão dos pais:**

332 **Pai: Comerciante**

333 **Mãe: Domestica**

334 **Escolaridade dos pais:**

335 **Pai: Ensino Médio incompleto (2º ano)**

336 **Mãe: Ensino Fundamental completo (5ª série)**

337

338 **QUESTÃO 01:**

339 Pesquisadora: Que língua você fala?

340 Informante 03: Inglês e Português.

341

342 **QUESTÃO 02:**

343 P.: Que língua você escreve?

344 Inf. 03: Português.

345

346 **QUESTÃO 03:**

347 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

348 Inf. 03: Ah é bem legal, mas eu prefiro mais o inglês... É bem mais difícil, o Português pra mim.

349 Mais fácil, é o inglês.

350 **QUESTÃO 04:**

351 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?

352 Inf. 03: Tem.

353 QUESTÃO 05:

354 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

355 Inf. 03: Às vezes no ônibus.

356

357 QUESTÃO 06:

358 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

359 Inf. 03: Não, não é o Português correto. Eles falam parece que outra língua, porque é mais língua londrinense, não é o Português correto. Eles não falam “vamos ir ao banheiro?”, falam “vamo no banheiro?”, entendeu? Bem rápido.

362

363 QUESTÃO 07:

364 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

365 Inf. 03: Então, meu pai fala melhor. Meu pai fala bem melhor. Meu pai fala bem, como se fosse um advogado, meu pai fala.

366 P.: Por quê?

368 Inf. 03: Ele quer, na verdade, ensinar pra gente tudo os negócios de Língua Portuguesa.

369

370 QUESTÃO 08:

371 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma? Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

373 Inf. 03: Mulheres tem a fala mais bonita.

374 P.: Por quê?

375 Inf. 03: Ah, acho que ela é mais, não vaidosa, digamos assim, mais carinhosa de falar, mais calma, entendeu? Não tem muita gíria, nós ainda temos, mas mulher já formada, não.

377

378 QUESTÃO 09:

379 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

380 Inf. 03: Falam, porque, na verdade, mais ou menos, porque, né, na verdade, já tem mais conhecimento.

382 P.: Quem?

383 Inf. 03: A minha vó mesmo.

384 P.: Você acha que o idoso fala melhor?

385 Inf. 03: Fala melhor.

386 P.: Por que você acha isso?

387 Inf. 03: Eu acho que por ele já ter estudado, já ter aprendido mais, né. Antigamente, também, os pais eram muito rígidos, né. Às vezes, alguma religião, ensinava a falar certinho, né. Eu acho que eles falam bem melhor.

390

391 QUESTÃO 10:

392 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? Comente.

393 Inf. 03: Não, acho que é a mesma coisa, vai depender também dos pais que você nasce.

394

395 QUESTÃO 11:

396 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

397 Inf. 03: Não.

398 P.: Justifique sua resposta.

399 Inf. 03: Porque, tipo assim, eu estou falando com você, e não é o Português correto, entendeu? Mas, você está entendendo.

401 P.: Humhum.

402 Inf. 03: Então acho que não é errado, porque a pessoa tem que entender. O importante é ela entender o que a gente está falando.

403

404 QUESTÃO 12:

405 P.: O que é falar errado?

406 Inf. 03: Errado? Eu acho que é... falar igual ao Cebolinha, que fala elado. Eu acho que isso é
407 errado.

408

409 QUESTÃO 13:

410 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que
411 você faz?

412 Inf. 03: Ah, eu peço pra falar de novo, né, ás, vezes, a pessoa tem a língua presa também.
413 Quando a pessoa tem a língua presa, fala “assim”. Aí a gente não entende direito, mais eu peço
414 pra ele explicar de novo o que está falando. A gente até fala, mas é tudo amigo, né.

415 P.: E por que você faz isso?

416 Inf. 03: Por que o que?

417 P.: Por que você pede pra pessoa falar de novo?

418 Inf. 03: Por que eu não entendi, daí, tem que falar de novo.

419

420 QUESTÃO 14:

421 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

422 Inf. 03: Ah, na verdade, eu acho que não, porque o que eles estão ensinando, já é muito bom,
423 aprende bastante. O Português aqui é muito bom. O professor aqui é bem rígido, pega bastante
424 no pé. Eu aprendi bastante.

425

426 QUESTÃO 15:

427 P.: Quais modos diferentes você acha que a escola deveria ensinar?

428 Inf. 03: Modos diferentes, uma coisa que eu acho que a escola deveria ensinar mais, é a língua
429 inglesa e pegar bastante no pé. Porque, aqui a língua inglesa deveria ser uma coisa importante,
430 entendeu? E não é uma coisa tão importante aqui, é igual ao ensino religioso. Acho que deveria
431 ser mais rígido.

432

433 QUESTÃO 16:

434 P.: Em que lugares você ouve os modos de falar diferentes?

435 Inf. 03: Acho que em músicas de rap, bastante. E também na escola.

436

437 QUESTÃO 17:

438 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

439 Inf. 03: Mostra.

440 P.: Em caso positivo, você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

441 Inf. 03: Não, o modo que eu comecei a utilizar foi o “porém”, “no entanto”, que eu aprendi
442 bastante com a professora.

443

444 QUESTÃO 18:

445 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

446 Inf. 03: A de Português.

447 P.: O que você achou disso?

448 Inf. 03: Eu achei interessante, porque é bom ensinar, assim a gente aprende cada vez mais.
449 Porque quando a gente ficar maior e for para uma entrevista de emprego, o jeito de falar te
450 entrega bastante, né, quando conversar com a pessoa.

451 QUESTÃO 19:

452 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
453 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

454 Inf. 03: Ah, na verdade eu me interesse bastante pelo inglês, o Português é uma maravilha, só
 455 que, como todo mundo fala, o Português é a língua mais difícil, né. E é bonito o Português de
 456 falar. Ah, e é isso mesmo.

457

458 QUESTÃO 20 (por escrito):

459 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

- 460 a. (E) Eu não vi
 461 b. (E) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
 462 c. (E) Cada um leva o seu caderno.
 463 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 464 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 465 f. (E) Tô fora.
 466 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 467 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 468 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 469 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 470 k. (E) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 471 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 472 m. (E) A gente vamos no cinema.

473

474

475 4 Entrevista Com Informante 04

476

477 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

478

479 **Data: 06/11/2012**

480 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

481 **Turma: 9º ANO A**

482 **Informante: 04**

483 **Sexo: masculino**

484 **Idade: 14 anos**

485 **Natural de Cambará – PR.**

486 **Naturalidade dos pais:**

487 **Pai: Londrina - PR**

488 **Mãe: Primeiro de Maio - PR**

489 **Profissão dos pais:**

490 **Pai: Segurança**

491 **Mãe: Domestica**

492 **Escolaridade dos pais:**

493 **Pai: Ensino Fundamental completo**

494 **Mãe: Ensino Fundamental completo**

495

496 QUESTÃO 01:

497 Pesquisadora: Que língua você fala?

498 Informante 04: Português.

499 QUESTÃO 02:

500 P.: Que língua você escreve?

501 Inf. 04: Português.

502

503 QUESTÃO 03:

504 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

- 505 Inf. 04: Boa.
506 P.: Boa.
507 Inf. 04: Ah minha é, oh. Tento me esforçar pra escrever do jeito certo.
508 P.: humhum.
509
510 QUESTÃO 04:
511 --
512
513 QUESTÃO 05:
514 P.: Em que lugares você ouviu modos diferentes de falar o Português?
515 Inf. 04: Em outros Estados, eles falam diferente do...
516 P.: do Paraná?
517
518 QUESTÃO 06:
519 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
520 Inf. 04: Não.
521
522 QUESTÃO 07:
523 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Se sim, quem? Por
524 quê?
525 Inf. 04: Ah..não sei.
526 P.: Todo mundo fala igual?
527 Inf. 04: Ah, depende. Tem alguns que falam difícil, tem alguns que falam certo e outros não.
528
529 QUESTÃO 08:
530 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma? Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da
531 mulher? Por quê?
532 Inf. 04: A da mulher.
533 P.: É a mais bonita?
534 Inf. 04: É.
535 P.: E por quê?
536 Inf. 04: Porque os homens usam mais as gírias, não falam tudo certo.
537
538 QUESTÃO 09:
539 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique sua resposta.
540 Inf. 04: Os jovens, né, porque antigamente o ensino não era o mesmo de agora.
541 P.: Então o ensino de agora é melhor?
542 Inf. 04: É.
543
544 QUESTÃO 10:
545 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente? Comente.
546 Inf. 04: Falam, porque o pessoal que tem escolaridade sabe as regras do Português. E quem não
547 tem escolaridade não sabe, fala de qualquer jeito.
548 P.: Humhum, fala de qualquer jeito, escreve de qualquer jeito.
549 Inf. 04: Escreve do jeito que fala, não do jeito que deve escrever.
550
551 QUESTÃO 11:
552 P.: Você acha que falar diferente é falar errado? Justifique sua resposta.
553 Inf. 04: Bem, como assim? Errado.
554 P.: É falar diferente, usar gíria, um sotaque diferente, você acha que é errado?

555 Inf. 04: Ah, é errado, porque tem muita gente que não entende as gírias dos homens assim. Se os
556 homens ficam falando, e não fala o nome da pessoa, da coisa, aí ninguém entende. Não se
557 entende as gírias que o homem fala, que fala “e aí mano”, as mulheres não entende.

558 QUESTÃO 12:

559 P.: O que é falar errado?

560 Inf. 04: É sem as regras do Português. É falar do jeito que se ouve quem fala errado.

561

562 QUESTÃO 13:

563 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que
564 você faz? Por quê?

565 Inf. 04: Eu me sinto meio constrangido, né, porque eu não sei o que ele está falando, mas eu peço
566 pra ele repetir.

567

568 QUESTÃO 14:

569 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português? Por quê?

570 Inf. 04: Acho que não.

571

572 QUESTÃO 15:

573 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

574 Inf. 04: --

575

576 QUESTÃO 16:

577 P.: Em que lugares você ouve os modos de falar diferentes?

578 Inf. 04: No meu bairro também tem muita gente que fala na gíria, que fala (inaudível).

579

580 QUESTÃO 17:

581 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

582 Inf. 04: Já.

583 P.: Em caso positivo, você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes? Comente
584 sobre isso.

585 Inf. 04: Eu conhecia uma palavra que a gente viu ali, em sala, mesmo de quando eu era
586 pequenininho.

587

588 QUESTÃO 18:

589 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula? O que você achou disso?

590 Inf. 04: Que eu me lembre, não.

591

592 QUESTÃO 19:

593 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
594 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

595 Inf. 04: Eu gostaria de falar inglês e espanhol.

596

597 QUESTÃO 20 (por escrito):

598 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

599 a. (C) Eu não vi

600 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

601 c. (E) Cada um leva o seu caderno.

602 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

603 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

604 f. (C) Tô fora.

605 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

- 606 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 607 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 608 j. (C) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 609 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 610 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 611 m. (C) A gente vamos no cinema.

612
 613

614 5 Entrevista Com Informante 05

615

616 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

617

618 **Data: 06/11/2012**

619 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

620 **Turma: 9º ANO A**

621 **Informante: 05**

622 **Sexo: feminino**

623 **Idade: 14 anos**

624 **Natural de Londrina - PR**

625 **Naturalidade dos pais:**

626 **Pai: Londrina - PR**

627 **Mãe: Londrina - PR**

628 **Profissão dos pais:**

629 **Pai: Servente**

630 **Mãe: Cumim (serviço de quarto)**

631 **Escolaridade dos pais:**

632 **Pai: Ensino Médio completo**

633 **Mãe: Ensino Médio completo**

634

635 **QUESTÃO 01:**

636 Pesquisadora: Que língua você fala?

637 Informante 05: Só o Português e um pouquinho de Espanhol.

638

639 **QUESTÃO 02:**

640 P.: Que língua você escreve?

641 Inf. 05: Português.

642

643 **QUESTÃO 03:**

644 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

645 Inf. 05: Estranho.

646 P.: O Português?

647 Inf. 05: É, aham.

648

649 **QUESTÃO 04:**

650 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?

651 Inf. 05: Sim.

652

653 **QUESTÃO 05:**

654 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

655 Inf. 05: Ah, na rua mesmo, eu escuto a conversa dos outros, pelo fato de passar por eles, e a
 656 língua é bem diferente, de alguns deles.

657 QUESTÃO 06:

658 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

659 Inf. 05: Não, porque alguns são formais e há outras falas que são bem... Tipo é normal, algumas
660 gírias e outras não.

661

662 QUESTÃO 07:

663 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

664 Inf. 05: Sim.

665 P.: Quem?

666 Inf. 05: Tem uma vizinha, lá, que ela trabalha com política, alguma coisa assim. Então, sei lá, se
667 ela fez algum estudo para que ela pudesse falar normal. É bem diferente como ela fala, tudo, ela
668 fala com umas palavras bem diferente, que a gente nem sabe o significado.

669 P.: E o que você acha disso?

670 Inf. 05: Não sei.

671

672 QUESTÃO 08:

673 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

674 Inf. 05: Não.

675 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

676 Inf. 05: Depende. Porque se for uma mulher tipo a professora e um advogado, o advogado fala
677 melhor, deve ser por causa da profissão.

678 P.: Por que você acha isso?

679 Inf. 05: Por causa da profissão, porque... Pra quem eles estão falando? Por que eles estão
680 falando?

681

682 QUESTÃO 09:

683 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

684 Inf. 05: Sim, óbvio.

685 P.: Quem fala melhor? Explique sua resposta.

686 Inf. 05: Depende, acho que o... não depende da idade, sei lá, mais pelo conhecimento.

687

688 QUESTÃO 10:

689 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

690 Inf. 05: Sim, porque a que tem, fala com conhecimento e a outra não.

691

692 QUESTÃO 11:

693 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

694 Inf. 05: Sim ou não. Ai, e agora? Hum... Qual que é a pergunta?

695 P.: Se você acha que falar diferente é falar errado, tipo quem usa gírias, quem tem sotaque?

696 Inf. 05: Não, não é errado. É, porque, não sei explicar. É coisa do mundo, então é normal, pra
697 quem já convive com gírias. Então acho que não é não falar errado.

698

699 QUESTÃO 12:

700 P.: O que é falar errado?

701 Inf. 05: falar o Português errado, já que a gente mora no Brasil, falar o Português, eu acho que
702 pra mim, é errado.

703 P.: Você acha que o fato de a gente falar uma língua chamada Português é errado?

704 Inf. 05: Não, tipo uma palavra ele pronuncia errado.

705

706 QUESTÃO 13:

707 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

- 708 Inf. 05: Normal.
709 P.: Mesmo não entendendo o que ele falou?
710 Inf. 05: É, eu fico meio confusa por não saber o que ele está falando.
711 P.: O que você faz?
712 Inf. 05: Nada, não faço nada.
713 P.: Por quê?
714 Inf. 05: Porque nunca tive preferência, então.
715
716 QUESTÃO 14:
717 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
718 Inf. 05: Acho que não, não sei.
719 P.: Por quê?
720 Inf. 05: Porque não sei. Sei lá. Acho que conforme o tempo ele vai aprendendo, sei lá.
721
722 QUESTÃO 15:
723 --
724
725 QUESTÃO 16:
726 --
727
728 QUESTÃO 17:
729 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
730 Inf. 05: Já, mas têm vezes que a própria professora de Português fala errado, então eu fico com
731 um pé meio atrás.
732 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes? Comente.
733 Inf. 05: Desde sempre eu uso gírias e largar, nunca.
734
735 QUESTÃO 18:
736 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?
737 Inf. 05: Já, um monte.
738 P.: O que você achou disso?
739 Inf. 05: Acho, não sei o que eu acho. Porque é o jeito dele falar, então não tem o que se
740 intrometer. Se ele quer falar daquele jeito, deixa ele falar daquele jeito.
741
742 QUESTÃO 19:
743 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
744 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?
745 Inf. 05: Não.
746
747 QUESTÃO 20 (por escrito):
748 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:
749 a. (C) Eu não vi
750 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
751 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
752 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
753 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
754 f. (E) Tô fora.
755 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
756 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
757 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
758 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.

- 759 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
760 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
761 m. (C) A gente vamos no cinema.

762
763

764 6 Entrevista Com Informante 06

765

766 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

767

768 **Data: 06/11/2012**

769 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

770 **Turma: 9º ANO A**

771 **Informante: 06**

772 **Sexo: masculino**

773 **Idade: 14 anos**

774 **Natural de São Paulo - SP**

775 **Naturalidade dos pais:**

776 **Pai: Paraíba**

777 **Mãe: Paraíba**

778 **Profissão dos pais:**

779 **Pai: Economista**

780 **Mãe: Pedagoga**

781 **Escolaridade dos pais:**

782 **Pai: Ensino Médio completo**

783 **Mãe: Ensino Superior completo**

784

785 **QUESTÃO 01:**

786 Pesquisadora: Que língua você fala?

787 Informante 06: Português.

788

789 **QUESTÃO 02:**

790 P.: Que língua você escreve?

791 Inf. 06: Português.

792

793 **QUESTÃO 03:**

794 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

795 Inf. 06: Complicada, confuso.

796

797 **QUESTÃO 04:**

798 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?

799 Inf. 06: Acho que tem.

800

801 **QUESTÃO 05:**

802 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

803 Inf. 06: Em São Paulo já falam de um jeito diferente da gente, no Rio de Janeiro.

804

805 **QUESTÃO 06:**

806 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

807 Inf. 06: Não, o que a gente fala é mais coloquial, tem mais gíria.

808

809

810 QUESTÃO 07:

811 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

812 Inf. 06: Sim.

813 P.: Quem?

814 Inf. 06: Ah, o povo que fala mais gíria.

815 P.: E por que você acha que eles falam melhor?

816 Inf. 06: Por causa das gírias.

817

818 QUESTÃO 08:

819 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

820 Inf. 06: Depende da mulher.

821 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher? Por quê?

822 Inf. 06: Da mulher. Não sei porque.

823

824 QUESTÃO 09:

825 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

826 Inf. 06: Falam.

827 P.: Quem fala melhor?

828 Inf. 06: Acho que os idosos.

829 P.: Justifique sua resposta.

830 Inf. 06: Então, eu acho que fala melhor (inaudível).

831

832 QUESTÃO 10:

833 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

834 Inf. 06: Falam.

835 P.: Comente um pouco sobre isso.

836 Inf. 06: Então, eu acho que a pessoa com escolaridade quando fala com uma família sem
837 escolaridade, eles não entendem.

838

839 QUESTÃO 11:

840 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

841 Inf. 06: Depende da palavra.

842 P.: Justifique essa resposta.

843 Inf. 06: (inaudível)

844

845 QUESTÃO 12:

846 P.: Pra você, o que é falar errado?

847 Inf. 06: É falar uma palavra errado (inaudível).

848

849 QUESTÃO 13:

850 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente? O que
851 você faz?

852 Inf. 06: Eu peço pra falar de novo.

853 P.: Por quê?

854 Inf. 06: Porque eu não entendi.

855

856 QUESTÃO 14:

857 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

858 Inf. 06: Não sei, eu acho que não.

859 P.: Por quê?

860 Inf. 06: (Inaudível)

861 QUESTÃO 15:

862

863 QUESTÃO 16:

864

865 QUESTÃO 17:

866 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

867 Inf. 06: Mostra.

868 P.: Em caso positivo, você já conhecia ou utiliza algum desses modos diferentes?

869 Inf. 06: Sim.

870 P.: Fale um pouquinho sobre isso.

871 Inf. 06: Eu uso bastante o modo coloquial, mas também tento o modo culto.

872

873 QUESTÃO 18:

874 --

875

876 QUESTÃO 19:

877 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

879 Inf. 06: Não.

880

881 QUESTÃO 20 (por escrito):

882 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

883 a. (C) Eu não vi

884 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

885 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

886 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

887 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

888 f. (C) Tô fora.

889 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

890 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.

891 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.

892 j. (C) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.

893 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.

894 l. (C) O vestidinho da menina era vermelhinho.

895 m. (E) A gente vamos no cinema.

896

897

898 7 Entrevista Com Informante 07

899

900 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

901

902 **Data: 06/11/2012**

903 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

904 **Turma: 9º ANO A**

905 **Informante: 07**

906 **Sexo: masculino**

907 **Idade: 16 anos**

908 **Natural de Londrina - PR**

909 **Naturalidade dos pais:**

910 **Pai: Londrina - PR**

911 **Mãe: Cianorte - PR**

- 912 **Profissão dos pais:**
913 **Pai: Eletricista**
914 **Mãe: Dona de Casa**
915 **Escolaridade dos pais:**
916 **Pai: Ensino Fundamental incompleto**
917 **Mãe: Ensino Fundamental completo**
918
919 **QUESTÃO 01:**
920 Pesquisadora: Que língua você fala?
921 Informante 07: Só Português.
922
923 **QUESTÃO 02:**
924 P.: Que língua você escreve?
925 Inf. 07: Português.
926
927 **QUESTÃO 03:**
928 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?
929 Inf. 07: Ah, é meio, um pouco difícil.
930
931 **QUESTÃO 04:**
932 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?
933 Inf. 07: Sim
934
935 **QUESTÃO 05:**
936 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?
937 Inf. 07: O Português, ah, em cada canto do Brasil é de um jeito diferente de falar.
938
939 **QUESTÃO 06:**
940 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
941 Inf. 07: Não.
942
943 **QUESTÃO 07:**
944 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?
945 Inf. 07: Ah, eu acho que sim.
946 P.: Quem?
947 Inf. 07: São Paulo, principalmente.
948 P.: Por quê?
949 Inf. 07: Ah, porque é uma cidade, né, mais culta, cheia de dono de empresa.
950
951 **QUESTÃO 08:**
952 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
953 Inf. 07: Praticamente sim.
954 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
955 Inf. 07: Ah, acho que a da mulher, né.
956 P.: Por quê?
957 Inf. 07: Ah, ela fala de um jeito mais formal, o homem fala um pouco mais na gíria.
958 **QUESTÃO 09:**
959 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
960 Inf. 07: Sim.
961 P.: Quem fala melhor?
962 Inf. 07: Os idosos.

- 963 P.: Explique sua resposta.
964 Inf. 07: Os jovens falam muito em gíria e os idosos falam uma língua mais culta.
965
966 QUESTÃO 10:
967 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
968 Inf. 07: Sim.
969 P.: Comente um pouco sobre isso.
970 Inf. 07: Quando a pessoa não tem escolaridade, ela fala de modo um pouco mais errado, porque
971 não tem o Português e tal. E as pessoas que já estudaram, tem o Português mais avançado.
972
973 QUESTÃO 11:
974 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?
975 Inf. 07: Não.
976 P.: Justifique sua resposta.
977 Inf. 07: Ah, falar errado é quando você fala pulando frase, é pulando letra, trocando as letras. E
978 falar diferente é quando você usa sotaque e esses tipos de coisas.
979
980 QUESTÃO 12:
981 P.: O que é falar errado?
982 Inf. 07: Falar errado é trocar palavras, trocar letras.
983
984 QUESTÃO 13:
985 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
986 Inf. 07: Ah, eu procuro entender, geralmente eu pergunto o que é.
987 P.: O que você faz?
988 Inf. 07: Ah, converso pra que ela me explique o que é.
989 P.: Por quê?
990 Inf. 07: Ah, pra ter tipo um conhecimento geral.
991
992 QUESTÃO 14:
993 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
994 Inf. 07: Ah, eu acho que deveria ter um padrão né.
995 P.: Por quê?
996 Inf. 07: Ah, pra ficar mais fácil.
997
998 QUESTÃO 15:
999 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
1000 Inf. 07: Os sotaques do norte, sul, central.
1001
1002 QUESTÃO 16:
1003 P.: Em que lugares você ouve este(s) modo(s) de falar diferente(s)?
1004 Inf. 07: Em cada cidade que você vai muda um pouquinho, né. Pode ser no mesmo Estado,
1005 Londrina e Curitiba, já muda de sotaque.
1006
1007 QUESTÃO 17:
1008 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
1009 Inf. 07: Às vezes.
1010 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?
1011 Inf. 07: Sim.
1012 P.: Comente um pouco sobre isso.

1013 Inf. 07: Eu já morei em Florianópolis, né. Então, tipo, eu morei um ano lá e lá eu consegui falar
1014 como eles falam, só que eu morei sempre aqui, né, então foi meio difícil.

1015
1016 QUESTÃO 18:

1017 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1018 Inf. 07: Já, várias vezes.

1019 P.: O que você achou disso?

1020 Inf. 07: Que ele está mais do que correto.

1021
1022 QUESTÃO 19:

1023 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1024 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1025 Inf. 07: Acho que não.

1026
1027 QUESTÃO 20 (por escrito):

1028 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

- 1029 a. (E) Eu não vi
1030 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
1031 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
1032 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
1033 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
1034 f. (C) Tô fora.
1035 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
1036 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
1037 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
1038 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
1039 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
1040 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
1041 m. (E) A gente vamos no cinema.

1042
1043

1044 8 Entrevista Com Informante 08

1045
1046 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

1047

1048 **Data: 06/11/2012**

1049 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

1050 **Turma: 9º ANO A**

1051 **Informante: 08**

1052 **Sexo: masculino**

1053 **Idade: 15 anos**

1054 **Natural de São Paulo - SP**

1055 **Naturalidade dos pais:**

1056 **Pai: São Paulo – SP**

1057 **Mãe: São Paulo – SP**

1058 **Profissão dos pais:**

1059 **Pai: Técnico em imagem**

1060 **Mãe: Professora**

1061 **Escolaridade dos pais:**

1062 **Pai: Ensino Superior completo**

1063 **Mãe: Ensino Superior completo**

1064 QUESTÃO 01:

1065 Pesquisadora: Que língua você fala?

1066 Informante 08: Português.

1067

1068 QUESTÃO 02:

1069 P.: Que língua você escreve?

1070 Inf. 08: Português.

1071

1072 QUESTÃO 03:

1073 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

1074 Inf. 08: Olha, depende, a língua que eu gosto de escrever seria a mais correta, o Português mesmo, e a língua que eu falo é bem mais errada.

1076

1077 QUESTÃO 04:

1078 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?

1079 Inf. 08: Não.

1080

1081 QUESTÃO 05:

1082 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

1083 Inf. 08: Eu acho que depende muito do lugar. Nos lugares mais humilde, acho que as pessoas falam mais errado. Nos lugares que as pessoas tem mais condição de vida melhor, falam mais correto.

1086

1087 QUESTÃO 06:

1088 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

1089 Inf. 08: Não.

1090

1091 QUESTÃO 07:

1092 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

1093 Inf. 08: Sim.

1094 P.: Quem?

1095 Inf. 08: As pessoas que têm mais conhecimento, pessoas mais velhas.

1096 P.: Por quê?

1097 Inf. 08: Porque as pessoas leem mais, estudam mais, têm mais conhecimento.

1098

1099 QUESTÃO 08:

1100 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

1101 Inf. 08: Não.

1102 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

1103 Inf. 08: A do homem.

1104 P.: Por quê?

1105 Inf. 08: Porque a mulher, quando ela está com as amigas dela, ela meio que fala de um jeito... Já o homem, ele fala mais correto.

1107

1108 QUESTÃO 09:

1109 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

1110 Inf. 08: Sim.

1111 P.: Quem fala melhor?

1112 Inf. 08: Os idosos.

1113 P.: Explique sua resposta.

1114 Inf. 08: Ah, os idosos, eles são de outra geração e eu acho que a geração deles era mais estudiosa
1115 também. Eles liam mais e não tinha muita tecnologia, como tem hoje, por isso a gente fica muito
1116 no computador, né, e fala como os amigos tudo errado.

1117
1118 QUESTÃO 10:

1119 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

1120 Inf. 08: Sim.

1121 P.: Comente um pouco sobre isso.

1122 Inf. 08: Começa, porque uma pessoa que tem escolaridade, ela sabe falar, ela aprende desde
1123 pequeno, na escola, a forma melhor de falar pra tudo, até pra uma entrevista de emprego, eu
1124 acho. Agora, a pessoa que não tem escolaridade, ela nem sabe falar, ela nunca teve contato com
1125 uma pessoa também que sabe falar direito, como o professor.

1126
1127 QUESTÃO 11:

1128 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

1129 Inf. 08: Depende da forma que está falando, eu acho.

1130
1131 QUESTÃO 12:

1132 P.: O que é falar errado?

1133 Inf. 08: Falar errado é a maneira que você fala aqui perto dos outros, sabe? Certas pessoas...
1134 Depende. Se você estiver falando com um amigo e falar errado, acho que não tem muito
1135 problema. Agora, se você for trabalhar, fazer uma entrevista de emprego ou algo mais
1136 importante, tem que falar mais correto.

1137
1138 QUESTÃO 13:

1139 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

1140 Inf. 08: Acho que depende da pessoa. Se a pessoa parece mais inteligente, acho que eu me sinto
1141 um pouco burro, né. Mas, se a pessoa for meio desleixada, meio burra, eu fico de boa, depende
1142 também do que ela está falando, eu acho.

1143 P.: O que você faz?

1144 Inf. 08: Tento perguntar pra ela, às vezes, eu até finjo que entendi, mas...

1145 P.: Por quê?

1146 Inf. 08: Depende, né, pode ser por você querer saber o significado da palavra e também pra você
1147 saber o que a pessoa está falando, se é, sei lá, uma gíria ou uma palavra de verdade.

1148
1149 QUESTÃO 14:

1150 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

1151 Inf. 08: Acho que o Português que a gente aprende na escola, é um Português mais correto, né.
1152 Só que esse, não devia, porque as pessoas não usam na rua, eu acho.

1153 P.: Por quê?

1154 Inf. 08: Porque essa forma a gente não usa muito sabe. É uma coisa assim que é pouco usada no
1155 dia-a-dia.

1156 P.: Você pensa então que a escola deveria ensinar esses modos diferentes de falar o Português?

1157 Inf. 08: Eu acho que a escola deveria ensinar o modo correto, mas não tanto quanto eles ensinam.

1158
1159 QUESTÃO 15:

1160 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

1161 Inf. 08: Eu acho que poderia... As pessoas que falam as gírias, que fala correto, ah, não sei.

1162
1163 QUESTÃO 16:

1164 P.: Em que lugares você ouve esses modos de falar diferentes?

1165 Inf. 08: Mais em roda de amigos, em lugares em que você fica mais chegado às pessoas, sabe?

1166

1167 QUESTÃO 17:

1168 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

1169 Inf. 08: Sim.

1170 Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

1171 Inf. 08: Ele ensinou os modos, daí eu usava com os meus amigos, mas eu não sabia que existia.

1172 P.: Comente um pouco sobre isso.

1173 Inf. 08: Tem um jeito que a gente fala que. (Não concluiu a fala)

1174

1175 QUESTÃO 18:

1176 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1177 Inf. 08: Várias vezes.

1178 P.: O que você achou disso?

1179 Inf. 08: Eu achei bom, né, porque tem que estudar e o aluno tem que saber o que ele está falando,
1180 né.

1181

1182 QUESTÃO 19:

1183 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1184 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1185 Inf. 08: Não.

1186

1187 QUESTÃO 20 (por escrito):

1188 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

1189 a. (E) Eu não vi

1190 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

1191 c. (E) Cada um leva o seu caderno.

1192 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

1193 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

1194 f. (E) Tô fora.

1195 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

1196 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.

1197 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.

1198 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.

1199 k. (E) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.

1200 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.

1201 m. (E) A gente vamos no cinema.

1202

1203

1204 9 Entrevista Com Informante 09

1205

1206 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

1207

1208 **Data: 06/11/2012**

1209 **Ponto/Localidade: Centro - Londrina**

1210 **Turma: 9º ANO A**

1211 **Informante: 09**

1212 **Sexo: feminino**

1213 **Idade: 16 anos**

1214 **Natural de Londrina – PR**

1215 **Naturalidade dos pais:**

- 1216 **Pai: Londrina – PR**
1217 **Mãe: Londrina – PR**
1218 **Profissão dos pais:**
1219 **Pai: Empresário**
1220 **Mãe: Comerciante (Dona de Loja)**
1221 **Escolaridade dos pais:**
1222 **Pai: Ensino Médio completo**
1223 **Mãe: Ensino Médio completo**
1224
1225 **QUESTÃO 01:**
1226 Pesquisadora: Que língua você fala?
1227 Informante 09: Português.
1228
1229 **QUESTÃO 02:**
1230 P.: Que língua você escreve?
1231 Inf. 09: Português.
1232
1233 **QUESTÃO 03:**
1234 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?
1235 Inf. 09: Normal, boa, eu acho.
1236
1237 **QUESTÃO 04:**
1238 P.: Aqui em Londrina, existem pessoas que falam diferente de você?
1239 Inf. 09: Sim.
1240
1241 **QUESTÃO 05:**
1242 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?
1243 Inf. 09: Quando a gente está em hotel, essas coisas. Quando tem algum evento na cidade.
1244
1245 **QUESTÃO 06:**
1246 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
1247 Inf. 09: Não.
1248
1249 **QUESTÃO 07:**
1250 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?
1251 Inf. 09: Eu acho que sim.
1252 P.: Se sim, quem?
1253 Inf. 09: Ah, tem sempre os que falam correto, né.
1254
1255 **QUESTÃO 08:**
1256 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
1257 Inf. 09: Não.
1258 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
1259 Inf. 09: A da mulher.
1260 P.: Por quê?
1261 Inf. 09: Porque os homens falam tudo na gíria.
1262
1263 **QUESTÃO 09:**
1264 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
1265 Inf. 09: Sim.
1266 P.: Quem fala melhor?

- 1267 Inf. 09: Os jovens, eu acho.
1268 P.: Explique sua resposta.
1269 Inf. 09: Ah, não sei por que. Os idosos falam pior, ah, porque, sei lá, mas a maioria veio da roça,
1270 aí a maioria fala de um jeito estranho.
1271
1272 QUESTÃO 10:
1273 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
1274 Inf. 09: Eu acho que não, depende, algumas palavras, eh, sim.
1275 P.: Comente.
1276 Inf. 09: Ah, porque tem pessoas que não aprende e não sabe falar direito, não sabe ler, né, então
1277 aí dificulta um pouco.
1278
1279 QUESTÃO 11:
1280 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?
1281 Inf. 09: Eu acho que um pouco. Não totalmente, né, mas um pouco sim. Tem gente que fala
1282 errado.
1283
1284 QUESTÃO 12:
1285 P.: O que é falar errado?
1286 Inf. 09: Falar as palavras errado, como “nóis”, essas coisas.
1287
1288 QUESTÃO 13:
1289 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
1290 Inf. 09: Sei lá, eu dou risada.
1291 P.: O que você faz?
1292 Inf. 09: Eu dou risada e eu pergunto.
1293 P.: Por quê?
1294 Inf. 09: Porque é muito engraçado, tem palavras que as pessoas falam que são muito engraçadas.
1295
1296 QUESTÃO 14:
1297 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
1298 Inf. 09: Eu acho que não.
1299 P.: Por quê?
1300 Inf. 09: Ah, porque... não sei também. Às vezes sim, né, pra...
1301 P.: Sotaques e gírias.
1302 Inf. 09: Ah, o sotaque e as gírias eu acho que sim. Ia facilitar um pouco, né, por exemplo,
1303 quando, agora vai vir a Copa do Mundo aqui no Brasil, né, ia ser mais fácil se todo mundo, a
1304 maioria das pessoas pudessem falar outro idioma.
1305 P.: Sim, mas no nosso idioma, que tem os diferentes modos de falar, você acha que a escola
1306 deveria ensinar esses diferentes modos?
1307 Inf. 09: Não.
1308 P.: Por quê?
1309 Inf. 09: Não sei.
1310
1311 QUESTÃO 15:
1312 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
1313 Inf. 09: --
1314 QUESTÃO 16:
1315 P.: Em que lugares você ouve este(s) modo(s) de falar diferente(s)?
1316 Inf. 09: --
1317

1318 QUESTÃO 17:

1319 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

1320 Inf. 09: Já mostrou.

1321 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

1322 Inf. 09: Não, ah sei lá, acho que gíria.

1323

1324 QUESTÃO 18:

1325 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1326 Inf. 09: Não, nunca vi.

1327

1328 QUESTÃO 19:

1329 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1330 Inf. 09: Não.

1331

1332

1333 QUESTÃO 20 (por escrito):

1334 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

- 1335 a. (C) Eu não vi
- 1336 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
- 1337 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
- 1338 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
- 1339 e. (C) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
- 1340 f. (C) Tô fora.
- 1341 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
- 1342 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
- 1343 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
- 1344 j. (C) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
- 1345 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
- 1346 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
- 1347 m. (E) A gente vamos no cinema.

1348

1349

1350 10 Entrevista Com Informante 10

1351

1352 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

1353

1354 **Data: 21/11/2012**

1355 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**

1356 **Turma: 9º ANO**

1357 **Informante: 10**

1358 **Sexo: feminino**

1359 **Idade: 14 anos**

1360 **Natural de Londrina – PR**

1361 **Naturalidade dos pais:**

1362 **Pai: Londrina – PR**

1363 **Mãe: Londrina – PR**

1364 **Profissão dos pais:**

1365 **Pai: Funcionário da UNOPAR**

1366 **Mãe: Funcionária da IAPAR**

1367 **Escolaridade dos pais:**

1368 **Pai: Ensino Fundamental incompleto**

1369 **Mãe: Ensino Fundamental incompleto**

- 1370
- 1371 **QUESTÃO 01:**
- 1372 Pesquisadora: Que língua você fala?
- 1373 Informante 10: Português.
- 1374
- 1375 **QUESTÃO 02:**
- 1376 P.: Que língua você escreve?
- 1377 Inf. 10: Português.
- 1378
- 1379 **QUESTÃO 03:**
- 1380 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?
- 1381 Inf. 10: Ah, sei lá, ela é interessante, e é uma língua fácil de aprender.
- 1382
- 1383 **QUESTÃO 04:**
- 1384 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?
- 1385 Inf. 10: Existem.
- 1386
- 1387 **QUESTÃO 05:**
- 1388 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?
- 1389 Inf. 10: As pessoas do sítio, porque eles têm um sotaque mais antigo, mas é Português também.
- 1390
- 1391 **QUESTÃO 06:**
- 1392 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
- 1393 Inf. 10: Não. Eles falam normal, mas cada um tem seu jeito de falar, né.
- 1394
- 1395 **QUESTÃO 07:**
- 1396 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?
- 1397 Inf. 10: Eu acho que sim.
- 1398 P.: Se sim, quem?
- 1399 Inf. 10: São os professores e as pessoas que estudaram mais e fizeram faculdade, falam melhor
- 1400 que a gente. Tipo, igual a minha mãe, ela fala menos do que uma pessoa que já fez faculdade,
- 1401 porque ela só estudou até a quarta.
- 1402
- 1403 **QUESTÃO 08:**
- 1404 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
- 1405 Inf. 10: Não.
- 1406 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
- 1407 Inf. 10: A da mulher, o homem é estúpido e a mulher é mais calma.
- 1408
- 1409 **QUESTÃO 09:**
- 1410 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
- 1411 Inf. 10: Sim.
- 1412 P.: Quem fala melhor?
- 1413 Inf. 10: Os idosos.
- 1414 P.: Explique sua resposta.
- 1415 Inf. 10: porque os jovens ainda estão estudando.
- 1416 **QUESTÃO 10:**
- 1417 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
- 1418 Inf. 10: Com certeza.
- 1419 P.: Comente isso.

1420 Inf. 10: Quem estudou mais, aprendeu melhor a Língua Portuguesa. E quem não estudou, fala
1421 como ouve os outros.

1422

1423 QUESTÃO 11:

1424 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

1425 Inf. 10: Não, cada um tem um jeito, né. Alguns teve oportunidade de estudar e outros não.

1426

1427 QUESTÃO 12:

1428 P.: O que é falar errado?

1429 Inf. 10: Essa eu não sei.

1430

1431 QUESTÃO 13:

1432 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

1433 Inf. 10: A gente fica sem graça, né, porque da vergonha de perguntar o que que é, a pessoa pode
1434 se sentir ofendida.

1435 P.: Por que você faz isso de não perguntar?

1436 Inf. 10: Porque você pode ofender a pessoa.

1437

1438 QUESTÃO 14:

1439 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

1440 Inf. 10: Com certeza.

1441 P.: Por quê?

1442 Inf. 10: Pra melhorar a educação e a tecnologia, um monte.

1443

1444 QUESTÃO 15:

1445 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

1446 Inf. 10: Ah, outras línguas, como o inglês, eles ensinam, mas não é ensino, né, é ensino básico.

1447

1448 QUESTÃO 16:

1449 P.: Em que lugares você ouve este(s) modo(s) de falar diferente(s)?

1450 Inf. 10: Em outras regiões, porque tem sotaque.

1451

1452 QUESTÃO 17:

1453 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

1454 Inf. 10: Sim.

1455 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

1456 Inf. 10: Não, porque ele explica algum modo de como se falava antigamente, mais antigo.

1457

1458 QUESTÃO 18:

1459 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1460 Inf. 10: Não, nunca.

1461

1462 QUESTÃO 19:

1463 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1464 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1465 Inf. 10: Não, acho que está bom.

1466

1467 QUESTÃO 20 (por escrito):

1468 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

1469 a. (C) Eu não vi

1470 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

- 1471 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
 1472 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 1473 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 1474 f. (E) Tô fora.
 1475 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 1476 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 1477 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 1478 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 1479 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 1480 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 1481 m. (E) A gente vamos no cinema.

1482
 1483

1484 11 Entrevista Com Informante 11

1485

1486 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

1487

1488 **Data: 21/11/2012**

1489 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**

1490 **Turma: 9º ANO**

1491 **Informante: 11**

1492 **Sexo: feminino**

1493 **Idade: 17 anos**

1494 **Natural de Londrina – PR**

1495 **Naturalidade dos pais:**

1496 **Pai: Londrina – PR**

1497 **Mãe: Londrina – PR**

1498 **Profissão dos pais:**

1499 **Pai: Pedreiro (Aposentado)**

1500 **Mãe: Domestica (Aposentada)**

1501 **Escolaridade dos pais:**

1502 **Pai: não estudou**

1503 **Mãe: não estudou**

1504

1505 **QUESTÃO 01:**

1506 Pesquisadora: Que língua você fala?

1507 Informante 11: Só Português mesmo.

1508

1509 **QUESTÃO 02:**

1510 P.: Que língua você escreve?

1511 Inf. 11: Português.

1512

1513 **QUESTÃO 03:**

1514 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

1515 Inf. 11: Acho uma língua bem fácil de falar, de escrever, nem tanto.

1516

1517 **QUESTÃO 04:**

1518 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?

1519 Inf. 11: Deve existir, né.

1520

1521

1522 QUESTÃO 05:

1523 P.: Em que lugares você ouviu modos diferentes de falar o Português?

1524 Inf. 11: Ah, eu acho que... Um lugar que eu já fui e falaram diferente de mim?

1525 P.: Pode ser.

1526 Inf. 11: Ah, eu já fui em São Paulo, as pessoas falam diferente.

1527

1528 QUESTÃO 06:

1529 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

1530 Inf. 11: Não, sempre tem alguém que fala bem diferente.

1531

1532 QUESTÃO 07:

1533 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

1534 Inf. 11: Creio que sim.

1535 P.: Se sim, quem?

1536 Inf. 11: São pessoas assim que tem vez que também não falam corretamente, falam bem diferente, mas em Londrina sempre tem alguém que fala bem diferente daqui.

1538

1539 QUESTÃO 08:

1540 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

1541 Inf. 11: Não.

1542 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

1543 Inf. 11: A da mulher.

1544 P.: Por quê?

1545 Inf. 11: Porque a mulher é mais educada na hora de falar, o homem já é diferente.

1546

1547 QUESTÃO 09:

1548 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

1549 Inf. 11: Falam.

1550 P.: Quem fala melhor?

1551 Inf. 11: Quem fala melhor, eu acho que são mais os jovens.

1552 P.: Explique sua resposta.

1553 Inf. 11: Porque tem idoso que fala bem diferente.

1554

1555 QUESTÃO 10:

1556 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

1557 Inf. 11: Falam.

1558 P.: Comente isso.

1559 Inf. 11: Ah, porque a pessoa que estuda, tem mais facilidade na hora de falar, agora, a pessoa que não conhece, vai falar totalmente diferente.

1561

1562 QUESTÃO 11:

1563 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

1564 Inf. 11: Não, eu acho correto. Eu acho que quem fala melhor é bem mais fácil de entender. Porque com uma pessoa que fala diferente, você não entende o que ela está falando. Então, uma pessoa que fala melhor é bem melhor.

1567 P.: Então você acha que quem fala diferente fala errado?

1568 Inf. 11: Não.. É, fala errado, deveria falar certo.

1569 QUESTÃO 12:

1570 P.: O que é falar errado?

1571 Inf. 11: Falar errado... Falar errado é não saber conversar.

1572

1573 QUESTÃO 13:

1574 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

1575 Inf. 11: Eu me sinto sem saber responder o que a pessoa está falando. Fico meio indecisa, assim,
1576 daí eu pergunto de novo o que ela falou.

1577 P.: O que você faz? Você pergunta de novo?

1578 Inf. 11: Eu pergunto de novo.

1579 P.: Por que você faz isso?

1580 Inf. 11: Eu vou perguntar de novo porque, se eu não responder, a pessoa vai ficar olhando pra
1581 minha cara, e eu vou ficar com cara de boba, aí eu pergunto de novo.

1582

1583 QUESTÃO 14:

1584 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

1585 Inf. 11: Deveria.

1586 P.: Por quê?

1587 Inf. 11: Porque tem muita pessoa que também não sabe que fala bem errado.

1588

1589 QUESTÃO 15:

1590 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

1591 Inf. 11: Modos de falar?

1592 P.: Sim.

1593

1594 QUESTÃO 16:

1595 P.: Em que lugares você ouve esses modos de falar diferentes?

1596 Inf. 11: Sempre em televisão, quando tem um pessoal bem diferente.

1597

1598 QUESTÃO 17:

1599 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

1600 Inf. 11: Mostra o modo de falar alguma coisa errada, ele escreve também.

1601 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

1602 Inf. 11: Não.

1603

1604 QUESTÃO 18:

1605 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1606 Inf. 11: Acho que já.

1607 P.: O que você achou disso?

1608 Inf. 11: Acho correto e na aula tem aluno que fica bravo ainda.

1609

1610 QUESTÃO 19:

1611 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1612 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1613 Inf. 11: Não.

1614

1615 QUESTÃO 20 (por escrito):

1616 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

1617 a. (C) Eu não vi

1618 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

1619 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

1620 d. (C) Marcelo fez um inzame de ciência.

1621 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

1622 f. (E) Tô fora.

1623 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

- 1624 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
 1625 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 1626 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 1627 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 1628 l. (E) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 1629 m. (C) A gente vamos no cinema.

1630

1631

1632 12 Entrevista Com Informante 12

1633

1634 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

1635

1636 **Data: 21/11/2012**1637 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**1638 **Turma: 9º ANO**1639 **Informante: 12**1640 **Sexo: masculino**1641 **Idade: 13 anos**1642 **Natural de Londrina - PR**1643 **Naturalidade dos pais:**1644 **Pai: Londrina – PR**1645 **Mãe: Londrina – PR**1646 **Profissão dos pais:**1647 **Pai: Tratorista**1648 **Mãe: Diarista**1649 **Escolaridade dos pais:**1650 **Pai: Ensino Médio incompleto**1651 **Mãe: Ensino Médio incompleto**

1652

1653 **QUESTÃO 01:**

1654 Pesquisadora: Que língua você fala?

1655 Informante 12: SóPortuguês.

1656

1657 **QUESTÃO 02:**

1658 P.: Que língua você escreve?

1659 Inf. 12: Português.

1660

1661 **QUESTÃO 03:**

1662 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

1663 Inf. 12: O Português? Não sei, é uma língua, pra mim, muito fácil, porque eu sei ela, mas é uma
1664 língua, ah não sei explicar.

1665

1666 **QUESTÃO 04:**

1667 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?

1668 Inf. 12: Eu já vi.

1669

1670 **QUESTÃO 05:**

1671 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

1672 Inf. 12: O Português, depende do lugar que você vai, tem gente do Rio Grande do Sul que fala
1673 diferente, de outros países, lá fala diferente.

1674

1675 QUESTÃO 06:

1676 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

1677 Inf. 12: Não.

1678

1679 QUESTÃO 07:

1680 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

1681 Inf. 12: Melhor, assim, acho que não. Ah, sei lá, mas tem pessoas assim que falam bem melhor que a gente.

1682 P.: Quem? E por quê?

1683 Inf. 12: Elas estudam mais, tipo, sabem mais as regras, essas coisas de ortografia, a gente já, entre os amigos, é diferente, assim, fala mais na gíria, assim, daí fica mais um pouco mais errado, eu acho.

1687

1688 QUESTÃO 08:

1689 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

1690 Inf. 12: Não.

1691 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

1692 Inf. 12: A da mulher, né, por causa que a mulher fala um pouco mais certo, o homem não, ele já fala na gíria, alguns, né.

1694

1695 QUESTÃO 09:

1696 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

1697 Inf. 12: Sim.

1698 P.: Quem fala melhor?

1699 Inf. 12: Não sei, acho que é os idosos.

1700 P.: Explique sua resposta.

1701 Inf. 12: Os jovens ainda falam do jeito que aprende na rua, daí os mais idosos falam mais porque eles aprenderam antes.

1703

1704 QUESTÃO 10:

1705 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

1706 Inf. 12: Falam bem diferente.

1707 P.: Comente isso.

1708 Inf. 12: Na escola, você aprende algumas coisas de Português, algumas línguas diferentes, aí você fala mais certo do que as pessoas que não tem estudo. Quem não tem estudo vai falar do jeito que aprendeu com a mãe e com o pai.

1711

1712 QUESTÃO 11:

1713 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

1714 Inf. 12: Não.

1715 P.: Justifique sua resposta.

1716 Inf. 12: Ah, por causa que cada um tem seu jeito de falar, não é todos que falam igual a você, mas a fala dele ele fala certo.

1718

1719 QUESTÃO 12:

1720 P.: O que é falar errado?

1721 Inf. 12: Falar errado, pra mim, não sei, eu acho que é, assim, toda coisa que a gente fala, assim, tem um significado, né, então tem que entender o significado.

1723

1724 QUESTÃO 13:

1725 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

- 1726 Inf. 12: Eu me sinto meio nervoso, é difícil perguntar pra pessoa, falar com ela com jeitinho e tal.
1727
- 1728 P.: O que você faz geralmente, quando você não entende?
1729 Inf. 12: Às vezes eu pergunto de novo, falo pra ela falar, tipo assim, explicar melhor.
1730 P.: Por quê?
1731 Inf. 12: Porque às vezes eu não entendo, daí, quando você não entende não tem como tem que
1732 perguntar mesmo.
1733
- 1734 QUESTÃO 14:
1735 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
1736 Inf. 12: Acho que deveria.
1737 P.: Por quê?
1738 Inf. 12: Porque a escola ensina só uma maneira de falar e tem várias maneiras, não é só uma.
1739
- 1740 QUESTÃO 15:
1741 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
1742 Inf. 12: Modo diferente tipo eu falo... Às vezes eu falo com os meus amigos e falo na gíria,
1743 assim?
1744 P.: Humhum.
1745 Inf. 12: A escola tinha que ensinar o Português correto, o Português que é falado, tipo assim,
1746 entre a gente. Ensinar as culturas, essas coisas que a escola tinha que ensinar mais.
1747
- 1748 QUESTÃO 16:
1749 P.: Em que lugares você ouve esses modos de falar diferentes que você falou que a escola
1750 deveria ensinar?
1751 Inf. 12: Em casa, com os avôs na rua falam diferente também, com os amigos.
1752
- 1753 QUESTÃO 17:
1754 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
1755 Inf. 12: Sim.
1756 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?
1757 Inf. 12: Não, porque eram palavras que eu não conhecia, assim, às vezes, conhecia a palavra,
1758 mas não o significado.
1759
- 1760 QUESTÃO 18:
1761 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?
1762 Inf. 12: Já, muitas vezes.
1763 P.: E o que você achou disso?
1764 Inf. 12: Achei correto, por causa que é aprendendo, quer dizer, é ensinando que se aprende.
1765
- 1766 QUESTÃO 19:
1767 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1768 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?
1769 Inf. 12: Cada um tem seu modo de falar, e tem que se aceitar isso. Não é todos que vão falar
1770 igual a você.
1771
- 1772 QUESTÃO 20 (por escrito):
1773 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:
1774 a. (C) Eu não vi
1775 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
1776 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

- 1777 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 1778 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 1779 f. (C) Tô fora.
 1780 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 1781 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
 1782 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 1783 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 1784 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 1785 l. (E) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 1786 m. (E) A gente vamos no cinema.

1787

1788

1789 13 Entrevista Com Informante 13

1790

1791 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

1792

1793 **Data: 21/11/2012**1794 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**1795 **Turma: 9º ANO**1796 **Informante: 13**1797 **Sexo: masculino**1798 **Idade: 15 anos**1799 **Natural de Martinópolis – SP**1800 **Naturalidade dos pais:**1801 **Pai: --**1802 **Mãe: --**1803 **Profissão dos pais:**1804 **Pai: Trabalha com gado**1805 **Mãe: Dona de casa**1806 **Escolaridade dos pais:**1807 **Pai: Ensino Fundamental incompleto**1808 **Mãe: Ensino Fundamental incompleto**

1809

1810 **QUESTÃO 01:**1811 **Pesquisadora: Que língua você fala?**1812 **Informante 13: Português.**

1813

1814 **QUESTÃO 02:**1815 **P.: Que língua você escreve?**1816 **Inf. 13: Português.**

1817

1818 **QUESTÃO 03:**1819 **P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?**1820 **Inf. 13: Ah, sei lá, bom pra nós, porque a gente sabe, não é de outro país.**

1821

1822 **QUESTÃO 04:**1823 **P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?**1824 **Inf. 13: Falam.**

1825

1826 **QUESTÃO 05:**1827 **P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?**

- 1828 Inf. 13: Em outros países, né, porque as pessoas que moram em outro lugar, falam diferente de
1829 nós.
- 1830
- 1831 QUESTÃO 06:
- 1832 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
- 1833 Inf. 13: Não.
- 1834
- 1835 QUESTÃO 07:
- 1836 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?
- 1837 Inf. 13: Às vezes têm alguns que falam melhor.
- 1838 P.: Se sim, quem?
- 1839 Inf. 13: Tem gente que fala mais certo e tem gente que fala mais errado.
- 1840 P.: Por quê?
- 1841 Inf. 13: Ah, porque tem gente que fala tudo errado e tem quem fala mais certo.
- 1842
- 1843 QUESTÃO 08:
- 1844 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
- 1845 Inf. 13: Não.
- 1846 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
- 1847 Inf. 13: A da mulher.
- 1848 P.: Por quê?
- 1849 Inf. 13: Ah, porque é mulher, né, não sei explicar, assim.
- 1850
- 1851 QUESTÃO 09:
- 1852 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
- 1853 Inf. 13: Sim.
- 1854 P.: Quem fala melhor?
- 1855 Inf. 13: Os idosos.
- 1856 P.: Explique sua resposta.
- 1857 Inf. 13: porque eles são mais velhos, né, sabem mais que nós, por que são mais antigos.
- 1858
- 1859 QUESTÃO 10:
- 1860 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
- 1861 Inf. 13: Não muito, né. Eles falam, mas não muito.
- 1862
- 1863 QUESTÃO 11:
- 1864 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?
- 1865 Inf. 13: Sim.
- 1866 P.: Por quê?
- 1867 Inf. 13: Porque, ah não sei explicação.
- 1868
- 1869 QUESTÃO 12:
- 1870 P.: O que é falar errado?
- 1871 Inf. 13: Falar errado é quando a pessoa... Ah, sei lá. Falar errado, tem gente que não tem estudo,
1872 né, fica mais em casa, aí parece que não sabe as coisas da escola.
- 1873 QUESTÃO 13:
- 1874 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
- 1875 Inf. 13: Ah, sente mal, né, porque não entende.
- 1876 P.: E o que você faz?
- 1877 Inf. 13: Ah, não falo nada, porque a gente não entende.
- 1878

1879 QUESTÃO 14:

1880 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

1881 Inf. 13: Sim. Porque tem que ensinar, pra nós sabermos mais as coisas, né, tipo, se a gente for pra
1882 outro lugar, outro país, pra passear, tem que saber as coisas.

1883 P.: E os modos de falar o Português?

1884 Inf. 13: Ah, não sei.

1885

1886 QUESTÃO 15:

1887 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

1888 Inf. 13: Inglês, espanhol, coisas de outros países.

1889 P.: Mas e os modos de falar o Português?

1890 Inf. 13: Ah, sei lá, acho que tem que ensinar.

1891

1892 QUESTÃO 16:

1893 P.: Em que lugares você ouve estes modos de falar diferentes?

1894 Inf. 13: Ah, tem gente que vem de fora e fala o Português, quem vem do Japão fala o Português
1895 diferente.

1896

1897 QUESTÃO 17:

1898 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

1899 Inf. 13: Não.

1900 P.: Ele já falou sobre variedade linguística?

1901 Inf. 13: Às vezes, fala.

1902 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

1903 Inf. 13: Ah é mais outro que fala, né.

1904

1905 QUESTÃO 18:

1906 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

1907 Inf. 13: Já.

1908 P.: E o que você achou disso?

1909 Inf. 13: Legal, porque tem que ensinar, porque é professor. E tipo assim se fala errado, tem que
1910 corrigir né.

1911

1912 QUESTÃO 19:

1913 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
1914 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

1915 Inf. 13: Não.

1916

1917 QUESTÃO 20 (por escrito):

1918 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

1919 a. (E) Eu não vi

1920 b. (E) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

1921 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

1922 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

1923 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

1924 f. (E) Tô fora.

1925 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

1926 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.

1927 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.

1928 j. (C) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.

1929 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.

- 1930 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 1931 m. (C) A gente vamos no cinema.

1932
 1933

1934 14 Entrevista Com Informante 14

1935

1936 **Data: 21/11/2012**

1937 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**

1938 **Turma: 9º ANO**

1939 **Informante: 14**

1940 **Sexo: masculino**

1941 **Idade: 14 anos**

1942 **Natural de Londrina - PR**

1943 **Naturalidade dos pais:**

1944 **Pai: Londrina – PR**

1945 **Mãe: Londrina – PR**

1946 **Profissão dos pais:**

1947 **Pai: Mecânico**

1948 **Mãe: Diarista**

1949 **Escolaridade dos pais:**

1950 **Pai: Ensino Médio incompleto**

1951 **Mãe: Ensino Médio completo**

1952

1953 **QUESTÃO 01:**

1954 Pesquisadora: Que língua você fala?

1955 Informante 14: Português.

1956

1957 **QUESTÃO 02:**

1958 P.: Que língua você escreve?

1959 Inf. 14: Português.

1960

1961 **QUESTÃO 03:**

1962 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

1963 Inf. 14: Ah, eu acho que é normal. É meio difícil, às vezes, mais que as outras.

1964

1965 **QUESTÃO 04:**

1966 P.: Aqui em Londrina existem pessoas que falam diferente de você?

1967 Inf. 14: Que falam diferente de onde que eu vim, assim?

1968 P.: É.

1969 Inf. 14: Acho que não.

1970

1971 **QUESTÃO 05:**

1972 --

1973

1974 **QUESTÃO 06:**

1975 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

1976 Inf. 14: Não é o mesmo. Ah, tem diferença na fala um do outro, de região.

1977

1978 **QUESTÃO 07:**

1979 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

1980 Inf. 14: Ah, tem uns que falam mais certo e outros não.

- 1981 P.: Quem?
- 1982 Inf. 14: Ah, os que assim fez escola.
- 1983 P.: Por que você acha isso?
- 1984 Inf. 14: Ah, porque eles não tiveram bem a escola.
- 1985
- 1986 QUESTÃO 08:
- 1987 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
- 1988 Inf. 14: Ah, uns sim, outros não.
- 1989 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
- 1990 Inf. 14: Ah, depende assim de quem. Mas, a mulher fala mais certo e o homem mais relaxado.
- 1991
- 1992 QUESTÃO 09:
- 1993 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
- 1994 Inf. 14: Os jovens falam mais as gírias e os idosos falam mais certo.
- 1995 P.: Quem fala melhor?
- 1996 Inf. 14: Pra mim assim é os idosos, mas eu falo mais a dos jovens, né.
- 1997 P.: Explique sua resposta, por que você acha que os idosos falam melhor?
- 1998 Inf. 14: Porque quando as pessoas são idosos assim já não tem mais de ficar a vontade assim como os jovens. Os jovens fazem as coisas mais... e quando são idosos perde a graça, eu acho.
- 1999
- 2000
- 2001 QUESTÃO 10:
- 2002 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
- 2003 Inf. 14: Quem tem escolaridade fala diferente, às vezes, porque tem uns também, né, que a mãe
- 2004 ensina.
- 2005 P.: Comente isso.
- 2006 Inf. 14: Ah, os que não vieram pra escola, às vezes, a mãe ajuda assim a estudar.
- 2007
- 2008 QUESTÃO 11:
- 2009 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?
- 2010 Inf. 14: Não errado, mas é bom falar do jeito das pessoas mais estudadas.
- 2011 P.: Justifique sua resposta.
- 2012 Inf. 14: Ah, não é errado falar de um jeito diferente, mas... porque não é muito diferente.
- 2013
- 2014 QUESTÃO 12:
- 2015 P.: O que é falar errado?
- 2016 Inf. 14: Ah, falar errado é falar de qualquer jeito, é as pessoas falam assim de um jeito e outra de
- 2017 outro.
- 2018
- 2019 QUESTÃO 13:
- 2020 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
- 2021 Inf. 14: Ah, eu demoro assim pra entender o que eles falam.
- 2022 P.: O que você faz?
- 2023 Inf. 14: Eu tento entender, você vê se dá pra ver se consegue entender.
- 2024
- 2025 QUESTÃO 14:
- 2026 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
- 2027 Inf. 14: Eu acho que não, que de outras regiões assim está certo que falam diferente o Português,
- 2028 mas geralmente não deve ensinar.
- 2029
- 2030 QUESTÃO 15:
- 2031 --

2032 QUESTÃO 16:

2033 P.: Em que lugares você ouve os modos de falar diferente o Português?

2034 Inf. 14: Cada lugar tem um jeito, né. Tem as regiões do norte, que falam bem diferente, né.

2035

2036 QUESTÃO 17:

2037 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

2038 Inf. 14: Acho que não.

2039 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

2040 Inf. 14: É, eu já escuto de antes.

2041

2042 QUESTÃO 18:

2043 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

2044 Inf. 14: Que eu lembre não.

2045

2046 QUESTÃO 19:

2047 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

2049 Inf. 14: Não.

2050

2051 QUESTÃO 20 (por escrito):

2052 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

2053 a. (C) Eu não vi

2054 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

2055 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

2056 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

2057 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.

2058 f. (C) Tô fora.

2059 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.

2060 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.

2061 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.

2062 j. (C) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.

2063 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.

2064 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.

2065 m. (E) A gente vamos no cinema.

2066

2067

2068 15 Entrevista Com Informante 15

2069

2070 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

2071

2072 **Data: 21/11/2012**

2073 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**

2074 **Turma: 9º ANO**

2075 **Informante: 15**

2076 **Sexo: feminino**

2077 **Idade: 14 anos**

2078 **Natural de Londrina – PR**

2079 **Naturalidade dos pais:**

2080 **Pai: Londrina - PR**

2081 **Mãe: Londrina - PR**

- 2082 **Profissão dos pais:**
2083 **Pai: falecido**
2084 **Mãe: Domestica**
2085 **Escolaridade dos pais:**
2086 **Pai: Ensino Fundamental incompleto**
2087 **Mãe: Ensino Fundamental incompleto**
2088
2089 **QUESTÃO 01:**
2090 Pesquisadora: Que língua você fala?
2091 Informante 15: Português.
2092
2093 **QUESTÃO 02:**
2094 P.: Que língua você escreve?
2095 Inf. 15: Português.
2096
2097 **QUESTÃO 03:**
2098 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?
2099 Inf. 15: Mais fácil.
2100
2101 **QUESTÃO 04:**
2102 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?
2103 Inf. 15: Não.
2104
2105 **QUESTÃO 05:**
2106 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?
2107 Inf. 15: --
2108
2109 **QUESTÃO 06:**
2110 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?
2111 Inf. 15: Sim.
2112
2113 **QUESTÃO 07:**
2114 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Quem? Que tipo de
2115 pessoa?
2116 Inf. 15: Jornalistas.
2117 P.: Por quê?
2118 Inf. 15: Por que eles tem mais estudo.
2119
2120 **QUESTÃO 08:**
2121 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?
2122 Inf. 15: Não.
2123 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?
2124 Inf. 15: A da mulher.
2125 P.: Por quê?
2126 Inf. 15: Porque já tem um jeito de conversar mais certo, eu acho.
2127
2128 **QUESTÃO 09:**
2129 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?
2130 Inf. 15: Sim.
2131 P.: Quem fala melhor?
2132 Inf. 15: Os jovens.

- 2133 P.: Explique sua resposta.
2134 Inf. 15: Porque os idosos falam no tempo deles, falam errado.
2135
2136 QUESTÃO 10:
2137 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?
2138 Inf. 15: Sim.
2139 P.: Comente isso.
2140 Inf. 15: Porque a pessoa quando não tem escolaridade, não fala e não sabe escrever. Já quem
2141 tem, aprende mais e sabe escrever.
2142
2143 QUESTÃO 11:
2144 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?
2145 Inf. 15: Não.
2146 P.: Por quê?
2147 Inf. 15: Porque, é só que está falando diferente.
2148
2149 QUESTÃO 12:
2150 P.: O que é falar errado?
2151 Inf. 15: É quando você sabe que uma coisa é daquele jeito, mas você fala errado.
2152
2153 QUESTÃO 13:
2154 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
2155 Inf. 15: Eu penso que ela é burra mesmo.
2156 P.: A pessoa?
2157 Inf. 15: Humhum.
2158 P.: E o que você faz?
2159 Inf. 15: Ah, Eu pergunto de novo.
2160 P.: Por quê?
2161 Inf. 15: É porque eu acho que ela que fala errado.
2162
2163 QUESTÃO 14:
2164 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
2165 Inf. 15: Sim.
2166 P.: Por quê?
2167 Inf. 13: Ah, sei lá, porque... precisapraficar.
2168
2169 QUESTÃO 15:
2170 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
2171 Inf. 15: A ter criatividade, não só escrever, mas falar mais, praticar.
2172
2173 QUESTÃO 16:
2174 P.: Em que lugares você ouve estes modos de falar diferentes?
2175 Inf. 15: Eu nunca vi falar, só os jornalistas mesmo.
2176 QUESTÃO 17:
2177 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
2178 Inf. 15: Sim.
2179 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?
2180 Inf. 15: Não.
2181
2182 QUESTÃO 18:
2183 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

- 2184 Inf. 15: Já.
- 2185 P.: E o que você achou disso?
- 2186 Inf. 15: Interessante, porque ele está mostrando como falar correto.
- 2187
- 2188 QUESTÃO 19:
- 2189 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
- 2190 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?
- 2191 Inf. 15: Não.
- 2192
- 2193 QUESTÃO 20 (por escrito):
- 2194 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:
- 2195 a. (C) Eu não vi
- 2196 b. (E) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
- 2197 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
- 2198 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
- 2199 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
- 2200 f. (E) Tô fora.
- 2201 g. (E) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
- 2202 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
- 2203 i. (E) A gente combinou de sair hoje à tarde.
- 2204 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
- 2205 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
- 2206 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
- 2207 m. (E) A gente vamos no cinema.
- 2208
- 2209
- 2210 16 Entrevista Com Informante 16
- 2211
- 2212 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**
- 2213
- 2214 **Data: 21/11/2012**
- 2215 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**
- 2216 **Turma: 9º ANO**
- 2217 **Informante: 16**
- 2218 **Sexo: feminino**
- 2219 **Idade: 15 anos**
- 2220 **Natural de Açaí – PR**
- 2221 **Naturalidade dos pais:**
- 2222 **Pai: Londrina - PR**
- 2223 **Mãe: Londrina - PR**
- 2224 **Profissão dos pais:**
- 2225 **Pai: Carpinteiro**
- 2226 **Mãe: Domestica**
- 2227 **Escolaridade dos pais:**
- 2228 **Pai: Ensino Fundamental incompleto**
- 2229 **Mãe: Ensino Fundamental incompleto**
- 2230
- 2231 QUESTÃO 01:
- 2232 Pesquisadora: Que língua você fala?
- 2233 Informante 16: Português.
- 2234

2235 QUESTÃO 02:

2236 P.: Que língua você escreve?

2237 Inf. 16: Português.

2238

2239 QUESTÃO 03:

2240 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

2241 Inf. 16: Ah, eu penso assim que se não fosse ela, como que a gente ia falar?

2242

2243 QUESTÃO 04:

2244 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?

2245 Inf. 16: Acho que tem.

2246 QUESTÃO 05:

2247 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

2248 Inf. 16: Curitiba, Maringá, em vários lugares.

2249

2250 QUESTÃO 06:

2251 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

2252 Inf. 16: Não.

2253

2254 QUESTÃO 07:

2255 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Quem? Que tipo de pessoa?

2256 Inf. 16: Sim. Os professores.

2257 P.: Por quê?

2258 Inf. 16: Por que eles são mais estudados.

2259

2260 QUESTÃO 08:

2261 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

2262 Inf. 16: Alguns sim, alguns não.

2263 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou da mulher?

2264 Inf. 16: A da mulher.

2265 P.: Por quê?

2266 Inf. 16: Ah, não sei, eu acho a da mulher mais bonita.

2267

2268 QUESTÃO 09:

2269 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

2270 Inf. 16: Sim.

2271 P.: Quem fala melhor?

2272 Inf. 16: Os jovens.

2273 P.: Explique sua resposta.

2274 Inf. 16: Porque os idosos já estão velhos, não sabem falar, eles falam o que vem na telha. E os jovens já falam certinho e tudo, mas alguns não.

2275

2276 QUESTÃO 10:

2277 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

2278 Inf. 16: Não vejo diferença.

2279 P.: Pessoas com escolaridade e sem escolaridade?

2280 Inf. 16: É.

2281

2282 QUESTÃO 11:

2283 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

2284

- 2286 Inf. 16: Não.
2287 P.: Por quê?
2288 Inf. 16: Pra mim é a mesma coisa. “Falar diferente é falar errado”, acho que não tem nada a ver
2289 não.
2290
2291 QUESTÃO 12:
2292 P.: O que é falar errado?
2293 Inf. 16: Falar errado, por exemplo, eu falo “exemplo”, mas o cara, “esemplo”, ele fala errado,
2294 mas não é errado, tá no modo correto, só é diferente.
2295
2296 QUESTÃO 13:
2297 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?
2298 Inf. 16: Eu me sinto boba, atrapalhada.
2299 P.: E o que você faz?
2300 Inf. 16: Eu pergunto de novo.
2301 P.: Por quê?
2302 Inf. 16: Porque eu não entendi.
2303
2304 QUESTÃO 14:
2305 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?
2306 Inf. 16: Sim.
2307 P.: Por quê?
2308 Inf. 16: Porque a gente já fala o modo mais correto, então tem que ter outro modo, né, pra todos.
2309
2310 QUESTÃO 15:
2311 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?
2312 Inf. 16: Ah, eu não sei.
2313
2314 QUESTÃO 16:
2315 P.: Em que lugares você ouve estes modos de falar diferentes?
2316 Inf. 16: Ah, em vários lugares, tem vários tipos de modos de falar.
2317 P.: Quais por exemplo?
2318 Inf. 16: Assim, em países, você diz?
2319 P.: Não, em lugares aqui mesmo.
2320 Inf. 16: A minha família fala diferente, e cada um fala de um jeito, amigo, claro que tem.
2321
2322 QUESTÃO 17:
2323 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?
2324 Inf. 16: Sim.
2325 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?
2326 Inf. 16: Não.
2327 P.: Você não conhecia? Sua família não usava esses diferentes modos de falar?
2328 Inf. 16: Não.
2329 QUESTÃO 18:
2330 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?
2331 Inf. 16: Já.
2332 P.: E o que você achou disso?
2333 Inf. 16: Pra mim é normal, porque não é só os professores, tem muita gente que hoje em dia
2334 corrige a gente.
2335
2336

2337 QUESTÃO 19:

2338 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouviu aqui no Brasil, no
 2339 Paraná e em Londrina, você gostaria de falar mais alguma coisa?
 2340 Inf. 16: Não.

2341
 2342 QUESTÃO 20 (por escrito):

2343 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

- 2344 a. (C) Eu não vi
 2345 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
 2346 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
 2347 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
 2348 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 2349 f. (C) Tô fora.
 2350 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 2351 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
 2352 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 2353 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 2354 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 2355 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 2356 m. (C) A gente vamos no cinema.

2357

2358

2359 17 Entrevista Com Informante 17

2360

2361 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

2362

2363 **Data: 21/11/2012**

2364 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**

2365 **Turma: 9º ANO**

2366 **Informante: 17**

2367 **Sexo: feminino**

2368 **Idade: 15 anos**

2369 **Natural de Londrina – PR**

2370 **Naturalidade dos pais:**

2371 **Pai: -- - MG**

2372 **Mãe: Londrina - PR**

2373 **Profissão dos pais:**

2374 **Pai: pedreiro**

2375 **Mãe: diarista**

2376 **Escolaridade dos pais:**

2377 **Pai: não estudou**

2378 **Mãe: Ensino Fundamental completo**

2379

2380 QUESTÃO 01:

2381 Pesquisadora: Que língua você fala?

2382 Informante 17: Português.

2383

2384 QUESTÃO 02:

2385 P.: Que língua você escreve?

2386 Inf. 17: Português.

2387

2388 QUESTÃO 03:

2389 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

2390 Inf. 17: Ah, sei lá. Eu acho que é mais fácil pra gente, por que a língua inglês é bem mais difícil
2391 pra gente que estuda aqui no país, e pra quem aprende inglês é bem mais difícil aprender o
2392 Português.

2393

2394 QUESTÃO 04:

2395 P.: Aqui em Londrina, em toda a região mesmo, existem pessoas que falam diferente de você?

2396 Inf. 17: Sim.

2397 QUESTÃO 05:

2398 P.: Em que lugares você ouviu modos diferentes de falar o Português?

2399 Inf. 17: Em todo lugar, aqui em Paiquerê mesmo, eu já ouvi.

2400

2401 QUESTÃO 06:

2402 P.: O Português que você ouviu entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

2403 Inf. 17: O Português é.

2404

2405 QUESTÃO 07:

2406 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

2407 Inf. 17: Tem gente que fala errado e tem gente que fala certo.

2408 P.: Quem?

2409 Inf. 17: A professora de Português fala bem melhor do que a gente, sabe? A gente fala errado e
2410 ela corrige a gente.

2411 P.: Por que você acha isso, que a professora de Português fala melhor?

2412 Inf. 17: Por que ela estudou.

2413

2414 QUESTÃO 08:

2415 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

2416 Inf. 17: Sim.

2417

2418 QUESTÃO 09:

2419 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

2420 Inf. 17: Falam.

2421 P.: Quem fala melhor?

2422 Inf. 17: Os jovens.

2423 P.: Explique sua resposta.

2424 Inf. 17: Os jovens falam melhor, os idosos falam bem... bem meio que errado né, parece que eles
2425 não tiveram oportunidade de estudar o Português.

2426

2427 QUESTÃO 10:

2428 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

2429 Inf. 17: Sim.

2430 P.: Comente isso.

2431 Inf. 17: Porque quem tem escolaridade estudou o Português melhor do que quem não tem.

2432 Normalmente, as pessoas que não estudou falam tudo errado.

2433

2434 QUESTÃO 11:

2435 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

2436 Inf. 17: Não.

2437 P.: Por quê?

2438 Inf. 17: Depende se a pessoa está falando certo ou errado.

2439 QUESTÃO 12:

2440 P.: O que é falar errado?

2441 Inf. 17: Falar errado é igual ele fala normal, é falar... Ah não sei o que é falar errado.

2442

2443 QUESTÃO 13:

2444 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

2445 Inf. 17: Burra.

2446 P.: E o que você faz?

2447 Inf. 17: Eu pergunto o que que é.

2448 P.: Por que que você acha que tem que perguntar?

2449 Inf. 17: Pra aprender, porque se eu estou conversando com você e você fala uma coisa que eu

2450 não entendi, e eu perguntar pra você o que é e você me explicar, e se eu estiver conversando com

2451 outra pessoa e ela falar, eu já vou saber o que é, ela não vai precisar explicar de novo.

2452

2453 QUESTÃO 14:

2454 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

2455 Inf. 17: Sim.

2456 P.: Por quê?

2457 Inf. 17: Pra gente não passar vergonha.

2458

2459 QUESTÃO 15:

2460 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

2461 Inf. 17: O modo certo.

2462

2463 QUESTÃO 16:

2464 P.: Em que lugares você ouve estes modos de falar diferentes?

2465 Inf. 17: Só na escola.

2466

2467 QUESTÃO 17:

2468 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

2469 Inf. 17: Mais ou menos, às vezes ela fala um pouco pra gente, aí ela começa a explicar.

2470 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

2471 Inf. 17: Não.

2472

2473 QUESTÃO 18:

2474 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

2475 Inf. 17: Já.

2476 P.: E o que você achou disso?

2477 Inf. 17: Bacana, né, ele ensinar a gente a falar certo.

2478

2479 QUESTÃO 19:

2480 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
2481 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

2482 Inf. 17: Não.

2483

2484 QUESTÃO 20 (por escrito):

2485 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

2486 a. (C) Eu não vi

2487 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.

2488 c. (C) Cada um leva o seu caderno.

2489 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.

- 2490 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
 2491 f. (C) Tô fora.
 2492 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
 2493 h. (E) Ele falou de que não sabia de nada.
 2494 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
 2495 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
 2496 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
 2497 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
 2498 m. (E) A gente vamos no cinema.

2499

2500

2501 18 Entrevista Com Informante 18

2502

2503 **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA**

2504

2505 **Data: 21/11/2012**2506 **Ponto/Localidade: Rural - Londrina**2507 **Turma: 9º ANO**2508 **Informante: 18**2509 **Sexo: masculino**2510 **Idade: 18 anos**2511 **Natural de Alagoas**2512 **Naturalidade dos pais:**2513 **Pai: Alagoas**2514 **Mãe: Campinas – SP**2515 **Profissão dos pais:**2516 **Pai: pedreiro**2517 **Mãe: trabalha em um *buffet***2518 **Escolaridade dos pais:**2519 **Pai: Ensino Fundamental completo**2520 **Mãe: Ensino Fundamental completo**

2521

2522 **QUESTÃO 01:**

2523 Pesquisadora: Que língua você fala?

2524 Informante 18: Português.

2525

2526 **QUESTÃO 02:**

2527 P.: Que língua você escreve?

2528 Inf. 18: Português.

2529

2530 **QUESTÃO 03:**

2531 P.: O que você pensa sobre a língua que você fala e escreve?

2532 Inf. 18: Ah, tem muita vírgula, muito parágrafo, tem verbo demais. Ela é rica em substantivo, adjetivo, verbo, essas coisas.

2534

2535 **QUESTÃO 04:**

2536 P.: Aqui em Londrina existem pessoas que falam diferente de você?

2537 Inf. 18: Existe, tipo meio sotaque nordestino. Tem pessoas que falam em língua diferente também.

2539

2540

2541 QUESTÃO 05:

2542 P.: Em que lugares você ouve modos diferentes de falar o Português?

2543 Inf. 18: Na área de serviço, em lugares que a gente vai, ou pessoas que vem de fora, que emigram né.

2545

2546 QUESTÃO 06:

2547 P.: O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

2548 Inf. 18: Não, os colegas falam tudo na gíria.

2549 QUESTÃO 07:

2550 P.: Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor?

2551 Inf. 18: Na minha região existem, algumas pessoas que tem tudo, mas tem umas que estão acostumados a falar meio na língua antiga assim, acho que é por causa do sotaque. Mas tem pessoas que falam certinho o Português, porque a maioria estuda.

2554

2555 QUESTÃO 08:

2556 P.: Homens e mulheres falam da mesma forma?

2557 Inf. 18: Não.

2558 P.: Qual fala é a mais bonita, a do homem ou a da mulher?

2559 Inf. 18: A da mulher, ela fala mais manso. E o homem não, ele já usa o sotaque no meio... “Oh muié!”.

2561

2562 QUESTÃO 09:

2563 P.: Jovens e idosos falam de maneira diferente?

2564 Inf. 18: Falam. Se os idosos forem falar, você tem que prestar muita atenção pra poder escutar, porque tem uns que falam baixo, ou então na hora de falar, você tem que falar mais alto, porque tem uns que escuta menos. E os jovens não, têm uns jovens que nasceram assim, mais é raro.

2567 P.: Quem fala melhor?

2568 Inf. 18: Os jovens.

2569 P.: Explique sua resposta.

2570 Inf. 18: Depende, porque o idoso que tem bastante estudo na vida, fala melhor. E tem muitos jovens que não falam muito certo, os jovens de hoje, os que não conhecem muito bem os estudos, só falam na gíria.

2573

2574 QUESTÃO 10:

2575 P.: Pessoas com escolaridade e pessoas sem escolaridade falam diferente?

2576 Inf. 18: Sim.

2577 P.: Comente isso.

2578 Inf. 18: Porque quem tem estudo já está e quem não tem pode até falar o Português, mas não fala corretamente porque eles se esquecem de usar ponto e vírgulas, ou usa gíria.

2580

2581 QUESTÃO 11:

2582 P.: Você acha que falar diferente é falar errado?

2583 Inf. 18: Não. Eu acho que falar diferente é aquelas coisas que cada um tem a sua cultura. E cabe a nós respeitarmos cada cultura que cada um tem.

2585

2586 QUESTÃO 12:

2587 P.: O que é falar errado?

2588 Inf. 18: Falar errado é falar é tipo assim o falar normal, é falar o Português incorretamente. É falar tipo eu vou à Londrina, e tem gente que fala eu vou pra Londrina.

2590

2591

2592 QUESTÃO 13:

2593 P.: Quando alguém fala de maneira diferente e você não entende, como você se sente?

2594 Inf. 18: Comigo assim, nunca aconteceu, mas quando acontece, eu fico em dúvida, não entendo,
2595 mas é normal a pessoa falar alguma palavra que você não entende, vai ver tem um sotaque
2596 diferente né.

2597 P.: E o que você faz?

2598 Inf. 18: Eu tento aprender.

2599 P.: Por quê?

2600 Inf. 18: Porque, pra não reclamar pra pessoa, eu acho que a pessoa pode ficar até muito brava
2601 com o que eu vou falar, se eu não entender.

2602

2603 QUESTÃO 14:

2604 P.: A escola deveria ensinar modos diferentes de falar o Português?

2605 Inf. 18: Pra pessoa ter uma diferença, eu acho que seria até bom, porque tem muito Português
2606 que é quase igual ao que nós falamos errado. Acho que é bom ter.

2607

2608 QUESTÃO 15:

2609 P.: Quais modos diferentes em sua opinião?

2610 Inf. 18: A gíria, sotaque diferente, tipo baiano, nordestino... Eles ensinam na escola, o sotaque,
2611 porque não é igual.

2612

2613 QUESTÃO 16:

2614 P.: Em que lugares você ouve estes modos de falar diferentes?

2615 Inf. 18: Ah área de trabalho, na escola, nos lugares que a gente vai né.

2616

2617 QUESTÃO 17:

2618 P.: O professor de Português mostra os diferentes modos de falar durante a aula?

2619 Inf. 18: Ele mostra, tipo assim, como que é o correto. Ele fala corretamente, mas nem tudo, errar
2620 é humano.

2621 P.: Você já conhecia ou utilizava algum desses modos diferentes?

2622 Inf. 18: Bom eu falo diferente de vez em quando, mas eu falo, tipo assim, se tem uma roda de
2623 colegas, e eu chego lá, eu começo a falar igual a eles, mas os caras dali são diferentes. Se eu vou
2624 conversar com outra pessoa, eu já mudo o sotaque, eu converso como a outra pessoa conversa.

2625

2626 QUESTÃO 18:

2627 P.: O professor já corrigiu a fala de algum aluno em sala de aula?

2628 Inf. 18: Já. A minha já.

2629 P.: E o que você achou disso?

2630 Inf. 18: Eu acho interessante, né. Porque, na hora assim a gente fica meio sem jeito, mas é bom
2631 corrigir, porque o meu pai também me corrigia, e olha como eu estou. Eu sou um rapaz que
2632 aprendi a trabalhar, aprendi a respeitar os outros, sempre foi na base do aprendizado. Então, eu
2633 acho que a professora deve estar certa de corrigir o aluno. Ela estaria errada em não corrigir.

2634

2635 QUESTÃO 19:

2636 P.: Sobre a multiplicidade de modos de falar a mesma língua que você ouve no Brasil, no Paraná
2637 e em Londrina, poderia falar mais alguma coisa?

2638 Inf. 18: Não, é só isso, porque esse negócio de gíria aí está cada dia aumentando.

2639

2640 QUESTÃO 20 (por escrito):

2641 Classifique como certo (C) ou errado (E) as seguintes frases:

2642 a. (E) Eu não vi

- 2643 b. (C) Chegou aqui depois de muito tempo as garrafas encomendadas.
2644 c. (C) Cada um leva o seu caderno.
2645 d. (E) Marcelo fez um inzame de ciência.
2646 e. (E) Os homemandano na rua, encontrou a gata.
2647 f. (E) Tô fora.
2648 g. (C) Eu lhe vi, mas não lhe reconheci.
2649 h. (C) Ele falou de que não sabia de nada.
2650 i. (C) A gente combinou de sair hoje à tarde.
2651 j. (E) Esqueci de comprar o pão, meu velho vai pegá no pé.
2652 k. (C) Nós vamos ao cinema com nossos amigos da escola.
2653 l. (C) O vestidinho da menininha era vermelhinho.
2654 m. (E) A gente vamos no cinema.